

A construção do socialismo na URSS (I)

(Publicado no jornal *Hora do Povo*, edição de 1 de Dezembro de 2006)

Iniciamos hoje, neste caderno especial, ao qual seguirá outro na próxima edição, a publicação dos capítulos da “História do Partido Comunista (bolchevique) da URSS” referentes à construção do socialismo naquele país. O texto corresponde à íntegra das duas seções finais do capítulo VII e dos capítulos VIII, IX, X, XI e XII da obra, publicada em 1938 na URSS.

Na segunda metade da década de 30 do século XX, o Partido Comunista da União Soviética, que tinha - nas palavras de seu fundador, Lenin - a honra de chamar-se “bolchevique”, já havia, em poucos anos, percorrido um longo e extraordinário caminho. Em pouco mais de 30 anos, desde sua formação a partir dos círculos de revolucionários que lutavam contra o absolutismo czarista, o partido havia vencido o oportunismo dentro do movimento operário no princípio do século - de onde veio a palavra “bolchevique”, membros da maioria revolucionária do antigo Partido Operário Social Democrata Russo -, havia liderado o levante do povo durante a Revolução de 1905 e estado à frente da classe operária e do campesinato na primeira revolução socialista da História, em outubro de 1917.

Foram anos de luta heróica e abnegada, em condições extremamente difíceis. Nenhum outro partido do mundo havia, na época, conseguido formular com tal clareza a teoria - a estratégia e a tática - da revolução democrática e da revolução socialista, assim como a justa resolução das questões nacionais, e resgatado o marxismo, escamoteado pela direção da II Internacional após a derrota da Comuna de Paris. Pouco após a morte de Lenin, em 1924, José Stalin, no prefácio de seu livro “Fundamentos do Leninismo”, sintetizaria: “a Rússia tinha de converter-se no ponto de convergência das contradições do imperialismo, não apenas no sentido de que, precisamente na Rússia, essas contradições colocavam-se explicitamente com maior facilidade por causa do seu caráter especialmente monstruoso e intolerável, e não só porque a Rússia era o apoio mais importante do imperialismo ocidental, o alicerce que unia o capital financeiro do Ocidente com as colônias do Oriente, mas também porque apenas na Rússia é que existia uma força real capaz de resolver as contradições imperialistas pela via revolucionária”. Esta força real era o proletariado russo, à frente do qual estava Lenin e o partido bolchevique.

No entanto, apesar da grandeza das batalhas anteriores, a próxima seria muito maior. Seria, aliás, a maior já travada na História da Humanidade. Lenin já havia apontado que a tomada do poder, apesar de todas as vicissitudes enfrentadas pelos bolcheviques, era relativamente fácil quando comparada ao que em seguida era necessário empreender: a construção, pela primeira vez na face da Terra, do socialismo, um novo modo de produção, uma nova sociedade - solidária, consciente, coletivista, sem exploração e radicalmente democrática.

É esse feito titânico, realizado pelo povo soviético, do qual emerge a gigantesca figura de José Stalin, que é relatado nos capítulos da “História do Partido Comunista (bolchevique) da URSS” que hoje oferecemos aos nossos leitores.

Como seria e é inevitável, a construção do socialismo na URSS foi reiteradamente vilipendiada pelos imperialistas, pelos exploradores, e por aqueles que se fizeram seus agentes e porta-vozes. Mais do que vilipendiada, tanto no plano externo, onde montou-se um cerco para asfixiar o país dos soviéticos, quanto no plano interno, onde aqueles poucos

que não conseguiram superar seu alucinado individualismo passaram à sabotagem e ao terrorismo contra o Estado socialista, contra o partido e contra a sua direção, a construção do socialismo fez frente a uma acirrada, aguda e criminosa resistência, mais criminosa ainda após o golpe de Hitler na Alemanha e a articulação dos sabotadores internos com o nazismo. Naturalmente, não se poderia - e não se pode - esperar que os inimigos da revolução a apóiem e a aplaudam...

Porém, era evidente para Stalin e para o partido que novas provas se aproximavam para o povo soviético, e que, por mais difíceis que fossem, seria necessário superá-las. Em 1938, quando o Comitê Central do partido aprovou a publicação da sua História, o mundo estava à beira da mais cruel e sangrenta guerra até então já travada. Era necessário vencer o imperialismo na sua forma mais degenerada - o nazismo. Para isso, a condição era que o partido e o povo estivessem, antes de tudo, conscientes de sua trajetória, de sua luta, de suas conquistas e de sua capacidade de vencer os mais inauditos desafios que a realidade lhes colocassem. Não se defende um país, ou o quer que seja, senão quando se acha que vale a pena defendê-lo. A debacle de vários países da Europa diante de Hitler provaria à exaustão esta verdade elementar. Porém, mais ainda ela seria demonstrada pelo heroísmo em massa e pela vitória do povo soviético contra o mesmo inimigo.

Essa foi a função que assumiu a “História do Partido Comunista (bolchevique) da URSS” e, não por acaso, o próprio Stalin coordenou a comissão do partido que a redigiu, contribuindo para ela com o seu capítulo mais conhecido, a profunda síntese das questões fundamentais do marxismo posteriormente editada em livro sob o nome “Materialismo Dialético e Materialismo Histórico”.

A força da “História do Partido Comunista (bolchevique) da URSS” está em seu rigoroso apego à verdade. Caso contrário, seria impossível que ela tivesse o efeito que teve no partido e no povo soviéticos. Estes haviam vivido os acontecimentos relatados pela obra. O mesmo impacto causado pela verdade foi percebido por outros povos do mundo - principalmente depois da II Guerra - e o leitor poderá comprová-lo, quase 70 anos depois, ao ler o que agora publicamos.

CARLOS LOPES

A luta pela consolidação do poder soviético – A paz de Brest-Litovsk O 7º Congresso do Partido Bolchevique

Para consolidar o poder soviético era necessário demolir o antigo aparelho do Estado burguês e substituí-lo pelo novo aparelho do Estado Soviético. Era necessário, também, liquidar os restos do regime de castas e de opressão nacional, abolir os privilégios da Igreja, derrotar a imprensa contra-revolucionária e as organizações contra-revolucionárias de todo gênero, tanto legais como ilegais, e dissolver a Assembléia Constituinte burguesa. Por último, era necessário nacionalizar toda a grande indústria, e, sobretudo, sair da situação de guerra, acabar com a guerra, que era o maior obstáculo que se opunha à consolidação do poder soviético.

Todas estas medidas foram levadas à prática no transcurso de uns quantos meses, desde fins de 1917 a meados de 1918.

Rompeu-se e liquidou-se a sabotagem dos funcionários nos velhos ministérios, organizados pelos social-revolucionários e os mencheviques. Foram suprimidos os ministérios, criando-se, para substituí-los, órgãos soviéticos de administração e os correspondentes Comissariados do Povo. Criou-se o Conselho Supremo de Economia Nacional, encarregado de dirigir a indústria do país. Organizou-se a Comissão Extraordinária de Toda a Rússia (a “Tcheca”) para combater a contra-revolução e a sabotagem, pondo-se à frente dela F. Dzerzhinski. Baixou-se um decreto criando o Exército Vermelho e a Marinha Vermelha. Dissolveu-se a Assembléia Constituinte, que tinha sido eleita, fundamentalmente, antes da revolução de Outubro, e tinha se negado a confirmar os decretos do 2º Congresso dos Soviets sobre a paz, sobre a terra e sobre a instauração do poder soviético.

Com o objetivo de liquidar definitivamente os resíduos do feudalismo, do regime de castas e da desigualdade de direitos em todos os graus da vida social baixou-se uma série de decretos abolindo os privilégios de casta, suprimindo as restrições nacionais e religiosas, separando a Igreja do Estado e a Escola da Igreja, e concedendo igualdade de direitos às mulheres e às diversas nacionalidades da Rússia.

Em um decreto especial, que se conhece com o nome de “Declaração de Direitos dos Povos da Rússia”, se estatuiu como lei o livre desenvolvimento dos povos de toda a Rússia e sua plena igualdade de direitos.

Com o objetivo de minar a força predatória da burguesia e de organizar a nova economia nacional e, sobretudo, a nova indústria soviética, foram nacionalizados os bancos, as estradas de ferro, o comércio exterior, a marinha mercante e toda a grande indústria, em seus diversos ramos: indústria carbonífera, metalúrgica, petrolífera, química, de construção de maquinaria, têxtil, açucareira, etc.

Com o objetivo de emancipar o país da dependência financeira e da exploração pelos capitalistas estrangeiros, foram anulados os empréstimos exteriores contraídos em nome da Rússia pelo czar e o governo provisório. Os povos do país soviético não tinham porque pagar as dívidas contraídas para prolongar a guerra de rapina que havia entregado o país escravizado às garras do capital estrangeiro.

Todas estas medidas e outras semelhantes atacavam pela base as forças da grande burguesia, dos latifundiários, da burocracia reacionária e dos partidos contra-revolucionários, consolidando consideravelmente o poder soviético no interior do país. Mas a situação não estaria plenamente resolvida, enquanto a Rússia se achasse em estado de guerra com a Alemanha e a Áustria. Para consolidar definitivamente o poder soviético era necessário pôr fim à guerra. Por isso, o Partido começou a luta pela paz desde os primeiros dias do triunfo da Revolução de Outubro.

O governo propôs a “todos os países beligerantes o estabelecimento de negociações imediatas para uma paz justa e democrática”. Mas os “aliados”, a Inglaterra e a França, se negaram a aceitar a proposta. Em vista da negativa da França e da Inglaterra de entabular negociações de paz, o governo soviético decidiu entrar em negociações com a Alemanha e a

Áustria. As negociações começaram no dia 3 de dezembro, em Brest-Litovsk. Em 5 de dezembro se assinou o convênio de armistício, isto é, de suspensão temporária das hostilidades.

As negociações de paz se desenrolaram numa situação em que a economia nacional entrava em descenso, em que todo o país estava cansado da guerra, as unidades militares abandonavam as trincheiras e as frentes desmoronavam. Durante as negociações se tornou claro que os imperialistas alemães pretendiam apoderar-se de enormes porções do território do antigo império czarista e converter a Polônia, a Ucrânia e os países do Báltico em estados vassallos da Alemanha.

Continuar a guerra nestas condições equivalia a jogar numa única cartada a existência da República Soviética, que acabava de nascer. Apresentava-se à classe operária e aos camponeses a necessidade de aceitar as duras condições de paz e recuar ante o mais perigoso bandoleiro daquele momento, o imperialismo alemão, para obter uma trégua, robustecer o poder soviético e criar um novo exército, o Exército Vermelho, capaz de defender o país contra os ataques de seus inimigos. Todos os contra-revolucionários, começando pelos mencheviques e os social-revolucionários e acabando pelos guardas brancos mais caracterizados, desencadearam uma furiosa campanha de agitação contra a assinatura da paz. Sua linha era clara: aspiravam romper as negociações de paz, provocar a ofensiva dos alemães e expor a um golpe o nascente poder soviético, pondo em perigo as conquistas dos operários e camponeses.

Nesta empresa tenebrosa, tinham como aliados Trotsky e seu escudeiro Bukharin. Este, com Radek e Piatakov, encabeçava o grupo antibolchevique que se disfarçava com o nome de grupo dos “comunistas de esquerda”. Trotsky e o grupo dos “comunistas de esquerda” travaram no seio do Partido uma luta furiosa contra Lênin, exigindo a continuação da guerra. Estes indivíduos faziam claramente o jogo dos imperialistas alemães e dos contra-revolucionários dentro do país, uma vez que trabalhavam para expor a nascente República Soviética, desprovida ainda de exército, aos golpes do imperialismo alemão. Era, verdadeiramente, uma política de provocadores, habilmente disfarçada com frases esquerdistas.

Em 10 de fevereiro de 1918, se interromperam as negociações de paz de Brest-Litovsk. Embora Lênin e Stalin insistissem, em nome do CC do Partido Bolchevique, para que se assinasse a paz, Trotsky, que era presidente da delegação soviética de paz enviada a Brest, traiu abertamente as instruções do Partido. Declarou que a República Soviética se negava a assinar a paz nas condições propostas pela Alemanha, e, ao mesmo tempo, comunicou aos alemães que os Soviets não fariam a guerra e continuariam desmobilizando o seu exército.

A coisa era monstruosa. Nem os próprios imperialistas alemães podiam esperar mais.

O governo alemão deu por terminado o armistício e passou à ofensiva. Os restos de nosso antigo exército não fizeram frente à ofensiva das tropas alemãs e começaram a dispersar-se. Os alemães avançaram rapidamente, ocupando territórios imensos e ameaçando Petrogrado. O imperialismo alemão, irrompendo no país dos Soviets, tinha como objetivo derrubar o poder soviético e converter o país numa colônia. O antigo exército czarista, que desmoronava, não podia fazer frente às legiões armadas do imperialismo alemão e recuava ante os golpes do exército inimigo.

Mas a intervenção armada dos imperialistas alemães provocou uma potente onda de ardor revolucionário dentro do país. A classe operária respondeu ao grito “A Pátria Socialista está em perigo!” lançado pelo Partido e o Governo Soviético, pondo em pé de guerra numerosas unidades do Exército Vermelho. Os jovens destacamentos do novo exército do povo revolucionário rechaçaram heroicamente a arremetida do bandoleiro imperialista alemão, armado até os dentes. Em Narva e em Pskov, os invasores alemães se chocaram com uma resposta enérgica. O seu avanço sobre Petrogrado foi contido. No dia em que as tropas do imperialismo alemão foram rechaçadas – 23 de fevereiro – nasceu o Exército Vermelho.

Já em 18 de fevereiro de 1918, o CC do Partido Bolchevique aprovava a proposta de Lênin de enviar um telegrama ao governo alemão sobre a conclusão imediata da paz. Para arrancar condições mais favoráveis, os alemães prosseguiram a ofensiva e até 22 de fevereiro o governo alemão não se mostrou disposto a assinar a paz, exigindo, além disso, condições muito mais duras que as iniciais.

Lênin, Stalin e Sverdlov tiveram de manter uma luta encarniçada no seio do Comitê Central contra Trotsky, Bukharin e demais trotskistas, até conseguir que se tomasse a resolução de negociar a paz. Lênin assinalou que Bukharin e Trotsky “ajudavam de fato aos imperialistas alemães e entravavam os avanços e o desenvolvimento da revolução na Alemanha” (Lênin, t. XXII pág. 307, ed. russa).

Em 23 de fevereiro, o CC resolveu aceitar as condições impostas pelo comando alemão e assinar o tratado de paz. A traição de Trotsky e Bukharin custou caro à República dos Soviets. Foram anexadas pela Alemanha a Letônia e a Estônia, além da Polônia; e a Ucrânia foi separada da República Soviética e convertida num Estado vassalo da Alemanha. Impôs-se, além disso, ao País Soviético a obrigação de pagar uma contribuição de guerra aos alemães.

Entretanto, os chamados “comunistas de esquerda” prosseguiram na luta contra Lênin, afundando-se cada vez mais no pântano da traição.

A sessão regional do Partido de Moscou, da qual os “comunistas de esquerda” (Bukharin, Osinski, Iakovleva, Stukov, Mantzev) conseguiram se apossar temporariamente, aprovou uma resolução divisionista de desconfiança no CC e declarou que considerava “quase inevitável a cisão do Partido em breve prazo”. E chegava até o extremo de incluir nesta resolução uma declaração anti-soviética! “No interesse da revolução internacional – diziam os “comunistas de esquerda” – consideramos conveniente aceitar a possibilidade da perda do poder soviético, que se está convertendo em um poder puramente formal”.

Lênin qualificou esta resolução de “excêntrica e monstruosa”.

Naquele momento, o Partido ainda não via claro a causa real da conduta antibolchevique de Trotsky e dos “comunistas de esquerda”. Mas o processo do bloco anti-soviético direitista–trotskista, levado a efeito recentemente (em começos de 1938), revelou que Bukharin e o grupo de “comunistas de esquerda”, dirigido por ele, se achavam já naquele tempo, juntamente com Trotsky e os social-revolucionários de “esquerda”, em relações secretas e conspirativas contra o Governo dos Soviets. Comprovou-se que Bukharin, Trotsky e seus cúmplices na conjuração tinham como objetivo romper o tratado de paz de Brest-Litovsk, prender V. I. Lênin, I. V. Stalin e I. M. Sverdlov, assassiná-los e formar um novo governo, composto de bukharinistas, trotskistas e social-revolucionários de “esquerda”.

Ao mesmo tempo em que organizavam clandestinamente este “complot” contra-revolucionário, o grupo dos “comunistas de esquerda”, apoiado por Trotsky, atacava abertamente o Partido Bolchevique, esperando cindi-lo e decompor suas fileiras. Mas, naqueles momentos difíceis, o Partido formou um bloco em torno de Lênin, Stalin e Sverdlov e apoiou o Comitê Central, tanto no problema da paz como nos demais problemas apresentados.

O grupo dos “comunistas de esquerda” ficou isolado e derrotado.

Para tomar uma decisão definitiva sobre o problema da paz, convocou-se o 7º Congresso do Partido Bolchevique.

O 7º Congresso, o primeiro que se convocava depois da tomada do poder, abriu suas sessões em 6 de março de 1918. Assistiram a ele 46 delegados com direito a palavra e voto, e 58 sem direito a votar. Estiveram representados neste Congresso 145 mil membros. Na realidade o Partido tinha já mais de 270 mil membros. Esta diferença se explica pelo caráter urgente do Congresso, o que impediu a muitas organizações enviar delegados, não tendo podido fazê-lo ainda as do território ocupado pelos alemães.

Informando sobre a paz de Brest-Litovsk, Lênin disse neste Congresso: “a dura crise que o nosso Partido atravessa, em virtude da formação dentro dele de uma oposição de

esquerda, é uma das maiores crises pelas quais passou a revolução russa” (Lênin, t. XXXII, pág. 321, ed. russa).

A resolução apresentada por Lênin sobre a paz de Brest-Litovsk foi aprovada por 30 votos contra 12 a 4 abstenções.

No dia seguinte à aprovação desta resolução, Lênin escrevia em seu artigo intitulado “Uma paz desgraçada”:

“Insuportavelmente duras são as condições de paz. Mas apesar de tudo, a história se imporá... Mãos à obra a trabalhar na organização, na organização e na organização! O futuro é nosso, sejam quais forem às provas por que passarmos” (Obra citada, pág. 288).

Na resolução aprovada pelo Congresso se advertia que seria inevitável que no futuro surgissem também ataques bélicos dos Estados imperialistas contra a República dos Soviets, razão pela qual o Congresso considerava dever fundamental tomar as medidas mais enérgicas e decisivas com o objeto de aumentar a disciplina no seio do Partido e a dos operários e camponeses em geral, pôr as massas em condições de defender abnegadamente a pátria socialista, organizar o Exército Vermelho e instruir militarmente toda a população.

O Congresso, depois de ratificar a justeza da linha leninista no problema da paz de Brest-Litovsk, condenou a posição de Trotsky e de Bukharin e estigmatizou a tentativa dos “comunistas de esquerda”, derrotados, de prosseguirem seu trabalho divisionista.

A assinatura da paz de Brest-Litovsk deu ao Partido a possibilidade de ganhar tempo para consolidar o poder soviético e pôr em ordem a economia do país.

A assinatura da paz deu ao Partido a possibilidade de se aproveitar dos choques existentes dentro do campo imperialista (continuação da guerra da Áustria e da Alemanha com a Entente), de decompor as forças do adversário, organizar a economia soviética e criar o Exército Vermelho.

A paz de Brest-Litovsk permitiu ao proletariado manter do seu lado os camponeses e acumular forças para esmagar os generais brancos no período da guerra civil.

Durante o período da Revolução de Outubro, Lênin tinha ensinado ao Partido Bolchevique como se deve avançar resolutamente e sem medo, quando se dão as condições necessárias para isso. Durante o período da paz de Brest-Litovsk, ensinou-lhe como se deve retroceder, ordenadamente, quando as forças do adversário superam com toda a certeza as próprias, com o fim de preparar com a maior energia a nova ofensiva contra o inimigo.

A história confirmou plenamente a justeza da linha leninista.

No 7º Congresso se tomou a resolução de mudar o nome do Partido e de redigir um novo programa. O Partido passou a se chamar Partido Comunista da Rússia (bolchevique) – PCR(b). Lênin propôs este nome, por se ajustar exatamente ao objetivo que o Partido se propõe, que é a realização do comunismo.

Para a redação do novo programa foi escolhida uma Comissão Especial da qual fazia parte Lênin, Stalin e outros, tomando-se como base o projeto apresentado por Lênin.

O 7º Congresso realizou uma obra histórica formidável: derrotou os inimigos emboscados dentro do Partido, os “comunistas de esquerda” e os trotskistas, conseguiu tirar o país da guerra imperialista, conseguiu a paz, e com ela uma trégua que permitiu ganhar o tempo necessário para organizar o Exército Vermelho, e avançar na implantação da ordem socialista na economia nacional.

O plano de Lênin para a construção do socialismo - A sublevação dos social-revolucionários de “esquerda” – O 5º Congresso dos Soviets e a Constituição da República Federativa Soviética da Rússia

Depois de concluir a paz e obter uma trégua, o poder soviético abordou o problema de desenvolver a edificação do socialismo. Lênin chamava o período que vai desde novembro de 1917 até fevereiro de 1918 de período de “ataque da Guarda Vermelha contra o capital”. Durante o primeiro semestre do ano de 1918, o poder soviético concentrou em suas mãos os postos de direção da economia nacional (as fábricas e empresas industriais, os bancos, as estradas de ferro, o comércio exterior, a marinha mercante, etc.), demoliu o aparelho de Estado burguês e liquidou vitoriosamente as primeiras investidas da contra-revolução.

Mas tudo isto estava ainda muito longe de ser suficiente. Para poder avançar, era necessário passar da derrubada do velho para a construção do novo. Por isso, na primavera de 1918, se iniciou a passagem para a nova etapa da construção socialista, se passou da “expropriação dos expropriadores” à consolidação organizada das vitórias conseguidas, à edificação da economia nacional soviética. Lênin considerava necessário aproveitar-se até o “máximo” da trégua para abordar o problema de lançar os alicerces da economia socialista. Os bolcheviques tinham que aprender a organizar de um modo novo a produção e administrá-la. Lênin escrevia que o Partido Bolchevique tinha conseguido convencer a Rússia e tinha conseguido arrancá-la das mãos dos ricos para entregá-la ao povo; agora, dizia Lênin, é necessário que o Partido bolchevique aprenda a governar e administrar a Rússia.

Nesta etapa, Lênin reputava como tarefas fundamentais às de fazer a contabilidade do que se produzia na economia nacional e controlar o consumo de todos os artigos produzidos. Na economia russa predominavam os elementos pequeno-burgueses. Milhões de pequenos industriais e camponeses formavam o terreno que servia de base para o desenvolvimento do capitalismo. Estes pequenos empresários não reconheciam nem a disciplina do trabalho nem a disciplina geral do Estado; não se submetiam a nenhum requisito de contabilidade nem de controle. Naqueles momentos difíceis, constituía um perigo especialmente grande o elemento pequeno-burguês de especulação e mercantilismo, e as tentativas destes pequenos industriais e comerciantes de enriquecerem a custa da miséria do povo.

O Partido Bolchevique desencadeou uma luta enérgica contra a desídia na produção, contra a falta de disciplina de trabalho na indústria. As massas iam assimilando lentamente novos hábitos de trabalho. Isto fazia que a luta por uma disciplina no trabalho fosse, durante este período, a tarefa central.

Lênin assinalou a necessidade de desenvolver a emulação socialista na indústria, de implantar o salário pelo valor do trabalho, de lutar contra o igualitarismo, aplicando, lado a lado com as medidas persuasivas de educação, medidas de coação contra quantos pretendessem fraudar o Estado, contra os vagabundos e os especuladores. Achava que a nova disciplina, uma disciplina de trabalho, uma disciplina de camaradagem, uma disciplina soviética, seria forjada por milhões de trabalhadores, na prática do trabalho diário. E fazia notar que “esta obra preencherá toda uma época histórica” (Lênin, t. XXIII pág. 44 ed. russa).

Todos estes problemas da construção do socialismo, os problemas da criação de novas relações de produção de tipo socialista, foram esclarecidos por Lênin em seu notável trabalho intitulado “As Tarefas Atuais do Poder Soviético”.

Os “comunistas de esquerda”, de braço com os social-revolucionários e mencheviques, lutaram também contra Lênin, no que diz respeito a estes problemas. Bukharin, Osinski e outros se manifestaram contra a implantação de uma disciplina, contra a direção unipessoal das empresas, contra o emprego de especialistas na indústria, contra a instauração de um regime de contabilidade e controle financeiro. E caluniavam Lênin, afirmando que semelhante política representava a volta ao regime burguês. Ao mesmo tempo, os “comunistas de esquerda” pregavam a tese trotskista sobre a impossibilidade de levarem adiante na Rússia a edificação socialista e o triunfo do socialismo.

Por trás das frases “esquerdistas” dos “comunistas de esquerda” se escondia a defesa dos kulaks, dos vagabundos, dos especuladores, que eram inimigos da disciplina do trabalho e viam com hostilidade a regulamentação, pelo Estado, da vida econômica, o regime de contabilidade e de controle.

Depois de delinear os problemas da organização da nova indústria soviética, o Partido atacou os problemas do campo. No campo, estava em ebulição, naquele momento, a luta dos camponeses pobres contra os kulaks. Estes apoderavam-se das terras que tinham sido arrebatadas aos latifundiários. Os camponeses pobres necessitavam de ajuda. Os kulaks

lutavam contra o Estado proletário, negando-se a vender-lhe o trigo ao preço taxado. Propunham-se obrigar o Estado Soviético, por meio da fome, a renunciar à implantação de medidas socialistas. O Partido Bolchevique traçou a si mesmo o propósito de esmagar os kulaks contra-revolucionários. Para organizar os camponeses pobres e lutar com êxito contra os kulaks, que dispunham das sobras de trigo, organizou-se uma campanha dos operários no campo.

“Camaradas operários! – escrevia Lênin – Lembrem que a revolução passa por uma situação crítica. Lembrem que são vocês, e ninguém mais que vocês, que poderão salvar a revolução. Dezenas de milhares de operários escolhidos, avançados, dedicados à causa do socialismo, incapazes de se render ao suborno ou à rapina, capazes de criar uma força férrea contra os kulaks, os especuladores, os aproveitadores, os indivíduos venais, os desorganizadores; eis aí o que nos faz falta”. (Lênin, t. XXIII pág. 25, ed. russa).

“A luta pelo pão é a luta pelo socialismo”, disse Lênin, e sob esta palavra de ordem se desenvolveu a organização dos operários para a campanha nas aldeias. Baixou-se uma série de decretos, pelos quais se instaurava uma ditadura do abastecimento e se concediam aos órgãos do Commissariado de Abastecimento poderes extraordinários para comprar trigo a preços tabelados.

Por um decreto de 11 de junho de 1918, foram criados os Comitês de Camponeses Pobres. Estes Comitês desempenharam um grande papel na luta contra os kulaks, na nova partilha das terras confiscadas e na distribuição dos instrumentos de lavoura e dos animais de tração, na aquisição aos kulaks da sobra dos produtos e no aprovisionamento dos centros operários e do Exército Vermelho. 50 milhões de hectares de terras de posse dos kulaks passaram para as mãos dos camponeses pobres e médios. E foi confiscada aos kulaks, em benefício dos camponeses pobres, uma parte considerável dos meios de produção.

A organização destes Comitês de Camponeses Pobres representou uma etapa para frente na marcha da revolução socialista no campo. Estes Comitês eram os baluartes da ditadura do proletariado na aldeia. E foram, além disso, uma considerável medida, o caminho pelo qual se recrutaram os quadros do Exército Vermelho entre a população camponesa.

A campanha dos proletários nas aldeias e a organização dos Comitês de Camponeses Pobres garantiram o poder soviético no campo e tiveram uma enorme importância política para atrair os camponeses médios. Em fins de 1918, depois de cumprir sua missão, os Comitês de Camponeses Pobres deixaram de existir, fundindo-se com os soviets rurais.

Em 4 de julho de 1918, se abriu o 5º Congresso dos Soviets. Os social-revolucionários de “esquerda” desencadearam neste Congresso uma luta furiosa contra Lênin, em defesa dos kulaks. Exigiram que se pusesse fim à campanha contra os kulaks e se renunciasse a enviar ao campo destacamentos operários encarregados do abastecimento. E quando se convenceram de que sua atitude encontrava uma resistência firme por parte da maioria do Congresso, organizaram uma sublevação em Moscou, apoderaram-se de uma rua e começaram dali a disparar contra o Kremlin. Mas ao cabo de poucas horas, esta aventura social-revolucionária de “esquerda” foi aniquilada. E se bem que suas organizações locais tenham também tentado sublevar-se em uma série de pontos do país, a aventura foi rapidamente liquidada em toda a parte.

Como o processo contra o bloco direitista-trotskista acabou de demonstrar ultimamente, a sublevação dos social-revolucionários de “esquerda” se produziu com conhecimento e de acordo com Bukharin e Trotsky, e fazia parte do plano geral de um “complot” contra-revolucionário dos bukharinistas, trotskistas e social-revolucionários de “esquerda” contra o poder soviético.

Por aqueles mesmos dias, o social-revolucionário de “esquerda” Bliumkim, que mais tarde passaria a ser agente de Trotsky, introduziu-se na embaixada alemã e, com o propósito de provocar uma guerra com a Alemanha, assassinou o embaixador alemão em Moscou, Mirbach. Mas o governo soviético conseguiu evitar a guerra e fazer fracassar a provocação dos contra-revolucionários.

No 5º Congresso dos Soviets foi aprovada a Constituição da República Socialista Federativa Soviética da Rússia, a primeira de todas as constituições soviéticas.

Começa a intervenção militar estrangeira – Primeiro período da guerra civil – O comunismo de guerra

A assinatura da paz de Brest-Litovsk e o fortalecimento do Poder Soviético, como resultado da série de medidas de tipo econômico-revolucionário adotadas por ele, nos momentos em que a guerra estava em seu apogeu nas frentes ocidentais, provocaram grande alarme entre os imperialistas da Europa Ocidental e, sobretudo, entre os da Entente.

Os imperialistas do campo da Entente receavam que a paz entre a Alemanha e a Rússia aliviasse a situação militar da Alemanha, piorando assim, portanto, a situação das tropas da Entente. Receavam, ainda mais, que a assinatura da paz entre a Rússia e a Alemanha acentuasse o desejo de paz em todos os países e em todas as frentes, prejudicando deste modo a causa da guerra, a causa dos imperialistas. Receavam, finalmente, que a existência do Poder Soviético num território tão grande como o da Rússia e os êxitos conquistados por ele dentro do país, depois de ter derrubado o poder da burguesia, fosse um exemplo contagioso para os operários e soldados dos países ocidentais, nos quais fermentava um profundo descontentamento contra aquela guerra interminável e que – seguindo o exemplo dos russos – podiam chegar a voltar as baionetas contra seus amos e opressores. Por todas estas razões, os governos da Entente decidiram lançar-se à intervenção militar contra a Rússia, com o fim de derrubar o poder soviético e instaurar um poder burguês que restabelecesse o regime capitalista dentro do país, anulasse o tratado de paz com os alemães e refizesse a frente de guerra contra a Alemanha e a Áustria.

Os imperialistas da Entente embarcaram alegremente nesta aventura tenebrosa, convencidos como estavam da instabilidade do poder soviético e certos de que, por pouco que seus inimigos se esforçassem, sua queda seria inevitável e rápida.

Maior ainda era o alarme que os êxitos do poder soviético e seu fortalecimento infundiam nas fileiras das classes derrubadas – entre os latifundiários e os capitalistas, - nas fileiras dos partidos derrotados – kadetes, mencheviques, social-revolucionários, anarquistas e nacionalistas burgueses de todos os matizes – e nas fileiras dos generais brancos, da oficialidade cossaca, etc.

Desde os primeiros dias do triunfo da Revolução de Outubro, todos estes elementos gritavam a plenos pulmões que o poder soviético não podia enraizar-se na Rússia, que estava condenado a morrer, que desmoronaria forçosamente ao cabo de uma ou duas semanas, dentro de um mês, ou no máximo de dois ou três meses. E como o poder soviético, apesar dos exorcismos de seus adversários, continuava existindo e se reforçando, os seus inimigos dentro da Rússia viram-se obrigados a reconhecer que o novo poder era muito mais forte do que eles haviam pensado e que para derrubá-lo seria necessário desenvolver sérios esforços e desencadear uma luta feroz de todas as forças da contra-revolução. Em vista disto, decidiram desenvolver um amplo trabalho sedicioso e contra-revolucionário destinado a agrupar as forças da contra-revolução, recrutar quadros militares e organizar a sublevação, sobretudo, nas regiões dos cossacos e dos kulaks.

E assim, já no primeiro semestre do ano de 1918, definiram-se dois grupos de forças dispostas a lutar para derrubar o Poder Soviético: no estrangeiro, os imperialistas da Entente, e, dentro da Rússia, a contra-revolução.

Nenhuma destas duas forças contava com elementos suficientes para se lançar por si só à conquista do objetivo almejado. A contra-revolução interna dispunha de alguns quadros militares, assim como de certa quantidade de homens, recrutados principalmente entre os cossacos acomodados e os kulaks, com os quais necessitava contar para desencadear a

insurreição contra o governo soviético. Porém precisava de dinheiro e armas. Em compensação, os imperialistas estrangeiros tinham dinheiro e armas, porém não podiam destinar à intervenção a quantidade necessária de tropas, não só porque necessitavam delas para fazer a guerra contra a Alemanha e a Áustria, como também porque, estas tropas podiam tornar-se pouco seguras na luta contra o poder soviético.

As condições de luta contra os Soviets impunham a unificação de ambas as forças anti-soviéticas, as do estrangeiro e as do interior. Com efeito, esta unificação se consumou, no primeiro semestre do ano de 1918.

Assim foi como se forjou a intervenção armada estrangeira, apoiada pelas sedições contra-revolucionárias dos inimigos dos Soviets dentro da Rússia.

Com isto, terminava a trégua e começava a guerra civil na Rússia, a guerra dos operários e camponeses dos povos da Rússia contra os inimigos externos e internos do poder soviético.

Os imperialistas da Inglaterra, França, Japão e Estados Unidos começaram sua intervenção militar sem prévia declaração de guerra, apesar desta intervenção não ser mais que uma guerra desencadeada contra a Rússia e uma guerra, além disso, da pior espécie. Estes bandoleiros “civilizados” estenderam as suas garras e desembarcaram suas tropas no território russo, sub-repticiamente, como ladrões.

As tropas anglo-francesas desembarcaram no Norte da Rússia, ocuparam Arkangelsk e Murmansk, apoiando a sublevação dos guardas brancos organizada nesta região, derrubaram os Soviets e criaram o chamado “governo do Norte da Rússia”, governo faccioso de guardas brancos.

As tropas japonesas desembarcaram em Vladivostok, apoderaram-se da Província Marítima e apoiaram os guardas brancos que se encarregaram depois de restaurar o regime burguês.

No Cáucaso do Norte, os generais Kornilov, Alexeiev e Denikin, apoiados pelos ingleses e os franceses, organizaram um “exército voluntário” de guardas brancos, desencadearam uma sublevação de cossacos ricos e abriram a campanha contra os Soviets.

Na região do Don, os generais Krasnov e Mamontov, apoiados secretamente pelos imperialistas alemães (o tratado de paz entre a Alemanha e a Rússia os impedia de lhes prestar um apoio franco), desencadearam a sublevação dos cossacos do Don e ocuparam a região banhada por este rio.

Na região central do Volga e na Sibéria, os anglo-franceses intrigaram para organizar a sublevação do corpo de exército tchecoslovaco. Este corpo de exército, composto por prisioneiros de guerra, havia sido autorizado pelo governo soviético a regressar ao seu país pela Sibéria e Extremo Oriente. No caminho, social-revolucionários, ingleses e franceses induziram-no a se sublevar. A sublevação deste corpo de exército foi o sinal para o levante sedicioso dos “kulaks” do Volga e da Sibéria e dos operários das fábricas de Votkinsk e Izhevsk influenciados pelos social-revolucionários. Na região do Volga foi restaurado um governo de guardas brancos e social-revolucionários, com sede em Samara. Em Omsk, estabeleceu-se o governo dos guardas brancos da Sibéria.

A Alemanha não tomou nem podia tomar parte nesta campanha de intervenção do bloco anglo-franco-japonês-norte-americano, entre outras coisas, pela simples razão de que se achava em guerra contra este bloco. Porém, apesar disto e da existência de um tratado de paz entre a Rússia e a Alemanha, nenhum bolchevique abrigava a menor dúvida de que o governo alemão do Kaiser era um inimigo tão feroz do país soviético como os intervencionistas ingleses, franceses, japoneses e norte-americanos. E, com efeito, os imperialistas alemães fizeram o possível e o impossível para isolar, enfraquecer e afundar o país dos Soviets. Separaram a Ucrânia da Rússia soviética – é certo que baseados num “tratado” com a Rada ucraniana -, introduziram suas tropas na Ucrânia, a pedido da Rada ucraniana dos guardas brancos, começaram a saquear e oprimir ferozmente o povo ucraniano, proibindo-o de manter o menor contato com a Rússia soviética. Separaram desta a Transcaucásia, introduziram no seu território, a pedido dos nacionalistas

georgianos e azerbaijanos, tropas alemãs e turcas, começaram a mandar como amos e senhores em Tiflis e Baku, e ajudaram por todos os meios, embora sorratamente, com armas e provisões, o general Krasnov, sublevado no Don.

A Rússia soviética via-se deste modo isolada das regiões que eram suas fontes básicas de abastecimentos, de matérias primas e de combustíveis.

A vida, durante este período foi terrivelmente dura. Escasseava o pão. Escasseava a carne. A fome mortificava os operários. Os operários de Moscou e Petrogrado recebiam uma ração de pão de um oitavo de libra a cada dois dias. Havia dias em que não se distribuía nem um pedaço de pão. As fábricas estavam paradas ou trabalhavam muito pouco tempo, pois não havia matérias primas nem combustíveis. A classe operária, porém, não se acovardava, tampouco se acovardava o Partido bolchevique. As incríveis dificuldades deste período e a luta desesperada contra elas revelaram como são inesgotáveis as energias que a classe operária armazena e como é grande e incomensurável a força da autoridade do Partido bolchevique.

O Partido proclamou o país um acampamento de guerra e reconstruiu sua vida econômica, política e cultural em consonância com isto. O governo declarou que “a pátria socialista estava em perigo” e chamou o povo à defesa revolucionária. Lênin lançou a palavra de ordem de “Tudo Para a Frente!”, e centenas de milhares de operários e camponeses se alistaram como voluntários no Exército Vermelho e seguiram para o front. Cerca da metade do total de filiados ao Partido e às Juventudes Comunistas ocuparam seus postos nas frentes de luta. O Partido pôs o povo de pé para a guerra de salvação da Pátria contra a invasão das tropas dos intervencionistas estrangeiros e contra a sublevação das classes exploradoras derrubadas pela revolução. O Conselho da Defesa Operária e Camponesa organizado por Lênin, dirigia o envio de homens, víveres, equipamentos e armas para as frentes. A mudança do sistema do voluntariado ao serviço militar obrigatório levou para as fileiras do Exército Vermelho centenas de milhares de homens de reforço, e em pouco tempo o Exército Vermelho se converteu num exército de um milhão de combatentes.

Apesar da duríssima situação do país e da pouca idade do Exército Vermelho, que ainda não havia logrado fortalecer-se, as medidas de defesa adotadas não tardaram em acarretar os primeiros êxitos. O general Krasnov foi repellido em Tsaritsin, de cuja tomada estava seguro, e rechaçado para além do Don. As aventuras do general Denikin ficaram limitadas a uma região reduzida do Cáucaso do Norte, e o general Kornilov foi morto em combate contra o Exército Vermelho. Os tchecoslovacos e os bandos de social-revolucionários e guardas brancos foram desalojados de Kazán, Simsbirsk e Samara e arrojados para os Urais. A sublevação do guarda branco Savinkov em Iaroslavl, organizada pelo chefe da Missão Inglesa em Moscou, Lockhart, foi esmagada e ele detido. Os social-revolucionários, que haviam assassinado os camaradas Uristski e Volodarski e perpetrado o atentado criminoso contra a vida de Lênin, foram submetidos ao terror vermelho em resposta ao terror branco desencadeado por eles contra os bolcheviques, sendo esmagados em todos os pontos importantes da Rússia central.

Nestes combates contra os inimigos se temperou e se fez forte e vigoroso o jovem Exército Vermelho.

Os comissários comunistas que atuaram durante este período no Exército Vermelho desempenharam um papel decisivo na obra de fortalecimento do Exército, na sua educação política, no reforço de sua capacidade combativa e de sua disciplina.

Porém, o Partido bolchevique compreendia que estes êxitos do Exército Vermelho não resolviam o problema, que só eram os êxitos iniciais. Compreendia que o aguardava novos combates, ainda mais encarniçados, e que o país só poderia recobrar as regiões perdidas, que eram suas fontes de abastecimento de matérias primas e de combustível, à custa de uma longa e dura luta contra seus inimigos. Por isto, os bolcheviques começaram a se preparar intensivamente para uma guerra longa e decidiram pôr toda a retaguarda a serviço da frente. O governo soviético implantou o comunismo de guerra. O Poder dos Soviets pôs

sob seu controle, além da grande indústria, a indústria pequena e média, com o fim de acumular os artigos de primeira necessidade para abastecer o exército e o campo. Implantou o monopólio do comércio do trigo, proibiu o comércio privado de cereais e introduziu o sistema de cotização de produtos agrícolas, com o objetivo de mobilizar toda a sobra dos produtos recolhidos pelos camponeses, formar um estoque de trigo e abastecer de víveres o Exército e os operários. Finalmente, implantou o trabalho obrigatório, extensivo a todas as classes da população. Esta incorporação da burguesia ao trabalho físico obrigatório permitia utilizar os operários para outros trabalhos mais importantes inclusive na frente, e com isto o Partido punha em prática, o princípio de “quem não trabalha, não come”.

Todo este sistema de medidas impostas pelas condições extraordinariamente difíceis em que se devia organizar a defesa do país, tinha caráter provisório e se englobava sob o nome de comunismo de guerra.

O país se preparava para uma longa e dura guerra civil contra os inimigos externos e internos do poder soviético. Em fins do ano de 1918, houve necessidade de triplicar o contingente do exército. Isto exigia que se acumulassem os meios necessários para abastecê-lo.

Eis como se expressava Lênin, por aqueles dias: “Decidimos ter um exército de um milhão de homens para a primavera: agora necessitamos um exército de três milhões de homens. Podemos ter este exército e o teremos”.

Derrota militar da Alemanha – A revolução alemã Fundação da 3ª Internacional – O 8º Congresso do Partido

Enquanto a Rússia se preparava para novos combates contra os intervencionistas estrangeiros, no Ocidente, na retaguarda e nas frentes dos países beligerantes, se produziam acontecimentos decisivos. A Alemanha e a Áustria iam ficando exaustas entre os tormentos da guerra e da crise de subsistência. Enquanto a Inglaterra, França e Estados Unidos mobilizavam novas reservas, a Alemanha e a Áustria esgotaram as últimas e exíguas reservas de que podiam dispor. Tal como estava a coisa, a Alemanha e a Áustria, esgotadas, seriam derrotadas em pouco tempo.

Entretanto, ia fermentando dentro desses países a indignação do povo contra aquela guerra interminável e aniquiladora e contra os governos imperialistas desses países que haviam conduzido o povo ao esgotamento e à fome. Também aqui se revelava a formidável influência revolucionária da Revolução de Outubro, de atos de confraternização entre os soldados soviéticos e os soldados austro-alemães na frente, antes mesmo da paz de Brest-Litovsk e, depois desta, a influência da própria conclusão da guerra contra a Rússia Soviética e da paz concertada com ela. O exemplo da Rússia, onde o povo pôs fim à guerra mediante a derrubada do seu próprio governo imperialista, não podia deixar de servir de referência aos operários austro-alemães. E os soldados alemães da frente oriental que haviam sido transferidos para a frente ocidental, depois da paz de Brest, tinham forçosamente que contribuir para decompor o exército alemão ali destacado, com seus relatos acerca dos atos de confraternização com os soldados soviéticos e acerca do modo como estes souberam desembaraçar-se da guerra. Quanto ao exército austríaco, começara a se decompor mesmo antes que o alemão, como resultado das mesmas causas. Todas estas circunstâncias contribuíram para aumentar nas tropas alemãs o anseio de paz, para fazer que já não dessem provas da mesma combatividade de antes e para que comessem a retroceder ante o arrojo das tropas da Entente; no interior da Alemanha, estalou, em novembro de 1918, a revolução, derrubando o Kaiser e o seu governo.

A Alemanha se viu obrigada a reconhecer sua derrota e a pedir a paz à Entente.

Deste modo, a Alemanha, potência de primeira ordem, ficava reduzida de repente, à situação de uma potência de segunda ordem.

Do ponto de vista da situação do poder soviético, este fato exerceu certa influência negativa, já que convertia os Estados da Entente, organizadores da intervenção, na força dominante da Europa e da Ásia, dando-lhes a possibilidade de intensificá-la e de organizar o bloqueio do país soviético. E isto foi, com efeito, o que ocorreu, como veremos adiante. Porém, por outra parte, tinha uma importância positiva ainda mais considerável, que vinha aliviar radicalmente a situação do país dos Soviets. Em primeiro lugar, dava ao Poder Soviético a possibilidade de anular o tratado de paz bandido de Brest-Litovsk, de pôr fim aos pagamentos que lhe foram impostos a título de indenização e de desenvolver uma luta aberta, no terreno militar e político, para libertar a Estônia, a Letônia, a Bielorrússia, a Lituânia, a Ucrânia e a Transcaucásia do jugo do imperialismo alemão. Em segundo lugar – e isto era o mais importante, - a existência no centro da Europa, na Alemanha, de um regime republicano e de Soviets de deputados operários e soldados, tinha necessariamente que repercutir de um modo revolucionário, como de fato repercutiu, nos países da Europa, circunstância que tinha de fortalecer a situação do poder soviético na Rússia. É verdade que a revolução não era uma revolução socialista, senão uma revolução burguesa, e que os Soviets na Alemanha serviram de dócil instrumento ao parlamento da burguesia, já que a sua direção estava nas mãos dos social-democratas, que eram oportunistas como os mencheviques russos, circunstância que explica especialmente, a debilidade daquela revolução. Quanto era débil a revolução na Alemanha o demonstra um só fato: o de que permitisse que, pelos guardas brancos alemães fossem impunemente assassinados revolucionários de tanto prestígio como Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht. Porém, apesar disso, era uma revolução; o Kaiser foi derrubado do trono; os operários romperam suas cadeias e, ainda que não se houvesse conseguido outra coisa, isto tinha necessariamente que fomentar a revolução no Ocidente, não podia deixar de provocar o auge da revolução nos países europeus.

A revolução começou a avançar na Europa. Na Áustria vinha se desenvolvendo o movimento revolucionário. Na Hungria foi proclamada a República dos Soviets. A onda revolucionária fez aparecer os Partidos Comunistas na Europa.

Isto criou uma base real para a unificação dos Partidos Comunistas na Terceira Internacional, na Internacional Comunista.

Em março de 1919, em Moscou, no primeiro Congresso dos Partidos Comunistas de vários países, por iniciativa de Lênin e dos bolcheviques, foi fundada a Internacional Comunista. E ainda que o bloqueio e as perseguições dos imperialistas impedissem a muitos delegados chegar a Moscou, tomaram parte neste primeiro Congresso representantes dos mais importantes países da Europa e da América. O Congresso foi dirigido por Lênin. No seu informe sobre a democracia burguesa e a ditadura do proletariado, Lênin salientou a significação do Poder Soviético, como a autêntica democracia para os trabalhadores. O Congresso aprovou o Manifesto dirigido ao proletariado internacional, no qual se fazia um apelo à luta pela ditadura do proletariado e pelo triunfo dos Soviets em todos os países. Neste Congresso se elegeu o Comitê Executivo do Comintern, órgão executivo da Terceira Internacional ou Internacional Comunista.

Assim foi fundada esta organização proletária revolucionária internacional de novo tipo, a Internacional Comunista, Internacional marxista-leninista.

Numa situação formada por circunstâncias contraditórias, em que se reforçava o bloco reacionário de Estados da Entente contra o Poder Soviético, de uma parte, e, de outra, se acentuava o auge revolucionário na Europa, principalmente nos países que saíram derrotados da guerra, circunstância que aliviava consideravelmente a situação do País Soviético, se reuniu, em março de 1919, o 8º Congresso do Partido Bolchevique.

Neste congresso participaram 301 delegados com direito de palavra e voto, representando 313.766 filiados. Havia, além disso, 102 delegados com palavra, porém sem direito a votar.

Lênin consagrou as primeiras palavras do seu discurso de abertura à memória de I.M. Sverdlov, um dos melhores organizadores do Partido bolchevique, morto nas vésperas da abertura do Congresso.

Neste Congresso foi aprovado o novo programa do Partido.

Define-se nele o que é o capitalismo e sua fase superior, o imperialismo. Comparam-se os dois sistemas de Estados: o sistema da democracia burguesa e o sistema soviético. Assinalam-se minuciosamente as tarefas concretas do Partido na sua luta pelo socialismo: levar até o fim a expropriação da burguesia, organizar a Economia do país segundo um plano socialista único, fazer com que os sindicatos intervenham na organização da economia nacional, implantar a disciplina socialista do trabalho, utilizar os técnicos na economia nacional, sob o controle dos órgãos soviéticos, incorporar gradual e planificadamente os camponeses médios ao trabalho da edificação socialista.

O 8º Congresso aprovou por proposta de Lênin incluir no programa não só a definição do imperialismo como etapa superior do capitalismo, como também a descrição do capitalismo industrial e do regime de produção simples de mercadorias, que figurava no velho programa, aprovado no 2º Congresso do Partido. Lênin considerava necessário que fosse levada em conta no programa a complexidade da economia russa, e se assinalasse a existência no país de diversas formações econômicas, incluindo entre elas o regime de pequena produção de mercadorias, cujo expoente era o camponês médio. Por isso, ao se discutir o programa, interveio energicamente contra as idéias antibolcheviques de Bukharin, que propunha eliminar dele os pontos em que se falava de capitalismo, da pequena produção de mercadorias e do regime econômico do camponês médio. As idéias de Bukharin representavam a negação menchevique-trotskista da importância do camponês médio para a edificação soviética. Ao mesmo tempo, Bukharin escondia o fato de que era o regime da pequena produção de mercadorias dos camponeses o que engendra e fomenta o desenvolvimento dos elementos “kulaks”.

Lênin também combateu as idéias antibolcheviques de Bukharin e Piatakov sobre o problema nacional. Estes se manifestaram contra a inclusão no programa do ponto no qual se reconhece o direito de autodeterminação das nações e se pronunciaram contra a igualdade de direitos dos povos, sob o pretexto de que esta palavra de ordem estorvava, segundo eles, o triunfo da revolução proletária e dificultava a unificação dos proletários de diversas nacionalidades. Lênin lançou por terra estas funestas concepções fechadas e chauvinistas de Bukharin e Piatakov.

Nos trabalhos do 8º Congresso do Partido, ocupou um lugar importante o problema da atitude que se devia adotar em face dos camponeses médios. Como resultado do célebre decreto sobre a terra, a aldeia se convertia cada vez mais em aldeia de camponeses médios. Agora, estes formavam a maioria dentro da população camponesa.

O estado de espírito e a conduta dos camponeses médios, vacilantes entre a burguesia e o proletariado, tinham uma importância enorme para a sorte da guerra civil e da edificação socialista. O desenlace da guerra civil dependia, em boa parte, para o qual lado se inclinasse o camponês médio, da classe que soubesse conquistá-lo, de que esta classe fosse o proletariado ou a burguesia. Se os tchecoslovacos, os guardas brancos, os kulaks, os social-revolucionários e os mencheviques lograram derrubar o poder soviético na região do Volga, no verão de 1918, foi porque contaram com o apoio de uma parte considerável dos camponeses médios. E o mesmo ocorreu nas sublevações organizadas pelos kulaks na Rússia central. A partir, porém do outono de 1918, o estado de espírito das massas de camponeses médios começou a se orientar resolutamente para o poder soviético. Os camponeses viam que o triunfo dos brancos conduzia à restauração do poder dos latifundiários, com os conseqüentes despojos de terras, saques, torturas e espancamentos de camponeses. Para esta mudança operada quanto ao modo de pensar dos camponeses contribuiu também a atuação dos Comitês de Camponeses Pobres, que esmagou os kulaks. Em relação a isto, Lênin lançou, em novembro de 1918, esta palavra de ordem:

“Saber chegar a um acordo com os camponeses médios, sem cessar nem um minuto a luta contra os kulaks e tomando como sólido ponto de apoio somente os camponeses pobres”. (Lênin, t. XXIII, pág. 294, ed. russa).

É certo que as vacilações existentes entre os camponeses médios não cessaram totalmente, porém este setor da população camponesa se aproximou mais do poder soviético e começou a lhe prestar um apoio mais firme. Para isso contribuiu, em boa parte, a política traçada no 8º Congresso do Partido, em relação ao camponês médio.

O 8º Congresso marcou uma mudança na política do Partido a respeito dos camponeses médios. No informe de Lênin e nas resoluções do Congresso, destacou-se a nova linha do Partido em face deste problema. O Congresso exigiu que as organizações do Partido e todos os comunistas estabelecessem uma rigorosa diferença e separação entre os camponeses médios e os kulaks, fazendo por atrair os primeiros para o lado da classe operária mediante uma política de atenção solícita às suas necessidades. Era preciso lutar contra o atraso dos camponeses médios com o método da persuasão, porém de modo algum com medidas de coação e de violência. Por isso, o Congresso traçou a forma de que, ao implantar medidas socialistas no campo (ao criar as comunas e os artels agrícolas), não se permitisse à coação. Sempre que fossem feridos os interesses fatais dos camponeses médios, era necessário chegar a um acordo prático com eles e lhes fazer concessões quanto à utilização dos métodos de implantação das transformações socialistas. O Congresso resolveu aplicar uma política de sólida aliança com os camponeses médios, porém mantendo dentro dela o papel dirigente do proletariado.

A nova política de relações com os camponeses médios, preconizada por Lênin no 8º Congresso, exigia que o proletariado se apoiasse nos camponeses pobres, mantivesse uma sólida aliança com os camponeses médios e lutasse contra os kulaks. Até o 8º Congresso, o Partido havia seguido, em geral, a política de neutralizar os camponeses médios. Isto é, seu objetivo era conseguir que o camponês médio não se pusesse ao lado do kulaks, ao lado da burguesia, em geral. Porém, agora, isto já não bastava. O 8º Congresso passou da política de neutralização do camponês médio à política de uma sólida aliança com ele para lutar contra a intervenção dos guardas brancos e das tropas estrangeiras, assim como para a edificação vitoriosa do socialismo.

A linha traçada pelo 8º Congresso a respeito da atitude que se devia seguir com as grandes massas camponesas, com os camponeses médios, teve uma importância decisiva quanto ao desenlace vitorioso da guerra civil contra a intervenção estrangeira e os guardas brancos que lhe serviam de auxiliares. No outono de 1919, quando tiveram que escolher entre o poder soviético e Denikin, os camponeses apoiaram os Soviets, e a ditadura proletária derrotou o seu mais perigoso inimigo.

No 8º Congresso se apresentou também, com caracteres especiais, o problema da organização do Exército Vermelho. Neste Congresso, se destacou a chamada “oposição militar”, na qual apareciam enquadrados não poucos dos antigos “comunistas de esquerda”. Porém justamente com estes representantes do “comunismo de esquerda”, já liquidado, a “oposição militar” englobava militantes do Partido que jamais haviam participado de nenhuma oposição, mas que estavam descontentes com a direção que Trotsky dava ao exército. A maioria dos delegados militares estava acentuadamente contra Trotsky, contra sua admiração pelos técnicos militares procedentes do velho exército czarista, uma parte dos quais traiu abertamente o poder soviético na guerra civil, contra a atitude arrogante e hostil de Trotsky para com os velhos quadros bolcheviques dentro do exército. No Congresso se aduziram exemplos da “forma prática” como Trotsky tentara fuzilar uma série de comunistas que ocupavam postos responsáveis na frente e que não lhe agradavam, fazendo com isso o jogo do inimigo, e como só graças à intervenção do Comitê Central e aos protestos dos militantes ativos da frente se conseguira evitar a morte desses camaradas.

Entretanto, ainda que lutando contra o desvirtuamento da política militar do Partido por Trotsky, a “oposição militar” defendia concepções falsas a respeito de uma série de problemas da organização do exército. Lênin e Stalin intervieram resolutamente contra a

“oposição militar” que defendia as sobrevivências da guerrilha dentro do Exército e lutava contra a criação de um Exército Vermelho regular, contra o emprego dos técnicos militares, contra essa disciplina férrea sem a qual não pode existir um verdadeiro exército. Combatendo a “oposição militar”, o camarada Stalin exigia a criação de um exército regular, compenetrado do espírito da mais severa disciplina.

“Ou criamos – dizia o camarada Stalin – um verdadeiro exército operário-camponês, e predominantemente camponês, um exército rigorosamente disciplinado e defendemos a República, ou pereceremos”.

Ao mesmo tempo, porém, que rejeitava uma série de propostas da “oposição militar”, o Congresso assestou um golpe contra Trotsky, exigindo que se melhorasse a atuação dos organismos militares centrais e se reforçasse o papel dos comunistas dentro do Exército.

Como resultado do trabalho da comissão militar nomeada pelo Congresso, logrou-se que deste saísse uma resolução unânime sobre o problema militar.

As resoluções do 8º Congresso sobre o problema militar serviram para fortalecer o Exército Vermelho e estreitar ainda mais seus laços com o Partido.

O Congresso examinou, além disso, o problema da organização do Partido na atuação dos Soviets. Na discussão deste problema, o Congresso teve que rechaçar a posição do grupo oportunista Saprónov-Osinski, que negava o papel dirigente do Partido na atuação dos Soviets.

Finalmente, em relação à enorme afluência de novos filiados, o Congresso tomou a resolução de melhorar a composição social do Partido e rever os ingressos.

Era o passo para a primeira depuração das fileiras do Partido.

Recrudescer a intervenção – Bloqueio do país soviético Esmagamento das campanhas de Kolchak e Denikin Uma trégua de três meses – O 9º Congresso do Partido

Depois de derrotar a Alemanha e a Áustria, os Estados da Entente decidiram lançar grandes efetivos militares contra o país soviético. Ao se retirarem as tropas alemãs, depois da derrota, da Ucrânia e da Transcaucásia, vieram ocupar seu posto os anglo-franceses, que enviaram a esquadra ao Mar Negro e desembarcaram suas tropas em Odessa e na Transcaucásia. A conduta seguida pelos intervencionistas da Entente nos territórios ocupados por eles era tão selvagem que chegavam a suprimir pelas armas grupos inteiros de operários e camponeses. Depois de ocupar o Turquestão, a selvageria dos invasores levou-os a aprisionar e conduzir ao Transcáspio 26 dirigentes bolcheviques de Baku, os camaradas Shaumian, Filetov, Dzhaparidse, Malyguin, Asisbekov, Korganov e outros, assassinando-os bestialmente, com a ajuda dos social-revolucionários.

Algum tempo depois, os intervencionistas declararam o bloqueio da Rússia. Ficaram cortadas todas as comunicações marítimas e de outro gênero com o mundo exterior.

Com isso o país soviético se via cercado quase por todas as partes.

A Entente depositava suas principais esperanças, naquele momento, no Almirante Kolchak, posto por ela na Sibéria, em Omsk. Kolchak foi proclamado “regente supremo da Rússia”. Toda a contra-revolução russa se achava sob seu comando.

A frente oriental passou a ser, portanto, a frente principal da guerra civil.

Na primavera de 1919, Kolchak, depois de reunir um formidável exército, se aproximou quase até o Volga. Foram lançadas contra ele as melhores forças bolcheviques: os jovens comunistas e os operários foram mobilizados. Em abril de 1919, o Exército Vermelho infligiu a Kolchak uma séria derrota. As tropas de Kolchak não tardaram em começar o recuo em toda a frente.

No momento em que as operações ofensivas do Exército Vermelho na frente oriental estavam em seu apogeu, Trotsky propôs um plano suspeito: deter-se diante dos Urais, cessar a perseguição dos kolchakistas e lançar as tropas da frente Oriental para a frente sul.

O CC do Partido, compreendendo perfeitamente bem que não era possível deixar Urais e a Sibéria nas mãos de Kolchak, onde, com a ajuda dos japoneses e dos ingleses, poderia refazer-se e pôr-se de novo em pé, rechaçou aquele plano e deu instruções para prosseguir a ofensiva. Trotsky não concordando com estas instruções pediu demissão do seu posto; porém o CC se negou a isto, obrigando-o, ao mesmo tempo, a não intervir na direção das operações da frente oriental. A ofensiva do Exército Vermelho contra Kolchak continuou se desenvolvendo com renovado vigor. O Exército Vermelho infligiu-lhe uma série de novas derrotas e fez a limpeza dos brancos nos Urais e na Sibéria, onde o Exército Vermelho se encontrava apoiado por um potente movimento de guerrilheiros, organizados na retaguarda dos brancos.

No verão de 1919, os imperialistas confiaram ao general Yudenich, que se achava dirigindo a contra-revolução na frente noroeste (na região do Báltico, próxima de Petrogrado), a missão de distrair o Exército Vermelho da frente Oriental por meio dum ataque a Petrogrado. A guarnição de duas das fortalezas que defendiam essa capital, atingida esta agitação contra-revolucionária dos oficiais brancos, se rebelou contra o poder soviético, e no Estado Maior da frente foi descoberto um “complot” contra-revolucionário. O inimigo ameaçava Petrogrado. Porém, graças às medidas tomadas pelo governo com a ajuda dos operários e dos marinheiros, as fortalezas foram limpas dos brancos, as tropas de Yudenich derrotadas, e o seu caudilho lançado para a Estônia.

A derrota de Yudenich perto de Petrogrado facilitou a luta contra Kolchak. Em fins de 1919, o seu exército foi definitivamente desbaratado. Kolchak foi detido e fuzilado em cumprimento da sentença baixada pelo Comitê Revolucionário.

Kolchak foi, pois, liquidado.

Na Sibéria, corria na boca do povo esta quadra depreciativa sobre Kolchak:

“Uniforme inglês,
Ombreira francesa,
Tabaco japonês
De Omsk o amo é.
O uniforme se gastou
A ombreira encolheu
O tabaco se fumou
E o amo de Omsk se acabou”.

Em vista de Kolchak não ter correspondido às esperanças nele depositadas, os intervencionistas mudaram o plano de agressão contra a República dos Soviets. As tropas desembarcadas em Odessa tiveram de voltar de novo para bordo dos seus navios, pois o contato com as tropas da República Soviética lhes contagiava o espírito revolucionário e já começavam a se sublevar contra seus opressores imperialistas. Assim, por exemplo, em Odessa se sublevaram os marinheiros franceses sob a direção de André Marty. Tudo isto contribuiu para que, depois de esmagado Kolchak, a Entente concentrasse a atenção no general Denikin, companheiro de armas de Kornilov e organizador do “exército voluntário”. Denikin operava, naquele momento, no Sul, na região do Kuban. A Entente o municiou com grandes quantidades de armas e o fez marchar para o Norte contra o poder dos Soviets.

Portanto, à frente Sul passava a ser a frente principal da guerra civil.

Denikin começou a sua grande campanha no verão de 1919. Trotsky lançou por terra o trabalho realizado na frente sul, e as tropas soviéticas sofreram derrotas, uma atrás da outra. Em meados de outubro, os brancos eram donos de toda a Ucrânia, tomaram Orel e se aproximavam de Tula, que era o centro que abastecia o Exército Vermelho de cartuchos, fuzis e metralhadoras. Os brancos se aproximavam de Moscou. A situação da República Soviética era muito grave. O Partido deu o grito de alarme e chamou o povo para a resistência. Lênin lançou a palavra de ordem de “Todos à luta contra Denikin!” Os operários

e os camponeses, respondendo ao chamado dos bolcheviques, puseram em jogo todas as suas forças para esmagar o inimigo.

Com o objetivo de organizar o esmagamento de Denikin, o Comitê Central do Partido enviou à frente Sul os camaradas Stalin, Voroshilov, Ordzhonikidse e Budienny. Trotsky foi afastado da direção das operações do Exército Vermelho no Sul. Antes da chegada do camarada Stalin, o comando da frente Sul, de acordo com Trotsky, havia preparado um plano, segundo o qual o ataque principal contra Denikin se faria desde Tsaritsin sobre Novorossisk, através das estepes do Don, onde o Exército Vermelho teria que marchar por um terreno completamente impraticável e atravessar regiões povoadas por cossacos, uma parte considerável dos quais se achava então sob a influência dos guardas brancos. O camarada Stalin submeteu este plano a uma crítica demolidora e propôs ao Comitê Central outro, concebido por ele, para esmagar Denikin, em que o ataque principal seguiria a linha Kharkov-Bacia do Donetz-Rostov. Este plano assegurava uma marcha rápida das tropas do Exército Vermelho contra Denikin, pois nele se previa a passagem do Exército Vermelho por regiões operárias e camponesas, isto é, por territórios em que a população simpatizava abertamente com as tropas soviéticas. Além disso, a rica rede ferroviária com que esta região contava permitia abastecer o Exército Vermelho com regularidade, de todos os elementos necessários. Finalmente, este plano oferecia a possibilidade de libertar a Bacia do Donetz, assegurando o abastecimento do país em combustível.

O Comitê Central aprovou o plano do camarada Stalin. Na segunda quinzena de outubro de 1919, depois de encarniçada resistência, Denikin foi derrotado pelo Exército Vermelho nos combates decisivos que se travaram perto de Orel e de Voronezh. Denikin começou a recuar com toda a pressa, dirigindo-se, precipitadamente, para o Sul, perseguidos pelas tropas soviéticas. No começo de 1920, a Ucrânia e o Cáucaso Norte tinham sido libertados do poder dos brancos.

Enquanto se travavam aqueles combates decisivos na frente Sul, os imperialistas voltaram a lançar o corpo de exército de Yudenich contra Petrogrado, com o fim de distrair da frente Sul forças do Exército Vermelho e de aliviar a situação das tropas de Denikin. Os brancos chegaram até as portas de Petrogrado. O heróico proletariado da capital formou com seus peitos uma muralha para defender a primeira cidade da revolução. Os comunistas lutaram, como sempre, na primeira linha. Depois de furiosos combates, os brancos foram derrotados e lançados de novo para outro lado das fronteiras da Rússia, para a Estônia.

Também Denikin foi, pois liquidado.

Depois de esmagados Kolchak e Denikin, a trégua que sobreveio foi de curta duração.

Quando os imperialistas viram que as tropas dos guardas brancos eram destroçadas, que a intervenção armada fracassava, que o Poder Soviético se fortalecia em todo o país e que na Europa Ocidental aumentava a indignação dos operários em face da guerra dos intervencionistas contra a República dos Soviets, começaram a mudar de atitude para com o Estado Soviético. Em janeiro de 1920, a Inglaterra, a França e a Itália decidiram levantar o bloqueio contra a Rússia Soviética.

Era esta uma brecha importantíssima, que se abria no muro da intervenção.

Isto não queria dizer, naturalmente, que o Estado Soviético pudesse dar já por terminadas a intervenção e a guerra civil. Havia ainda o perigo de que a Polônia imperialista se lançasse a um ataque. Os intervencionistas não haviam sido expulsos ainda definitivamente do Extremo Oriente, da Transcaucásia nem da Crimeia. Não obstante, o país dos Soviets obtinha uma trégua passageira, da qual se podia aproveitar para concentrar maiores forças na obra da edificação econômica. O Partido pôde ocupar-se dos problemas relacionados com a economia nacional.

Durante a guerra civil, abandonaram a produção muitos operários qualificados, pela paralisação de fábricas e oficinas. Agora, o Partido reintegrava na produção estes operários qualificados para que trabalhassem em suas especialidades. Foram mobilizados alguns milhares de comunistas para a restauração dos transportes, cuja situação era muito difícil. Sem restaurar os transportes, não se podia pensar seriamente em restaurar os ramos

fundamentais da indústria. Reforçou-se e melhorou-se também o abastecimento. Começou-se a traçar um plano de eletrificação do país. Achavam-se de armas nas mãos 5 milhões de combatentes do Exército Vermelho, que não era possível licenciar, pois subsistia o perigo de guerra. Por isso, algumas unidades do Exército Vermelho foram convertidas num Exército de Trabalho, utilizando-as no terreno da edificação econômica. O conselho da Defesa operária e camponesa se transformou no Conselho do Trabalho e da Defesa (S.T.O). Para auxiliá-lo, criou-se a Comissão do Plano de Estado (Gosplan).

Tal era a situação existente em fins de março de 1920 ao se reunir o 9º Congresso do Partido.

Tomaram parte neste Congresso 554 delegados com direito de palavra e voto, representando 611.978 filiados ao Partido. Assistiram a ele, além disso, 162 delegados com palavra, porém sem voto.

O Congresso determinou as tarefas econômicas mais urgentes do país em matéria de transportes e indústria, assinalando especialmente a necessidade de que os sindicatos tomassem parte na edificação econômica.

Este Congresso consagrou atenção especial ao problema da formação dum plano econômico de conjunto, destinado a pôr de novo em marcha, em primeiro lugar, o transporte, o combustível e a metalurgia. O eixo deste plano era o problema da eletrificação de toda a economia nacional, que Lênin destaca como “um grande programa para 10 ou 20 anos”. Sobre estas bases traçar-se-ia mais tarde o celebre plano GOELRO (plano de eletrificação do país), que hoje se acha ultrapassado.

O Congresso combateu o grupo do “centralismo democrático”, grupo contrário ao Partido, que se manifestava contra o princípio da direção e da responsabilidade individuais nas empresas industriais e defendia o sistema da direção “coletiva” ilimitada e da irresponsabilidade na indústria. Os porta-vozes deste grupo antibolchevique eram Saproinov, Osinski e V. Smirnov. No Congresso, eram secundados por Rykov e Tomski.

Agressão dos “panis” polacos – Aparecimento do general Wrangel Fracasso do plano dos polacos – Fim da intervenção armada

Apesar do esmagamento de Kolchak e Denikin, apesar do país soviético aumentar cada vez mais seu território, libertando do poder dos brancos e dos intervencionistas a região do Norte, o Turquestão, Sibéria, o Don, Ucrânia etc., e apesar da Entente se ver obrigada a levantar o bloqueio da Rússia, os Estados da Entente não se queriam resignar à idéia de que o poder soviético fosse inexpugnável e saísse vencedor. Decidiram, então, empreender uma nova tentativa de intervenção. Desta vez, mobilizaram para a empresa, de uma parte, Pilsudski, nacionalista contra-revolucionário burguês, que era, de fato, o chefe do Estado polaco, e de outra parte o general Wrangel, que havia reunido na Crimeia os restos do exército de Denikin, ameaçando de lá a bacia do Donetz e a Ucrânia.

A Polônia dos “panis” (a nobreza latifundiária polaca) e Wrangel eram, segundo a expressão de Lênin, os dois braços do imperialismo internacional que tentavam estrangular o país soviético.

O plano dos polacos era: ocupar a parte da Ucrânia Soviética situada à direita do Dnieper, anexar o território Soviético da Bielorrússia, instaurar nessas regiões o Poder dos “panis” polacos, estender as fronteiras do Estado polaco “de mar a mar”, isto é, de Dantzig a Odessa, e, em pagamento pela ajuda que lhes prestaria Wrangel, ajudar este a destruir o Exército Vermelho e restaurar na Rússia Soviética o poder dos latifundiários e capitalistas.

Este plano foi aprovado pelos Estados da Entente.

As tentativas do governo soviético de entrar em negociações com a Polônia para manter a paz e impedir a guerra não deram resultado nenhum. Pilsudski não queria falar em paz. Pilsudski queria a guerra. Especulava com a idéia de que os combatentes do Exército

Vermelho, cansados das campanhas de Kolchak e Denikin, seriam esmagados pelas tropas polacas.

A breve trégua terminou.

Em abril de 1920, as tropas polacas lançaram-se sobre a fronteira da Ucrânia Soviética e ocuparam a cidade de Kiev. Ao mesmo tempo, Wrangel passou à ofensiva e começou a ameaçar a bacia de Donetz.

Como réplica ao ataque das tropas polacas, as tropas do Exército Vermelho lançaram uma contra-ofensiva em toda a frente. Depois de libertar a cidade de Kiev, e de expulsar os “panis” polacos da Ucrânia e da Bielorrússia, os combatentes vermelhos da frente Sul chegaram, em impetuoso avanço, até as portas de Lemberg, na Galitzia, enquanto que as tropas da frente ocidental se aproximaram de Varsóvia. A derrota total do exército dos “panis” polacos era iminente.

Mas os manejos de Trotsky e seus adeptos do Estado Maior Central do Exército Vermelho frustraram os êxitos. A ofensiva das tropas vermelhas da frente ocidental em direção a Varsóvia se desenvolveu – por culpa de Trotsky e de Tukachevski – sem organização alguma: não se fez com que as tropas fortificassem as posições conquistadas; as unidades que marchavam na frente se afastaram demasiado do resto das forças; as reservas e as munições ficaram atrasadas na retaguarda com o que as unidades da vanguarda se viam abandonadas, sem munições e sem reservas: a linha de frente era interminavelmente longa, podendo, portanto, romper-se a frente com grande facilidade. Assim se explica que, quando um pequeno grupo de tropas polacas rompeu a frente ocidental do Exército Vermelho num de seus pontos, as tropas vermelhas, que estavam sem munições, se viram em má situação, obrigadas a se retirar. Quanto às tropas da frente Sul, que se achavam às portas de Lemberg, onde mantinham os polacos em má situação, o triste “presidente do Conselho Revolucionário de Guerra”, Trotsky, lhes proibiu que tomassem a cidade e ordenou que o exército de cavalaria, isto é, a principal força da frente Sul, se dirigisse a um ponto longe da frente Noroeste, sob pretexto de que se tratava de socorrer a frente ocidental, ainda que não fosse difícil compreender que a única e a melhor ajuda que se podia prestar a esta frente era a tomada da cidade de Lemberg. Ao contrário, retirar da frente Sul o exército de cavalaria, afastando-o de Lemberg, equivalia, de fato, a fazer extensiva à frente meridional a retirada das tropas do Exército Vermelho. Assim foi como a ordem sabotadora de Trotsky impôs às tropas do Exército Vermelho da frente Sul, com alegria dos “panis” polacos, uma retirada inconcebível e absolutamente injustificável.

Com esta manobra, se ia efetivamente, em socorro, não de nossa frente ocidental, mas dos “panis” polacos e da Entente.

Alguns dias depois, conteve-se a ofensiva das tropas polacas, e o Exército Vermelho começou a se preparar para um novo ataque. A Polônia, porém, que carecia de forças para prosseguir a guerra e que, alarmada, esperava o contra-ataque dos vermelhos, foi obrigada a renunciar às suas ambições a respeito da ocupação do território ucraniano situado à margem direita do Dnieper e da Bielorrússia, propondo ao governo soviético a paz. Em 20 de Outubro de 1920, assinou-se em Riga o tratado de paz com a Polônia, em virtude do qual esta conservava o território da Galitzia e uma parte da Bielorrússia.

Depois de estabelecer a paz com a Polônia, a República Soviética decidiu terminar com Wrangel. Este recebera dos ingleses e dos franceses novas remessas de armas moderníssimas: carros blindados, tanques, aviões e munições em abundância. Dispunha de unidades brancas de choque, formadas, principalmente, por oficiais.

Não logrou, porém mobilizar um contingente mais ou menos considerável de camponeses e de cossacos em torno dos desembarques efetuados por ele no Kuban e no Don. Não obstante, aproximou-se da própria bacia do Donetz, ameaçando os centros carboníferos do país. A situação do poder soviético se complicava, além disso, porque o Exército Vermelho estava já, então, bastante cansado. As tropas vermelhas foram obrigadas a avançar em condições extremamente difíceis, atacando as tropas de Wrangel e lutando, ao mesmo tempo, com os bandos dos anarquistas de Majno, que ajudavam o general branco.

Porém apesar de Wrangel ter em seu favor a superioridade da técnica, apesar de carecerem as tropas soviéticas de tanques, o Exército Vermelho expulsou Wrangel para península da Criméia. Em novembro de 1920, as tropas vermelhas tomaram as posições fortificadas de Perekop, irromperam na Criméia, esmagaram as tropas de Wrangel e libertaram essa península das mãos dos guardas brancos e dos intervencionistas. A Criméia passou a formar parte do território soviético.

Com o fracasso dos planos megalômanos dos polacos e a derrota de Wrangel terminou o período da intervenção.

No fim de 1920 a Transcaucásia começou a se ver livre do jugo dos nacionalistas burgueses: musavatistas no Azerbaijão, nacional mencheviques na Geórgia e dashnakes na Armênia. O poder soviético triunfou em Azerbaijão, Armênia e Geórgia.

Com isto, porém, não terminou completamente a intervenção. A intervenção armada dos japoneses no Extremo Oriente continuou até 1922. Houve, além disso, várias tentativas destinadas a organizar outra intervenção (tais como as do ataman Semenov e do barão Ungern, no Oriente, e a intervenção branco-finlandesa na Carélia, em 1921). Porém os principais inimigos do país do soviético, as forças fundamentais da intervenção, foram destruídas em fins de 1920.

A guerra dos intervencionistas estrangeiros e dos guardas brancos russos terminou com o triunfo dos Soviets.

A República Soviética soube defender sua liberdade e sua independência como Estado.

Assim terminaram a intervenção armada estrangeira e guerra civil.

Foi este um triunfo histórico do poder soviético.

Como e porquê o país soviético venceu as forças coligadas da intervenção anglo-franco-nipo-polaca e da contra-revolução dentro da Rússia

Procurando em qualquer dos grandes jornais europeus, ou americanos da época da intervenção, comprovar-se-á facilmente que nenhum escritor militar ou civil de maior destaque, nenhum conhecedor das coisas da guerra, acreditava no triunfo soviético. Ao contrário, todos os escritores de prestígio, todos os conhecedores dos assuntos da guerra, todos os historiadores das revoluções de todos os países e povos, todos os chamados homens de ciência gritavam em coro que os dias do poder soviético estavam contados, que sua derrota era inevitável.

Inspirava-lhe esta confiança no triunfo dos intervencionistas o fato do país não contar ainda com um Exército Vermelho organizado, de ter que criá-lo em plena marcha, por assim dizer, ao passo que os intervencionistas e os guardas brancos dispunham de um exército mais ou menos preparado.

Essa confiança era também inspirada no fato de que o Exército Vermelho não contava com quadros militares habilitados, já que a maioria dos comandos se passara para o campo da contra-revolução, enquanto que os intervencionistas e os guardas brancos possuíam bons quadros militares.

Era inspirada, além disso, no fato de que o Exército Vermelho dispunha de armas e munições em pequeno número e de má qualidade, em consequência do atraso da indústria de guerra da Rússia e da impossibilidade de recebê-las de outros países, posto que o bloqueio a mantinha isolada, enquanto que o exército dos intervencionistas e dos guardas brancos era abundantemente abastecido e o continuaria sendo com armas, munições e equipamentos de primeira classe.

Era inspirada, finalmente, no fato de que o exército dos intervencionistas e dos guardas brancos ocupava, então, as regiões mais ricas em víveres da Rússia, enquanto que o Exército Vermelho carecia destas bases e se achava mal abastecido.

E é verdade que nas unidades do Exército Vermelho notavam-se todas estas deficiências e penúrias.

Nisso, e somente nisso, tinham absoluta razão os senhores intervencionistas.

Como, então, se pode explicar que o Exército Vermelho, sobre o qual pesavam desvantagens tão consideráveis, derrotasse o exército dos intervencionistas e dos guardas brancos, que não contavam com elas?

1) O Exército Vermelho venceu, porque a política do poder soviético, em nome da qual combatia, era uma política que correspondia aos interesses do povo; porque o povo sentia e compreendia esta política como justa como a sua política própria, e a apoiava até o fim.

Os bolcheviques sabiam que um exército, que luta em nome de uma política falsa, de uma política que não conta com o apoio do povo, não pode vencer. Era isto o que ocorria ao exército dos intervencionistas e dos guardas brancos. Este exército contava com tudo: com comandos antigos e hábeis, com armamentos de primeira classe, com munições, com equipamentos, com provisões. Só lhe faltava uma coisa: o apoio e a simpatia dos povos da Rússia que não queriam, nem podiam apoiar a política dos intervencionistas e dos guardas brancos erigidos em “governantes”, política esta contrária ao povo. Por isto, o exército dos intervencionistas e dos guardas brancos foi derrotado.

2) O Exército Vermelho venceu, porque era um exército abnegado e fiel sem reservas ao seu povo, por cuja razão este o queria e o apoiava, como um exército de seu próprio sangue. O Exército Vermelho é filho do povo, e um exército como este, fiel ao seu povo como o filho fiel o é a sua mãe, conta sempre com o apoio do povo e tem necessariamente que vencer. Pelo contrário, o exército que vai contra o povo, forçosamente tem que sair derrotado.

3) O Exército Vermelho venceu, porque o poder soviético soube por em pé toda a retaguarda todo o país ao serviço dos interesses da frente. Um exército sem uma retaguarda forte, que apóie por todos os meios a frente, está condenado à derrota. Os bolcheviques sabiam disto; portanto, converteram todo o país em um acampamento de guerra, que abastecia a frente de armas, munições, equipamentos, provisões e reservas.

4) O Exército Vermelho venceu: a) porque os seus combatentes compreendiam os fins e as tarefas da guerra e tinham consciência da sua justeza; b) porque esta consciência da justeza dos fins e das tarefas da guerra fortalecia neles o espírito de disciplina e combatividade; c) porque isto fazia com que as massas de combatentes do Exército Vermelho dessem a cada passo, na luta contra o inimigo, provas de abnegação maravilhosa e de heroísmo de massas nunca visto.

5) O Exército Vermelho venceu, porque o núcleo dirigente da frente e da retaguarda do Exército Vermelho era o Partido Bolchevique, unido por sua coesão e sua disciplina, forte por seu espírito revolucionário e por sua decisão de afrontar qualquer sacrifício, contanto que triunfasse a causa comum, não superado por ninguém quanto à capacidade para organizar as massas de milhões de homens e dirigi-las acertadamente nas situações mais complicadas.

“Graças a que o Partido – disse Lênin – estava alerta, graças a que o Partido tinha uma disciplina severa, e a que a autoridade do Partido servia de traço de união entre todos os departamentos e organismos, e as palavras de ordem que o CC dava eram seguidas como por um só homem por dezenas, centenas, milhares, e em última instância, por milhões; graças a que se afrontavam os sacrifícios mais inauditos: só graças a tudo isto, pôde realizar-se o milagre que se realizou. Só graças a isto, apesar da dupla, da tríplice, da quádrupla campanha dos imperialistas da Entente e dos imperialistas do mundo inteiro, pudemos sair vencedores” (Lênin, t. XXV pág. 96, ed. russa).

6) O Exército Vermelho venceu: a) porque soube forjar nas suas fileiras chefes militares de novo tipo como Frunze, Voroshilov, Budiony e outros; b) porque nas suas fileiras lutavam heróis natos como Kotovski, Chapaiev, Lasó, Schors, Parkhomenko e tantos outros; c) porque a educação política do Exército Vermelho estava a cargo de militantes como Lênin, Stalin, Molotov, Kalinin, Sverdlov, Kaganovich, Ordzhonikidse, Kirov, Kuibyshev, Mikoian, Zhdanov, Andreev, Petrovski, Iaroslavski, Ezhov, Dzerzhinski, Schadienko, Meilis, Irushev, Shvernik, Shkiriátov e outros; d) porque o Exército Vermelho tinha no seu seio, organizadores e agitadores tão destacados como os comissários de guerra, que com a sua atuação souberam cimentar as fileiras dos combatentes vermelhos,

inculcaram-lhes o espírito de disciplina e de intrepidez guerreira, cortavam energicamente – de modo rápido e implacável – os atos de traição de alguns comandos, e pelo contrário, fortaleciam audaz e resolutamente a autoridade e o prestígio daqueles comandos que pertencessem ou não ao Partido, demonstravam a sua lealdade abnegada ao Poder Soviético e revelavam sua capacidade para dirigir com mão firme as unidades do Exército Vermelho.

“Sem os comissários de guerra, não teríamos Exército Vermelho”, dizia Lênin.

7) O Exército Vermelho venceu, porque na retaguarda dos exércitos dos guardas brancos, na retaguarda de Kolchak, Denikin, Krasnov e Wrangel, trabalhavam na clandestinidade uma série de excelentes bolcheviques, com e sem caderneta, que punham em pé os operários e camponeses e os sublevavam contra os intervencionistas e os guardas brancos, que solapavam a retaguarda dos inimigos do Poder Soviético, facilitando com isso os avanços do Exército Vermelho. É sabido por todos como os guerrilheiros da Ucrânia, da Sibéria, do Extremo Oriente, do Ural, da Bielorrússia e da região do Volga minavam a retaguarda dos guardas brancos e dos intervencionistas, prestando assim ao Exército Vermelho uma ajuda inestimável.

8) O Exército Vermelho venceu, porque o país soviético não estava só na luta contra a contra-revolução dos guardas brancos e a intervenção estrangeira, porque a luta do poder soviético e os seus êxitos despertaram a simpatia e atraíram a ajuda dos proletários do mundo inteiro. Enquanto que os imperialistas tentavam estrangular a República Soviética com a intervenção e o bloqueio, os operários destes mesmos países imperialistas estavam ao lado dos Soviets e os ajudavam. Sua luta contra os capitalistas dos países inimigos da República Soviética contribuiu para que os imperialistas fossem obrigados a desistir da intervenção. Os operários da Inglaterra, da França e de outros países intervencionistas organizaram greves, negavam-se a embarcar armas e munições para os intervencionistas e os generais brancos e criavam “Comitês de ação” sob a palavra de ordem de “Fora às mãos da Rússia”.

“Tão rápido como a burguesia internacional – dizia Lênin – levanta a mão contra nós, os seus próprios operários lhe seguram o braço”. (Obra citada, pág. 405).

O País Soviético depois da liquidação da intervenção armada e da guerra civil – As dificuldades do período de restauração da economia

Depois de pôr fim à guerra, o país começou a encaminhar a obra de edificação pacífica da economia nacional. Era necessário restaurar a economia destruída, pôr em ordem a indústria, o transporte e a agricultura.

Esta obra de edificação pacífica se empreendeu em condições extraordinariamente difíceis. O triunfo na guerra civil não foi arrancado facilmente. O país estava arruinado pelos quatro anos de guerra imperialista e os três anos de luta contra a intervenção armada.

Em 1920, a produção global da agricultura, comparada com a de antes da guerra, era somente a metade. E tenha-se em conta que o nível da produção agrícola de antes da guerra era o mísero nível próprio da aldeia russa dos tempos do czarismo. O ano de 1920 foi, além disso, em muitas províncias, um ano de má colheita. A economia camponesa atravessava uma situação difícil.

Mais desastrosa ainda era a situação da indústria. A produção da grande indústria, em 1920, era quase sete vezes menor que a de antes da guerra. A maioria das fábricas estava parada e os poços mineiros destruídos e inundados. A metalurgia se encontrava em situação especialmente difícil. Durante todo ano de 1921, a fundição de ferro não passou de 116.300 toneladas, o que representava aproximadamente, 3% da produção de ferro fundido de antes da guerra. Havia grande escassez de combustível. O transporte estava desfeito. As reservas de metal e de artigos manufaturados, com que contava o país, estavam quase totalmente esgotadas. Escasseavam de modo alarmante os artigos de primeira necessidade: o pão, as gorduras, a carne, o calçado, as peças de roupa, os fósforos, o sal, o petróleo, o sabão.

Enquanto durou a guerra, o povo se resignava a suportar esta escassez, e às vezes, nem se quer se apercebia dela. Ao cessar a guerra, porém, começou a sentir que esta situação era insuportável e a exigir que fosse remediada imediatamente.

Os camponeses davam mostras de descontentamento. Sob o fogo da guerra civil, se formara e se consolidara a aliança político-militar entre os camponeses e a classe operária. Esta aliança se apoiava numa base concreta: o poder soviético dera aos camponeses a terra e os defendia contra os latifundiários e os kulaks; os camponeses forneciam aos operários os artigos alimentícios segundo o sistema de requisições.

Agora, porém, esta base era já insuficiente.

O Estado Soviético se via obrigado a apoderar-se com o regime de requisições de toda a sobra da produção dos camponeses, por exigirem assim as necessidades da defesa do país. Sem o regime das requisições, sem a política do comunismo de guerra, não teria sido possível triunfar na guerra civil. A política do comunismo de guerra foi imposta pela própria guerra, pela intervenção armada. Enquanto durou a guerra, os camponeses se submeteram às requisições e não se apercebiam da escassez de mercadorias, porém ao terminar a guerra e desaparecer a ameaça da volta dos latifundiários, começaram a manifestar seu descontentamento pela requisição das sobras dos produtos, do sistema da quotização, e a exigir que lhes fornecessem mercadorias em quantidade suficiente.

Todo o sistema do comunismo de guerra chocou-se, como dizia Lênin, com os interesses dos camponeses.

O descontentamento começava a repercutir também na classe operária. O proletariado suportou o peso principal da guerra civil, lutando heróica e abnegadamente contra as regiões dos guardas brancos e dos intervencionistas, contra o desastre econômico e a fome. Os melhores operários, os mais conscientes, os mais abnegados e disciplinados, eram os mais entusiasmados na luta pelo socialismo. Porém a desastrosa situação de desmoração da economia repercutia também sobre a classe operária. As poucas fábricas e empresas industriais que ainda trabalhavam diminuíram consideravelmente o seu ritmo de trabalho. Os operários foram obrigados a fazer toda a classe de ofícios, fabricar isqueiros, e, com um saco no ombro, ir procurar comida nas aldeias. Começava a vacilar o fundamento de classe da ditadura do proletariado; a classe operária ia se rarefazendo, parte dos operários emigrava para a aldeia, deixavam de ser operários, perdiam sua condição de classe. A fome e o cansaço engendravam o descontentamento de uma parte dos operários.

Ante o Partido, apresentava-se a tarefa de traçar uma nova orientação a respeito de todos os problemas da vida econômica do país, em consonância com a nova situação.

O Partido enfrentou a tarefa de traçar esta nova orientação a respeito dos problemas da edificação econômica do país.

O inimigo de classe não dormia, porém. Procurava aproveitar-se da difícil situação que atravessava a economia, procurava aproveitar-se do descontentamento dos camponeses. Estalaram sublevações de kulaks, organizadas pelos guardas brancos e os social-revolucionários, na Sibéria, na Ucrânia, na província de Tambov (a rebelião de Antonov). Começaram a se mover os elementos contra-revolucionários, de todos os matizes: mencheviques, social-revolucionários, anarquistas, guardas brancos e nacionalistas burgueses. O inimigo mudou os métodos táticos de luta. Começou a se disfarçar com as cores soviéticas e sua palavra de ordem já não era o velho grito fracassado de “Abaixo os Soviets!”, e sim o novo grito de “Pelos Soviets, porém sem os comunistas!”.

Uma manifestação flagrante da nova tática do inimigo de classe foi à sublevação contra-revolucionária de Kronstadt, que estalou em Março de 1921, uma semana antes de começar o 10º Congresso do Partido. Esta sublevação foi dirigida pelos guardas brancos, em contato com os social-revolucionários, os mencheviques e representantes de Estados estrangeiros. Nos primeiros momentos, os sublevados se esforçaram em encobrir com a cortina “soviética” sua aspiração de restaurar o poder e a propriedade dos capitalistas e dos latifundiários. A sua palavra de ordem era: “Soviets sem comunistas!”.

A contra-revolução pretendia aproveitar-se do descontentamento das massas pequeno-burguesas para derrubar o Poder dos Soviets, sob uma palavra de ordem aparentemente soviética.

Dois circunstâncias contribuíram para facilitar a sublevação produzida em Kronstadt: o fato de haver piorado a contextura de classe dos marinheiros das guarnições dos navios de guerra e a débil organização bolchevique existente naquela base naval. Os velhos marinheiros que haviam tomado parte na Revolução de Outubro marcharam quase em bloco para a frente, onde se bateram heroicamente nas fileiras do Exército Vermelho. Entraram a servir na esquadra novas classes de marinheiros, não temperados na revolução. Estas novas classes se compunham de camponeses típicos que vinham diretamente da aldeia e nos quais se refletia o descontentamento da população do campo com o sistema da quotização. Além disso, a organização bolchevique de Kronstadt se encontrava então, muito enfraquecida por toda uma série de mobilizações para a frente. Estas circunstâncias permitiram aos social-revolucionários, aos mencheviques e aos guardas brancos penetrar sub-repticiamente em Kronstadt e ganhar esta base.

Os sublevados fizeram-se donos da magnífica fortaleza, da frota e de uma enorme quantidade de armas e munições. A contra-revolução internacional cantava vitória. Era prematuro, porém, o júbilo dos inimigos do poder soviético. As tropas soviéticas dominaram rapidamente os sediciosos. O Partido enviou contra os sublevados de Kronstadt os seus melhores filhos, os delegados do 10º Congresso, com o camarada Voroshilov à frente. Os combatentes do Exército Vermelho marcharam contra Kronstadt, pisando sobre uma delgada camada de gelo. O gelo se rompeu e muitos deles pereceram afogados. Foi necessário lançar-se ao assalto contra as fortalezas quase inexpugnáveis de Kronstadt. Mas a bravura e a abnegação revolucionária, o entusiasmo daqueles homens dispostos a dar sua vida pelo poder soviético, venceram. As tropas vermelhas tomaram de assalto a fortaleza de Kronstadt e a sublevação foi liquidada.

Discussão no Partido acerca dos Sindicatos – O 10º Congresso do Partido A derrota da oposição – A Nova Política Econômica (NEP)

Para o Comitê Central do Partido, para a sua maioria leninista, era evidente que, depois de se terminar a guerra e de entrar no período de edificação pacífica da economia, não havia já razão para manter em pé o severo regime do comunismo de guerra, imposto pelas circunstâncias da guerra e do bloqueio.

O CC compreendia que desaparecera a necessidade da quotização, que era necessário substituir este sistema pelo imposto em espécie, para dar ao camponês a possibilidade de empregar como bem entendesse uma grande parte da sobra da sua produção. Compreendia que esta medida permitiria levantar a agricultura, incrementar a produção de cereais e os cultivos técnicos necessários para o desenvolvimento da indústria, ativar a circulação de mercadorias dentro do país, melhorar o abastecimento das cidades e assentar uma nova base econômica para a aliança entre os operários e camponeses.

O CC notava também que a reanimação da indústria constituía uma tarefa de primeiríssima ordem, porém entendia que não era possível conseguir isto sem interessar a classe operária e os seus sindicatos, que para ganhar os operários para esta causa era necessário convencê-los de que o desastre econômico era um inimigo tão perigoso para o povo como a intervenção armada e o bloqueio, e que o Partido e os sindicatos conseguiriam, indubitavelmente, sair vitoriosos desta tarefa, sempre e quando não atuassem sobre a classe operária por meio de ordens militares, seguindo os métodos aplicados na frente, onde era realmente necessário proceder deste modo, mas por meio da persuasão, por meio do convencimento.

Não pensavam, porém, todos os membros do Partido como o CC. Grupos da oposição – os trotskistas, a “oposição operária”, os “comunistas de esquerda”, os “centralistas democráticos”, etc. – achavam-se em um estado de confusão e de vacilação diante da

passagem para a senda da edificação pacífica da economia. No Partido havia não poucos antigos mencheviques, social-revolucionários, bundistas, “borotbistas” e toda a sorte de seminacionalistas da periferia da Rússia. Em grande parte estes elementos aderiram a uns ou a outros grupos da oposição. Como não eram verdadeiros marxistas, nem conheciam as leis que regem o desenvolvimento econômico, nem tinham a têmpera dos militantes leninistas do Partido, esta gente não fazia mais que acentuar a dispersão e as vacilações dos grupos da oposição. Alguns deles entendiam que não era necessário afrouxar o severo regime do comunismo de guerra, mas pelo contrário, o que faltava era “continuar apertando os parafusos”. Outros opinavam que o Partido e o Estado deviam desinteressar-se do problema da restauração da economia nacional, deixando-o totalmente nas mãos dos sindicatos.

Era evidente que ante esta confusão apareceriam, em certos setores do Partido, pessoas dadas a discutir, diversos “líderes” da oposição, que pugnariam para arrastar o Partido a um debate.

E, com efeito, assim ocorreu.

A discussão começou pelo problema do papel dos sindicatos, apesar de não ser este, então, o problema mais importante na política do Partido.

O paladino da discussão e da luta contra Lênin e contra a maioria leninista do CC era Trotsky. Com o objetivo de agravar a situação, interveio na reunião dos delegados comunistas à 5ª Conferência dos Sindicatos de toda a Rússia, celebrada em começos de novembro de 1920, sustentando a duvidosa palavra de ordem de “apertar os parafusos” e “sacudir os sindicatos”. Exigia, além disso, que se procedesse à imediata “estatização dos sindicatos”. Trotsky era contrário ao método da persuasão das massas operárias e advogava transplantar aos sindicatos os métodos militares. Era contrário ao desenvolvimento da democracia dentro dos sindicatos e a provisão dos cargos sindicais por eleições.

Em vez do método da persuasão, sem o que seria inconcebível a atuação das organizações operárias, os trotskistas preconizavam o método da coação pura e simples, de mandar, sem admitir ponderações. Onde se apoderavam da direção sindical, os trotskistas, com sua política, não faziam mais que provocar nos sindicatos conflitos, divisões e discórdias. Com a sua política, os trotskistas faziam com que a massa sem partido se colocasse contra este e semeavam a desunião da classe operária.

A fundação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas representava o fortalecimento do Poder Soviético e um grande triunfo da política leninista-stalinista do Partido Bolchevique a respeito do problema nacional.

Em novembro de 1922, Lênin interveio na sessão plenária do Soviet de Moscou. Fazendo o balanço dos cinco anos de existência do poder soviético, expressou a sua firme convicção de que “da Rússia da NEP sairia a Rússia socialista”. Foi o último discurso que pronunciou ante o país. No outono de 1922, o Partido experimentou uma grande desgraça: Lênin caiu gravemente enfermo. Todo o Partido, todos os trabalhadores, seguiam profundamente penalizados, a enfermidade de Lênin. Todo o país estava dependente, com angústia, daquela vida tão preciosa. Lênin, porém não interrompeu seu trabalho, apesar da enfermidade. Estando já gravemente doente, ainda escreveu uma série de artigos importantíssimos. Nestes artigos que foram os últimos, fazia o balanço do trabalho realizado e traçava o plano da construção do socialismo no país soviético, mediante a incorporação dos camponeses à obra da edificação socialista. Neste projeto, Lênin destacava o seu plano cooperativo, destinado a trazer os camponeses á causa da edificação do socialismo.

Lênin via na cooperação em geral, e na cooperação agrária em particular, o caminho exequível e lógico para milhões de camponeses, pelo qual se podia passar da pequena exploração individual para as grandes agrupações cooperativas da produção: kolkhoses. Destacava que o caminho pelo qual devia seguir o desenvolvimento da economia agrícola era de incorporar os camponeses à edificação socialista por meio da cooperação, ir infundindo gradualmente na agricultura os princípios do coletivismo, começando pela

esfera da venda, para passar depois para a esfera da produção agrícola. Salienta que o regime da ditadura do proletariado e da aliança da classe operária com os camponeses, assegurada a direção dos camponeses pelo proletariado e com a existência de uma indústria socialista, a cooperação para a produção, da cooperação bem organizada que abarcasse milhões de camponeses, era o caminho pelo qual se poderia construir no país Soviético uma sociedade socialista completa.

Em abril de 1923, celebrou-se o 12º Congresso do Partido. Era o primeiro Congresso que se reunia, depois da tomada do poder pelos bolcheviques, sem a presença pessoal de Lênin. Tomaram parte nele 408 delegados com direito de palavra e voto, representando 386.000 filiados, isto é menos que no Congresso anterior. Era o resultado da persistente depuração das fileiras do Partido, em consequência da qual tinham sido expulsos dele uma percentagem considerável de filiados. A este Congresso, assistiram, além disso, 417 delegados com palavra, porém sem voto.

Nas resoluções tomadas pelo 12º Congresso foram levadas na devida conta todas as indicações feitas por Lênin nos seus últimos artigos e cartas.

O Congresso combateu energicamente todos os que interpretavam a NEP como um abandono das posições socialistas, como uma rendição destas posições ao capitalismo, todos os que se propunham entregar às garras deste. Foi isto o que preconizaram no Congresso os adeptos de Trotsky, Radek e Krasin. Estes se propunham entregar à mercê dos capitalistas estrangeiros, pôr nas suas mãos, a título de concessões, os ramos industriais de interesse vital para o Estado Soviético. Propunham pagar as dívidas do governo czarista, anuladas pela Revolução de Outubro. O Partido estigmatizou como traidoras estas propostas de capitulação. Não renunciava a empregar a política de concessões, porém só naqueles ramos e dentro daqueles limites que se tornassem vantajosos para o Estado Soviético.

Antes do Congresso, Bukharin e Sokolnikov tinham proposto pôr fim ao monopólio do comércio exterior. Esta proposta era também o resultado da interpretação da NEP como a entrega das posições soviéticas ao capitalismo. Lênin estigmatizou então Bukharin como defensor dos especuladores, dos nepman e dos kulaks. O 12º Congresso rechaçou decididamente o atentado que se queria perpetrar contra a firmeza do monopólio do comércio exterior.

O Congresso combateu também a tentativa de Trotsky de impor ao Partido uma política funesta em relação aos camponeses. Destacou que não era lícito perder de vista o fato do domínio que a pequena economia camponesa tinha dentro do país. Salientou que o desenvolvimento da indústria, incluindo a indústria pesada, não se devia chocar com os interesses das massas camponesas, porém se harmonizar com eles no interesse de toda a população trabalhadora. Estas resoluções eram dirigidas contra Trotsky, que preconizava a edificação da indústria por meio da exploração dos camponeses e que não reconhecia, de fato, a política da aliança entre o proletariado e os camponeses.

Trotsky propunha também o fechamento de grandes fábricas como as de "Putilov", "Briansk" e outras, que interessavam à defesa do país, porém que, segundo ele, não eram rendosas. O Congresso rechaçou indignado, a proposta de Trotsky.

Por proposta de Lênin, formulada por meio de uma carta, o 12º Congresso criou um órgão de fusão da Comissão Central de Controle e da Inspeção Operária e Camponesa. A este órgão deu-se uma missão de responsabilidade: velar pela unidade do Partido, fortalecer a disciplina do Partido e do Estado e aperfeiçoar por todos os meios o aparelho do Estado Soviético.

O Congresso consagrou atenção especial ao problema nacional. Informou acerca deste ponto o camarada Stalin, que salientou a significação internacional da política soviética sobre o problema nacional.

Os povos oprimidos do Ocidente e do Oriente vêem na União Soviética o exemplo de como se deve resolver o problema nacional e de como se deve acabar com a opressão nacional. Destacou a necessidade de trabalhar energicamente para liquidar a desigualdade

econômica e cultural entre os povos da União Soviética. E incitou todo o Partido para lutar decididamente contra os desvios referentes ao problema nacional: contra o chauvinismo grão-russo e contra o nacionalismo regionalista burguês.

No Congresso foram desmascarados os porta-vozes do desvio nacionalista e a sua política absorcionista a respeito das minorias nacionais. Atuavam, naquele momento, contra o Partido os porta-vozes do desvio nacionalista georgiano: Mdivani e outros. Estes elementos eram contrários à criação da federação transcaucásica e ao fortalecimento da amizade entre os povos da Transcaucásia. A sua atitude frente às outras nacionalidades da Geórgia era a de autênticos chauvinistas. Expulsavam de Tiflis a todos os não georgianos, principalmente os armênios, e decretaram uma lei, segundo a qual toda georgiana que contraísse matrimônio com um homem de outra nacionalidade perderia a sua cidadania georgiana. Contavam com o apoio de Trotsky, Radek, Bukharin, Serypnik e Rakovski.

Imediatamente depois do congresso, foi convocada uma conferência especial dos militantes das Repúblicas nacionais para tratar do problema nacional. Nela, foram desmascarados o grupo dos nacionalistas burgueses tártaros, Sultão-Galiev e outros, e o grupo dos porta-vozes do desvio nacionalista no Uzbequistão, constituído por Faisula Iodzhaiev e outros.

O 12º Congresso fez o balanço dos resultados obtidos nos dois anos da nova política econômica. Estes resultados infundiam ao espírito vigor e segurança no triunfo final.

“Nosso Partido continua sendo um Partido coerente, monolítico, resistente às maiores viradas e que marcha para a frente com as bandeiras desfraldadas”, - declarou no congresso o camarada Stalin.

A luta contra as dificuldades da restauração da economia nacional Recrudescer a atividade dos trotskistas - Nova discussão dentro do Partido Morte de Lênin – O 13º Congresso do Partido

Os primeiros anos de luta pela restauração da Economia nacional se traduziram em êxitos consideráveis. Em 1924, se percebia o progresso em todos os ramos da economia. A superfície semeada aumentou consideravelmente a partir de 1921; a economia camponesa se fortalecia cada vez mais. A indústria socialista crescia e se desenvolvia. Registrava-se um aumento numérico considerável da classe operária. Os salários se elevavam. Os operários e os camponeses começavam a viver melhor e com mais comodidade que em 1920 e 1921.

Apesar de tudo, porém, notavam-se os resultados de uma situação de desastre econômico ainda não liquidada. A indústria não tinha ainda atingido o nível de antes da guerra e o seu desenvolvimento se achava consideravelmente atrasado, em comparação com o aumento das necessidades do país. Em fins de 1923, registrava-se cerca de um milhão de operários sem trabalho; o lento desenvolvimento da economia nacional não permitia absorver e liquidar o desemprego. O comércio se desenvolvia com intermitências, em razão dos preços extraordinariamente elevados dos artigos industriais, preços que os especuladores e os nepman emboscados nas organizações comerciais soviéticas, impunham ao país.

Em relação com isto, o rublo soviético começou a experimentar fortes oscilações e a baixar de valor. Tudo isto contribuía para dificultar a melhora da situação dos operários e dos camponeses.

No outono de 1923, aumentaram as dificuldades econômicas, em consequência das infrações cometidas contra a política soviética de preços pelos organismos industriais e comerciais. Entre os preços das mercadorias industriais e dos produtos agrícolas existia grande desarmonia. Enquanto que o preço do trigo era baixo, os preços das mercadorias industriais eram desproporcionalmente elevados. Sobre a indústria pesavam, então, muitos gastos improdutivos e isto encarecia as mercadorias. O dinheiro que os camponeses

obtinham pela venda do trigo se depreciava rapidamente. Achando que isto era pouco, o trotskista Piatakov, que ocupava então um posto no Conselho Supremo da Economia Nacional traçou aos militantes das organizações econômicas a norma criminosa de extrair maiores lucros da venda dos artigos industriais, elevando desregradamente os preços, com o pretexto de fomentar a indústria. Na realidade, esta palavra de ordem própria de um nepman, só podia conduzir a um resultado: reduzir a base da produção industrial e solapar a indústria. Nestas condições, os camponeses não podiam pensar em adquirir artigos industriais e deixavam de comprá-los. Deste modo, se iniciou uma crise do mercado, que repercutiu sobre a indústria. Surgiram dificuldades, para o pagamento dos salários, o que provocou o descontentamento dos operários. Em algumas fábricas, os operários menos conscientes abandonaram o trabalho.

O Comitê Central do Partido mostrou o caminho para superar todas estas dificuldades e deficiências. Foram tomadas medidas para acabar com a crise do mercado. Foram barateados os preços dos artigos, de consumo popular. Foi implantada uma reforma monetária adotando-se um padrão firme e estável: o chervonetz. Foi normalizado o pagamento dos salários. Esboçaram-se as medidas convenientes para desenvolver o comércio por intermédio dos organismos soviéticos e cooperativos, expulsando deles toda a classe de mercadores e especuladores.

Era preciso pôr mãos à obra com denodo, e todos unidos.

Assim era como pensavam e atuavam os homens fiéis ao Partido. Os trotskistas, porém, procediam de outro modo. Aproveitando-se da ausência de Lênin, que estava afastado da frente de batalha, devido à sua grave enfermidade, iniciaram uma nova agressão contra o Partido e contra sua direção. Decidiram que o momento indicado havia chegado para derrotar o Partido e derrubar sua direção. Na luta contra o Partido, se aproveitavam de tudo; da derrota sofrida pela revolução na Alemanha e na Bulgária no outono de 1923, das dificuldades econômicas existentes dentro do país, e da enfermidade de Lênin. Foi justamente neste momento difícil para o Estado Soviético, em que o chefe do Partido estava de cama, que Trotsky desencadeou o seu ataque contra o Partido bolchevique. Agrupando em torno de si todos os elementos antileninistas do Partido, arranhou uma plataforma oposicionista, plataforma que era dirigida contra o Partido, contra a sua direção e contra sua política. A esta plataforma se deu o nome de “declaração dos 46 oposicionistas”. Na luta contra o Partido leninista, se uniram todos os grupos da oposição: os trotskistas, os “centralistas democráticos”, os restos dos “comunistas de esquerda” e da “oposição operária”. Na sua declaração, estes elementos profetizavam uma terrível crise econômica e o afundamento do Poder Soviético e exigiam, como única solução, a liberdade para a existência de frações e grupos.

Era uma luta destinada a restabelecer as frações, que foram proibidas pelo 10º Congresso do Partido, por proposta de Lênin.

Os trotskistas não apresentavam nenhum problema concreto sobre o desenvolvimento da indústria ou da agricultura, sobre o aperfeiçoamento do regime de circulação das mercadorias dentro do país ou o melhoramento da situação dos trabalhadores. Além do mais, isso não lhes interessava. A única coisa que lhes interessava era aproveitarem-se da ausência de Lênin para restabelecer as frações dentro do Partido e solapar deste modo seus alicerces, minar seu Comitê Central.

Imediatamente depois da plataforma dos 46, foi publicada uma carta de Trotsky, na qual cobria de lama os quadros do Partido e dirigia uma série de novas calúnias contra este. Nesta carta Trotsky repetia as velhas cantilenas mencheviques, que o Partido estava cansado de ouvir dele.

Os trotskistas dirigiam sua agressão, principalmente, contra o aparelho do Partido, pois sabiam que o Partido não pode viver nem atuar sem um aparelho forte. A oposição se esforçava em solapar, em derrubar este aparelho, em enfrentar os filiados do Partido com o aparelho deste, e a juventude com os velhos quadros do Partido. Na carta, Trotsky especulava com a juventude estudantil, com os jovens filiados ao Partido, que ignoravam a

história da luta deste contra o trotskismo. Para conquistar esta juventude estudantil, Trotsky a adulava, dizendo que ela era “o barômetro mais fiel do Partido”, ao mesmo tempo em que falava da degeneração da velha guarda leninista. Apontando os chefes degenerados da Segunda Internacional, sugeria, ignominiosamente, que a velha guarda bolchevique seguia pelo mesmo caminho. Com seus gritos sobre a degeneração do Partido, Trotsky tentava encobrir sua própria degeneração e os seus desígnios antibolcheviques.

Os dois documentos da oposição, a plataforma dos 46 e a carta de Trotsky foram distribuídos pelos trotskistas nos setores e nas células e postos para discussão entre os filiados ao Partido.

O Partido foi desafiado pelos trotskistas a uma contenda.

Repetia-se, pois, o que ocorrera antes do 10º Congresso do Partido, em virtude da discussão sobre a questão sindical: o Partido via-se arrastado pelos trotskistas a uma discussão, extensiva a todos os filiados.

Apesar de se achar ocupado em problemas de caráter econômico mais importantes, o Partido aceitou o repto e abriu a discussão.

A discussão foi extensiva a todo o Partido. Era uma luta inflamada. A contenda adquiriu caracteres especialmente agudos em Moscou. Os trotskistas aspiravam, de preferência, a se apoderar da organização da capital. A discussão, porém de nada serviu aos trotskistas, a não ser para evidenciar sua infâmia. Foram derrotados em toda a União Soviética. Só votou por eles um número reduzido de células pertencentes às Escolas Superiores e a organismos administrativos.

Em janeiro de 1924, se reuniu a 13ª Conferência do Partido. Nela o camarada Stalin pronunciou um informe, fazendo o balanço da discussão sustentada no Partido. A Conferência condenou a oposição trotskista, declarando que se tratava de um desvio pequeno burguês do marxismo. As resoluções desta Conferência foram referendadas posteriormente pelo 13º Congresso do Partido e pelo 5º Congresso da Internacional Comunista. O proletariado comunista internacional apoiava o Partido bolchevique na sua luta contra o trotskismo.

Os trotskistas não cessaram, porém, seu trabalho de sapa. No outono de 1924, Trotsky publicou um artigo intitulado “Os ensinamentos de Outubro”, no qual tentava substituir o leninismo pelo trotskismo. Todo este artigo era uma calúnia contra o Partido Bolchevique e seu chefe, Lênin. Todos os inimigos do comunismo e do país soviético se aferravam a este livreco calunioso.

O Partido rechaçou com indignação estas calúnias de Trotsky contra a história heróica do bolchevismo. O camarada Stalin desmascarou a tentativa de Trotsky de substituir o leninismo pelo trotskismo, destacando, em suas intervenções, que “a missão do Partido consiste em enterrar o trotskismo, como corrente ideológica”.

Na obra de esmagamento ideológico do trotskismo e de defesa do leninismo, teve uma importância extraordinária o trabalho teórico do camarada Stalin intitulado: “Sobre os fundamentos do leninismo”, que veio à luz em 1924. Esta obra é uma exposição magistral e um sério fundamento teórico do leninismo, que então armou e continua armando hoje os bolcheviques do mundo inteiro com a arma afiada da teoria marxista-leninista.

Na luta contra o trotskismo, o camarada Stalin cerrou as fileiras do Partido em torno do seu Comitê Central e o mobilizou para continuar combatendo pelo triunfo do socialismo no país soviético. O camarada Stalin soube demonstrar que o esmagamento ideológico do trotskismo era condição imprescindível para assegurar o prosseguimento da marcha vitoriosa para o socialismo.

Fazendo o balanço deste período de luta contra o trotskismo, dizia o camarada Stalin:

“Sem esmagar o trotskismo não é possível triunfar dentro das condições da NEP, nem é possível conseguir a transformação da Rússia atual em uma Rússia Socialista”.

Porém, os êxitos da política leninista do Partido foram cobertos de tristeza pela enorme desgraça que o próprio Partido e a classe operária experimentaram. Em 21 de janeiro de 1924, morreu em Gorki, perto de Moscou, o nosso chefe e mestre, o fundador do Partido

Bolchevique, Lênin. A notícia da morte de Lênin afetou a classe operária do mundo inteiro com a perda mais cruel. No dia do enterro de Lênin, o proletariado internacional suspendeu o trabalho durante cinco minutos. Pararam os trens, interromperam-se os trabalhos nas fábricas e oficinas. Os trabalhadores de todo o mundo acompanharam ao túmulo, com a mais profunda dor, seu pai e mestre seu melhor amigo e defensor, Lênin.

A classe operária da União Soviética respondeu à morte de Lênin cerrando ainda mais suas fileiras em torno do Partido leninista. Naqueles dias lutuosos, todo operário consciente meditou acerca da sua atitude ante o Partido Comunista, o Partido que punha em prática os mandamentos de Lênin. Ao Comitê Central do Partido chegaram milhares e milhares de declarações de operários sem partido, pedindo ingresso no Partido bolchevique. O Comitê Central, fazendo-se eco deste movimento dos operários de vanguarda, admitiu o ingresso em massa no Partido e abriu as portas deste à promoção leninista. Ingressaram no Partido novas dezenas de milhares de operários. Ingressaram nele os que estavam dispostos a dar a vida pela causa do Partido, pela causa de Lênin. Em pouco tempo, engrossaram as fileiras do Partido mais de 240.000 operários. Aderiu ao Partido a parte mais avançada da classe operária, a mais consciente e revolucionária, a mais audaciosa e disciplinada. Esta foi à promoção leninista de novos filiados ao Partido.

A morte de Lênin mostrou quanto as massas operárias estavam unidas ao Partido bolchevique e quanto o queriam como filho de suas entranhas.

No 2º Congresso dos Soviets da URSS, celebrado nos dias de luto pela morte de Lênin, o camarada Stalin pronunciou, em nome do Partido, um solene juramento, no qual disse:

“Nós, os comunistas, somos homens de uma têmpera especial. Somos feitos de fibra especial. Somos os que formamos o exército do grande estrategista proletário, o exército do camarada Lênin. Não há nada mais alto que a honra de pertencer a este exército. Não há nada superior ao título de membro do Partido cujo fundador e chefe é o camarada Lênin.

Ao nos deixar, o camarada Lênin nos legou o dever de manter bem alto e conservar em toda a sua pureza o grande título de membro do Partido. Nós te juramos, camarada Lênin, que executaremos com honra este mandato!...

Ao nos deixar, o camarada Lênin nos legou o dever de conservar e fortalecer a ditadura do proletariado. Nós te juramos, camarada Lênin, que não pouparemos esforço para executar com honra também este mandato!

Ao nos deixar, o camarada Lênin nos legou o dever de assegurar com todas as nossas forças, a aliança dos operários e camponeses. Nós te juramos, camarada Lênin, que executaremos com honra igualmente este mandato!

O camarada Lênin nos falava insistentemente da necessidade de uma aliança voluntária e livre entre os povos do nosso país, da necessidade da sua colaboração fraternal dentro dos limites da União Soviética da necessidade da sua colaboração fraternal dentro dos limites da União Soviética. Aos nos deixar, o camarada Lênin, nos legou o dever de reforçar e estender a União das Repúblicas. Nós te juramos, camarada Lênin, que executaremos com honra também este mandato!...

Lênin nos indicou repetidas vezes que o fortalecimento do Exército Vermelho e o seu aperfeiçoamento constituem uma das mais importantes tarefas do nosso Partido. Juremos, pois, camaradas, que não pouparemos esforço para fortalecer o nosso Exército Vermelho e a nossa Frota Vermelha!

Ao nos deixar, o camarada Lênin nos legou o dever de permanecermos fiéis aos princípios da Internacional Comunista. Nós te juramos, camarada Lênin, que não regatearemos nossa vida para fortalecer e estender a união dos trabalhadores de todo o mundo, a Internacional Comunista!“.

Tal foi o juramento do Partido bolchevique a seu chefe, Lênin, cuja obra perdurará através dos séculos.

Em maio de 1924, celebrou-se o 13º Congresso do Partido. Assistiram a ele 748 delegados com direito de palavra e voto, representando 735.881 filiados. O enorme aumento do número de filiados ao Partido, em comparação com o do Congresso anterior,

tem sua explicação nos 250.000 ingressantes, aproximadamente, da promoção leninista. Os delegados com palavra, porém sem voto, eram 416.

O Congresso condenou unanimemente a plataforma da oposição trotskista, definindo-a como um desvio pequeno-burguês do marxismo, como uma revisão do leninismo e ratificou as resoluções votadas pela 13ª Conferência do Partido “Sobre a obra do desenvolvimento do Partido” e “Sobre os resultados da discussão”.

Partindo da tarefa de reforçar a coesão entre a cidade e o campo, o Congresso indicou a necessidade de continuar desenvolvendo a indústria, e em primeiro lugar, a indústria leve, salientando, ao mesmo tempo, a necessidade de imprimir um rápido desenvolvimento à indústria metalúrgica.

O Congresso ratificou a criação do Commissariado do povo para o Comércio Interior e propôs a todos os organismos comerciais a tarefa de dominar o mercado e desalojar da órbita comercial o capital privado.

O Congresso propôs a tarefa de desenvolver o crédito do Estado a favor dos camponeses com juros baixos, desalojando da aldeia o agiota.

Como tarefa fundamental para a atuação no campo, o Congresso destacou a palavra de ordem de desenvolver por todos os meios a cooperação entre as massas camponesas.

Finalmente, o Congresso assinalou a enorme importância da promoção leninista e chamou a atenção do Partido para a necessidade de reforçar o trabalho de educação dos novos filiados ao Partido, e, sobretudo da promoção leninista, instruindo-os nos fundamentos do leninismo.

A URSS no final do período de restauração da economia nacional – O problema da edificação e do triunfo do socialismo no país soviético – A “nova oposição” de Zinoviev-Kamenev – O 14º Congresso do Partido

O Partido Bolchevique e a classe operária estavam já com quatro anos de luta tenaz pela rota da nova política econômica. O heróico trabalho de restauração da economia nacional chegava a seu fim. A potência econômica e política da União Soviética crescia sem cessar.

A situação internacional, naquele momento, havia mudado. O capitalismo fez frente ao primeiro assalto revolucionário das massas depois da guerra imperialista. Foi sufocado o movimento revolucionário na Alemanha, na Itália, na Bulgária, Polônia e noutra série de países. Os chefes dos partidos social-democratas oportunistas ajudaram a burguesia a conseguir isto. Iniciou-se um refluxo passageiro da revolução. Iniciou-se uma estabilização parcial e passageira do capitalismo na Europa Ocidental, de um fortalecimento temporário das suas posições. Porém a estabilização do capitalismo não suprimiu as contradições fundamentais que desagregam a sociedade capitalista. Pelo contrário: a estabilização parcial do capitalismo vinha acentuar as contradições entre os operários e os capitalistas, entre o imperialismo e os países coloniais, entre os grupos imperialistas dos diversos países. A estabilização do capitalismo preparava a nova explosão dessas contradições, gerava novas crises nos países capitalistas.

Paralelamente à estabilização do capitalismo, devolvia-se a estabilização da União Soviética. Entretanto, entre estes dois processos de estabilização mediava uma diferença radical. A estabilização capitalista pressagiava a nova crise do capitalismo. A estabilização da União Soviética representava um novo desenvolvimento da potência econômica e política do país do socialismo.

Apesar da derrota sofrida pela revolução nos países ocidentais, a situação internacional da União Soviética continuava se fortalecendo, embora com ritmo mais lento.

Em 1922, a União Soviética foi convidada para a Conferência Econômica Internacional que se celebrou na cidade italiana de Gênova. Na Conferência de Gênova, os governos imperialistas, animados pela derrota da revolução nos países do capitalismo, tentaram fazer uma nova pressão sobre a República dos Soviets, agora, sob uma forma diplomática. Os imperialistas formularam ao país dos Soviets reivindicações insolentes. Exigiam que fossem devolvidas aos capitalistas estrangeiros as fábricas e as empresas industriais nacionalizadas pela Revolução de Outubro e que se pagassem todas as dívidas contraídas pelo governo

czarista. Em compensação, os estados imperialistas prometiam fazer ao Estado soviético alguns empréstimos.

A União Soviética rechaçou estas exigências.

A Conferência de Gênova foi infrutífera.

Também obteve a réplica adequada a ameaça de uma nova intervenção que o ultimato formulado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros da Inglaterra, Curzon, em 1923, representava.

Tendo sondado bem a firmeza do poder soviético, os Estados capitalistas, convencidos da própria debilidade, foram reatando um a um, as relações diplomáticas com o país dos Soviets. No transcurso do ano de 1924, se restabeleceram as relações diplomáticas com a Inglaterra, a França, o Japão e a Itália.

Era evidente que o poder soviético soube conquistar um período de trégua pacífica.

Tinha mudado também a situação dentro do país. O trabalho abnegado dos operários e dos camponeses dava seus frutos. A economia se desenvolvia rapidamente. No ano econômico de 1924-1925, a produção agrícola se aproximava já do nível de antes da guerra, pois tinha alcançado 87% deste nível. A grande indústria da URSS produzia, já em 1925, cerca de três quartas partes da produção industrial de antes da guerra. Em 1924-1925, o país soviético já pôde investir, em obras básicas, 385 milhões de rublos. O plano de eletrificação do país se realizava com êxito. As posições-chaves do socialismo, na economia nacional, se firmavam. Foram obtidos importantes êxitos na luta contra o capital privado na indústria e no comércio.

O auge econômico se traduzia em um novo melhoramento da situação dos operários e dos camponeses. A classe operária crescia com ritmo acelerado. Os salários aumentavam. Aumentava também a produtividade do trabalho. A situação material dos camponeses melhorava consideravelmente. Em 1924-1925, o Estado operário e camponês pôde consignar 290 milhões de rublos para ajudar os camponeses pobres. O melhoramento da situação dos operários e camponeses contribuiu para incrementar em proporções consideráveis a atividade política das massas. A ditadura do proletariado se fortalecia: A autoridade e a influência do Partido estavam aumentando.

A restauração da economia nacional chegava a seu fim. Porém o país dos Soviets não podia dar-se por satisfeito com a restauração pura e simples da economia, com alcançar simplesmente o nível de antes da guerra. Este nível era o de um país atrasado. Era preciso continuar avançando. A longa trégua conquistada pelo Estado Soviético garantia a possibilidade de prosseguir a obra de edificação.

Ao chegar aqui, porém, surgia em toda a sua envergadura o problema das perspectivas, do caráter do nosso desenvolvimento e da nossa edificação, o problema da sorte do socialismo na União Soviética. Em que direção se devia orientar a edificação econômica da União Soviética, em direção do socialismo ou numa outra direção? Devia e podia o país soviético construir uma economia socialista, ou estava condenado a preparar o terreno para outra classe de economia, para uma economia capitalista? Era possível, em linhas gerais, construir uma economia socialista da URSS, e caso assim fosse, era possível construí-la ante a demora da revolução nos países capitalistas e a estabilização do capitalismo? Era possível construir uma economia socialista pela senda da nova política econômica, que ao mesmo tempo em que fortalecia e desenvolvia por todos os meios as forças do socialismo dentro do país, dava também, no momento, um certo incremento ao capitalismo? Como construir uma economia nacional de tipo socialista? Por onde começar esta obra de edificação?

Todas estas perguntas se levantavam ante o Partido, ao terminar o período de restauração da economia nacional, não já como problemas teóricos, e sim como problemas práticos, como problemas que afetavam o trabalho quotidiano da edificação econômica.

Eram todas estas perguntas que exigiam respostas claras e simples, para que os militantes do Partido e os dirigentes das organizações econômicas, os que constituíam a

indústria e a agricultura, e todo o povo, soubessem para onde se deviam orientar, se para o socialismo ou para o capitalismo.

Sem responder claramente a estas perguntas, toda a atuação prática do Partido no terreno construtivo seria trabalho com falta de perspectivas, trabalho às cegas, estéril.

E, com efeito, o Partido deu a todas estas perguntas uma resposta clara e definida.

Sim – respondia o Partido – o país soviético pode e deve edificar uma economia socialista, pois existem nele todos os elementos necessários para isto, para construir uma economia socialista e para edificar uma sociedade socialista completa. Em outubro de 1917 a classe operária venceu o capitalismo no terreno político, instaurando sua ditadura política. De então para cá, o poder soviético tomou todas as medidas necessárias para destruir a potência econômica do capitalismo e criar as condições indispensáveis para edificar uma economia nacional de tipo socialista. A expropriação dos capitalistas e latifundiários, a conversão das terras, fábricas e empresas industriais, bancos e vias de comunicação, em propriedade de todo o povo; a implantação da nova política econômica; a organização de uma indústria socialista do Estado; a aplicação do plano cooperativo de Lênin: eis aí as medidas adotadas pelo poder soviético. A tarefa fundamental, agora, consiste em desenvolver por todo o país a obra de edificação de uma nova economia, da economia socialista, dando também assim o tiro de misericórdia no capitalismo no terreno econômico. Todo o trabalho prático, toda a atuação do Partido Bolchevique devem subordinar-se ao cumprimento desta tarefa fundamental. A classe operária pode fazer isto e o fará. A execução desta tarefa grandiosa deve começar pela industrialização do país. A industrialização socialista do país é o elo fundamental pelo qual há de começar a magna obra da edificação de uma economia nacional de tipo socialista. Nem a demora da revolução na Europa Ocidental, nem a estabilização parcial do capitalismo nos países não soviéticos, poderão conter a marcha vitoriosa da URSS para o socialismo. A nova política econômica só pode facilitar esta obra, pois foi implantada pelo Partido precisamente para isto, para facilitar a edificação dos alicerces socialistas da economia nacional do país.

Esta era a resposta que dava o Partido à pergunta acerca do triunfo da edificação socialista na União Soviética.

O Partido sabia, porém, que o problema do triunfo do socialismo em um só país não se reduzia a isto. A construção do socialismo na URSS representava uma grandiosa mudança na história da Humanidade e um triunfo de alcance histórico universal para a classe operária e os camponeses da URSS. Mas é, porém, apesar de tudo, uma incumbência interior da URSS e representa somente uma parte do problema do triunfo do socialismo. A outra parte do problema constitui seu aspecto internacional. Fundamentando as teses do triunfo do socialismo em um só país, o camarada Stalin assinalou mais de uma vez que é necessário distinguir entre os dois aspectos deste problema: O aspecto interior e o aspecto internacional. Pelo que se refere ao aspecto interior do problema, ou seja, a correlação de classes dentro do país, a classe operária e os camponeses da URSS poderão vencer plenamente no terreno econômico a sua própria burguesia e construir uma sociedade socialista completa. Fica, porém, o aspecto internacional do assunto, isto é, a órbita das relações exteriores, a órbita das relações entre o país soviético e os países capitalistas, entre o povo soviético e a burguesia internacional, que odeia o regime soviético e procurará a ocasião para desencadear uma nova intervenção armada contra o país dos Soviets, fazendo novas tentativas destinadas a restaurar o capitalismo na URSS. E como este é, no momento, o único país do socialismo e os demais países continuam sendo capitalistas, continuará existindo em torno da URSS um cerco capitalista, fonte de perigo de uma nova intervenção armada do capitalismo. Claro está que enquanto existir o cerco capitalista continuará também existindo o perigo de uma intervenção capitalista. Pode o povo soviético só com suas forças, destruir este perigo exterior, o perigo de uma intervenção armada do capitalismo contra a URSS? Não, não pode. E não pode, porque para acabar com o perigo de uma intervenção do capitalismo é necessário acabar com o cerco capitalista, e isto só é possível conseguir como resultado de uma revolução proletária vitoriosa, pelo menos, em

alguns países. De onde se deduz que o triunfo do socialismo na URSS, triunfo que se revela na liquidação do sistema da economia capitalista e na construção do sistema da economia socialista, não pode, apesar de tudo, considerar-se como um triunfo definitivo, enquanto não desaparecer o perigo de uma intervenção armada estrangeira e das tentativas de restauração do capitalismo, enquanto o país do socialismo não estiver garantido contra este perigo. Para acabar com o perigo de uma intervenção armada estrangeira, é necessário acabar com o cerco capitalista.

É verdade que o povo soviético e o seu Exército Vermelho, mediante a política acertada do poder soviético, saberão dar uma resposta mais adequada a uma nova intervenção capitalista estrangeira, tal como deram à primeira intervenção capitalista dos anos de 1918 e 1920. Mas isto, por si só, não quer dizer que vai desaparecer o perigo de novas intervenções capitalistas. A derrota sofrida pela primeira intervenção não acabou com o perigo de uma outra nova, como o demonstra o fato de que a fonte da qual emana o perigo de novas intervenções – o cerco capitalista – continua existindo. O fracasso de uma intervenção também não fará desaparecer o perigo de que se produzam outras, enquanto estiver de pé o cerco capitalista.

Conclui-se daí que o triunfo da revolução proletária nos países capitalistas é de interesse vital para os trabalhadores da URSS. Era essa a posição do Partido ante o problema do triunfo do socialismo no país soviético.

O Comitê Central exigiu que esta posição fosse submetida à consideração da 14^o Conferência do Partido, prestes a se celebrar, para que fosse aprovada e sancionada como posição do Partido, como resolução do Partido, obrigatória para todos os membros.

Esta posição produziu um efeito desconcertante nos elementos da oposição. Desconcertou-os, sobretudo, o fato de que o Partido desse a essa posição um caráter prático concreto, a ligasse ao plano prático da industrialização socialista do país e exigisse que tivesse a forma de uma resolução da 14^a Conferência do Partido, obrigatória para todos os filiados.

Os trotskistas se levantaram contra esta posição do Partido, opondo-lhe a “teoria da revolução permanente”, teoria menchevique, que, só para escarnecer do marxismo, se podia apresentar como uma teoria marxista, e que negava a possibilidade do triunfo do socialismo na URSS.

Os bucharinistas não se decidiram a enfrentar abertamente a posição do Partido. Sorrateiramente, porém, começaram a lhe opor a sua própria “teoria” da evolução pacífica da burguesia para o socialismo, completando-a com a “nova” palavra de ordem “enriquecei-vos!”. Isto é, segundo os bucharinistas, o triunfo do socialismo não representava a liquidação da burguesia, mas, pelo contrário, vinha para fomentá-la e enriquece-la.

Zinoviev e Kamenev se precipitaram, mantendo durante algum tempo, a afirmação de que na URSS era impossível que triunfasse o socialismo, devido ao atraso técnico-econômico deste país: porém viram-se obrigados mais tarde a bater em retirada.

A 14^a Conferência do Partido (celebrada em abril de 1925) condenou todas estas “teorias” capituladoras dos sequazes assumidos e encobertos da oposição e afirmou a posição do Partido sobre o triunfo do socialismo na URSS, votando uma resolução conseqüente com isto.

Zinoviev e Kamenev, vendo-se acossados, optaram por votar a favor desta resolução. Mas não se podia ocultar ao Partido que isto não era mais que um ardil para retardar sua luta contra ele e para “dar combate ao Partido” no seu 14^o Congresso. Logo reuniram os adeptos que contavam em Leningrado e formaram a chamada “nova oposição”.

Em dezembro de 1925, celebrou-se o 14^o Congresso.

Este Congresso decorreu numa atmosfera de grande tensão dentro do Partido. Em todo o tempo que este tinha de existência não se havia dado ainda o caso de que a delegação de um centro importantíssimo do Partido como Leningrado confabulasse para atuar toda ela contra o Comitê Central.

Participaram deste Congresso 665 delegados com direito de palavra e voto e 641 sem direito a voto, representando 643.000 filiados e 445.000 aspirantes, isto é, um número algo menor que no Congresso anterior. Este declínio era o resultado da depuração parcial levada a cabo nas células das escolas superiores e dos organismos administrativos que se revelaram infestados de elementos inimigos do Partido.

O informe político do Comitê Central coube ao camarada Stalin. Este traçou um quadro nítido do desenvolvimento da potência política e econômica da União Soviética. Graças à superioridade do sistema da economia soviética, tanto a indústria como a agricultura foram restauradas em um prazo relativamente curto e se aproximavam de novo do nível de antes da guerra. Apesar destes êxitos, porém, o camarada Stalin preconizava a necessidade de não se contentar com o conseguido, já que os êxitos obtidos não podiam destruir o fato de que o país soviético continuava sendo um país agrário. As duas terças partes da produção eram agrícolas e só uma terça parte procedia da indústria. Ante o Partido se apresentava em toda a sua plenitude – dizia o camarada Stalin – o problema de transformar o país soviético num país industrial, economicamente independente dos países capitalistas. E isto se podia e se devia fazer. A tarefa central do Partido era lutar pela industrialização socialista do país, lutar pelo triunfo do socialismo.

“Transformar o nosso país de um país agrário em um país industrial, capaz de produzir com seus próprios meios as máquinas e as ferramentas necessárias: nisto consiste a essência, o fundamento da nossa linha geral”, - dizia o camarada Stalin.

A industrialização do país garantiria sua independência econômica, reforçaria sua capacidade defensiva e criaria as condições necessárias para o triunfo do socialismo na URSS.

Contra a linha geral do Partido se levantaram os zinovievistas. O zinovievista Sokolnikov opôs ao plano de industrialização socialista de Stalin o plano burguês que tinha aceitação entre os tubarões do capitalismo. Este plano consistia em que a URSS continuasse sendo um país agrário que produzisse, fundamentalmente, matérias primas e artigos alimentícios, exportando estes artigos e importando a maquinaria que não produzia nem devia, segundo eles, produzir. Dentro das condições existentes em 1925, este plano tinha todo o caráter de um plano de escravização econômica da URSS pelos países estrangeiros industrialmente desenvolvidos, de um plano destinado a manter o atraso industrial da URSS em proveito dos tubarões imperialistas dos países do capitalismo.

Aceitar este plano equivalia a converter o país soviético em um país agrário impotente, em um apêndice agrícola do mundo capitalista, entregá-lo como um país débil e enorme à mercê do cerco capitalista e, em última instância, sepultar a causa do socialismo na URSS

O Congresso estigmatizou o “plano” econômico dos zinovievistas, como um plano de escravidão da URSS.

De nada serviram à “nova oposição” saídas como a de afirmar (deturpando Lênin) que a indústria do Estado Soviético não era, segundo ela, uma indústria socialista, nem declarar (deturpando também Lênin) que o camponês não podia, segundo ela, ser aliado da classe operária na edificação do socialismo.

O Congresso estigmatizou, como antileninistas, estas saídas da “nova oposição”.

O camarada Stalin desmascarou o fundo trotskista-menchevique da “nova oposição”. Mostrou que Zinoviev e Kamenev não faziam mais que repetir as cantilenas dos inimigos do Partido, contra os quais Lênin em seu tempo tinha lutado implacavelmente.

Não havia a menor dúvida que os zinovievistas não eram mais que trotskistas mal disfarçados.

O camarada Stalin destacou que a tarefa mais importante do Partido consistia em estabelecer uma aliança sólida entre a classe operária e os camponeses médios para a obra da edificação do socialismo. E assinalou dois desvios que existiam então, no Partido, a respeito do problema camponês e que representavam um perigo para esta aliança. O primeiro desvio consistia em menosprezar e diminuir a importância do perigo dos kulaks; o

segundo era o pânico, o terror aos kulaks, e o menosprezo da importância dos camponeses médios. Respondendo à pergunta de qual dos dois desvios era o pior, o camarada Stalin dizia: “Ambos, o primeiro e o segundo desvios, são piores. E si estes desvios ganhassem terreno, seriam capazes de desorganizar e jogar no monturo o nosso Partido. Dentro do nosso Partido há, felizmente, forças suficientes para cortar pela raiz o primeiro e o segundo desvios”.

Com efeito, o Partido esmagou e cortou pela raiz o desvio de esquerda e o de direita.

Fazendo o balanço dos debates mantidos em torno da edificação econômica, o 14º Congresso do Partido rechaçou unanimemente os planos capituladores dos elementos da oposição e estampou na sua memorável resolução estas palavras:

“No terreno da edificação econômica, o Congresso parte do critério de que o nosso país, o país da ditadura do proletariado, conta “com todos os elementos necessários para construir uma sociedade socialista completa” (Lênin). O Congresso entende que a luta pelo triunfo da edificação do socialismo na URSS, é missão fundamental do nosso Partido”.

O 14º Congresso aprovou os novos estatutos do Partido.

A partir do 14º Congresso, o Partido bolchevique começou a se chamar Partido Comunista (bolchevique) da URSS – PC (b) da URSS.

Os zinovievistas, derrotados no Congresso, não se submeteram à disciplina do Partido. Começaram a lutar contra as resoluções do 14º Congresso. Zinoviev organizou uma assembléia do Comitê provincial das Juventudes Comunistas de Leningrado, em cujos dirigentes ele, Salutski, Bakaiev, Evdokimov, Kuklin, Safarov e outros salafrários, tinham inculcado o ódio contra o Comitê Central Leninista do Partido.

Nesta assembléia, o Comitê provincial das Juventudes Comunistas de Leningrado tomou a resolução, inaudita na história das Juventudes Comunistas Leninistas da URSS, de se rebelar contra as resoluções do 14º Congresso do Partido.

Os dirigentes zinovievistas das Juventudes Comunistas de Leningrado não refletiam, porém, de nenhum modo, o estado de espírito das massas de jovens comunistas dessa capital. Não deu, pois, grande trabalho esmagá-los, e rapidamente a organização juvenil de Leningrado voltou a ocupar o lugar que lhe correspondia dentro das Juventudes Comunistas.

Ao terminar o 14º Congresso, saíram para Leningrado um grupo de delegados, composto pelos camaradas Molotov, Kirov, Voroshilov, Kalinin, Andreev e outros. Era necessário explicar aos membros da organização do Partido naquela capital o caráter criminoso, antibolchevique da oposição mantida no Congresso pela delegação de Leningrado, que tinha obtido as suas atas por meio de fraude. As assembléias em que se informou sobre o Congresso foram bastante agitadas. Convocou-se urgentemente uma nova Conferência da organização do Partido de Leningrado. A esmagadora maioria dos filiados ao Partido em Leningrado (mais de 97 por cento) referendou plenamente as resoluções do XIV Congresso do Partido e condenou a “nova oposição” zinovievista antibolchevique. A “nova oposição” era já um grupo de generais sem exército.

Os bolcheviques de Leningrado continuaram militando nas primeiras fileiras do Partido de Lênin e Stalin.

Resumindo os resultados do trabalho do 14º Congresso do Partido, o camarada Stalin escrevia:

“A significação histórica do 14º Congresso do PC (b) da URSS consiste em que soube pôr a descoberto até em sua raiz os erros da “nova oposição”, em que lançou por terra sua falta de fé e suas lamentações, em que traçou clara e nitidamente o caminho para continuar lutando pelo socialismo, deu ao Partido uma perspectiva de triunfo e com isso infundiu no proletariado a fé inquebrantável no triunfo da edificação socialista” (Stalin, “Questões do Leninismo”, ed.russa, pág. 150).

A construção do socialismo na URSS (II)

Neste caderno, colocamos à disposição dos leitores a segunda parte dos capítulos da “História do Partido Comunista (bolchevique) da URSS” que tratam da construção do socialismo. Naturalmente, esta obra, por ter sido publicada em 1938, não abarca toda a construção do socialismo na URSS. Porém, contém o essencial, uma vez que apenas dois anos depois os soviéticos tiveram que enfrentar e vencer a invasão nazista. Foi exatamente a estupenda realização dos soviéticos durante os anos aqui relatados que permitiu com que a URSS vencesse o nazismo, liderando os povos do mundo no combate mais decisivo em que até então haviam se empenhado. Da mesma forma, foram esses alicerces que fizeram com que o país conseguisse, após a guerra, e apesar das imensas perdas humanas e materiais, reconstruir-se em apenas cinco anos.

Na parte que hoje apresentamos, é impressionante a luta travada pelo povo soviético, liderado por Stalin, para superar as dificuldades materiais e a acirrada e cada vez mais criminosa - porque cada vez mais desesperada - resistência dos inimigos da edificação do socialismo. A industrialização do país, os planos quinquenais, a coletivização da agricultura, a preparação do país para a guerra iminente, todos esses episódios vitoriosos que distinguiram toda uma era na história da Humanidade, só puderam ser alcançados devido à luta tenaz do partido, em especial de seu principal dirigente, à frente do povo. Exatamente por isso, esse período - e seus protagonistas - tornou-se o mais difamado por todos os parasitas, exploradores e sequazes. O que somente demonstra a imensa grandeza desta obra.

CARLOS LOPES

A luta pela industrialização socialista – Formação do bloco trotskista-zinovievista – Atuação anti-soviética deste bloco

Depois do 15º Congresso, o Partido desenvolveu a luta para pôr em prática a linha geral a respeito da industrialização socialista do país.

No período de restauração da economia, o problema consistia em tirar da sua prostração, antes de tudo, a agricultura, em obter desta matérias primas e artigos alimentícios e pôr em movimento e restaurar a indústria, as fábricas e empresas industriais existentes.

O poder soviético resolveu com relativa facilidade estes problemas.

O período de restauração da economia apresentava três grandes limitações.

Em primeiro lugar, só existiam as velhas fábricas e empresas industriais, com sua técnica velha e atrasada, que podiam ficar imprestáveis dentro de pouco tempo. Apresentava-se o problema de equipar de novo estas fábricas e empresas industriais nos moldes da técnica moderna.

Em segundo lugar, o período de restauração da economia se encontrou com uma indústria cuja base era muito reduzida, pois entre as fábricas e empresas industriais existentes faziam falta dezenas e centenas de fábricas de construção de maquinaria, absolutamente necessárias para o país, fábricas que não existiam então e que era indispensável construir, já que sem elas não pode existir uma verdadeira indústria. Apresentava-se, portanto, o problema de criar estas fábricas e de equipá-las com uma técnica nova.

Em terceiro lugar, o período de restauração da economia se preocupava, principalmente, com a indústria leve que desenvolveu e pôs a funcionar. Porém este desenvolvimento da indústria leve continuava se apoiando numa indústria pesada pobre, além de outras exigências do país reclamarem também, para sua satisfação, uma indústria pesada

progressista. Apresentava-se, pois, o problema do passar para o primeiro plano, de agora por diante, a indústria pesada.

Todos estes novos problemas eram os que a política da industrialização socialista tinha que resolver.

Era necessário construir toda uma série de ramos industriais, desconhecidos da Rússia czarista: máquinas e equipamentos, automóveis, produtos químicos, metalúrgicas; organizar uma produção própria de motores e de material para a instalação de centrais elétricas; incrementar a extração de metais e de carvão, pois assim o exigia a causa do triunfo do socialismo na URSS.

Era necessário criar uma nova indústria de guerra, construir novas fábricas de artilharia, de munições, de aviação, de tanques e de metralhadoras, pois assim o exigiam os interesses da defesa da URSS, sob as condições de cerco capitalista.

Era necessário construir fábricas de tratores, fábricas de maquinaria agrícola moderna, abastecendo com elas a agricultura, para dar aos milhões de pequenos camponeses individuais a possibilidade de passar para a grande produção kolkhosiana, pois assim o exigiam os interesses do triunfo do socialismo no campo.

Tudo isto era o que a política da industrialização tinha que resolver, pois nisso consistia, precisamente, a industrialização socialista do país.

É fora de dúvida que a construção de obras básicas tão gigantescas não se podia realizar sem uma inversão de milhares de milhões. Para isto não se podia contar com empréstimos estrangeiros, pois os países capitalistas se negavam a concedê-los. Era necessário realizar esta empresa com os próprios recursos do país, sem a ajuda de fora. O país soviético não era ainda, então, uma nação rica.

Nisto consistia uma das principais dificuldades deste período.

Os países capitalistas costumavam criar sua indústria pesada às expensas dos recursos que afluíam para eles de fora: à custa do saque das colônias, das contribuições impostas aos povos vencidos e dos empréstimos estrangeiros. O país dos Soviets não podia recorrer, por princípio, para financiar a industrialização, a essas sujas fontes de renda que o saque dos povos coloniais ou dos povos vencidos proporciona. Quanto aos empréstimos estrangeiros, a negativa dos países capitalistas em concedê-los fechava à URSS este caminho. Era preciso encontrar os recursos necessários dentro do país.

E na URSS se encontraram estes recursos. A URSS descobriu fontes de acumulação desconhecidas em todos os Estados capitalistas. O Estado Soviético dispunha de todas as fábricas e empresas industriais, de todas as terras, confiscadas pela Revolução Socialista de Outubro aos capitalistas e latifundiários, dos transportes, dos bancos, do comércio exterior e interior. Os lucros obtidos pelas fábricas e empresas industriais do Estado, pelos transportes, pelo comércio, pelos bancos já não eram consumidos pela classe parasitária dos capitalistas, porém eram investidos para continuar desenvolvendo a indústria.

O poder soviético tinha anulado as dívidas czaristas, pelas quais o povo tinha que pagar todos os anos centenas de milhões de rublos ouro, somente no que se refere a juros. Ao abolir a propriedade dos latifundiários sobre a terra, o poder soviético libertou os camponeses da obrigação de pagar todos os anos aos latifundiários cerca de 500 milhões de rublos ouro, a que montavam as rendas da terra. Os camponeses, livres desta carga, podiam ajudar o Estado a construir uma nova e poderosa indústria. Para isto, estavam vitalmente interessados em dispor de tratores e de maquinaria agrícola.

O Estado dispunha de todas estas fontes de renda. Delas podiam sair centenas e milhares de milhões de rublos para construir a indústria pesada. A única coisa que faltava era abordar o problema de um modo rendoso e implantar um severíssimo regime de economia em matéria de despesas, racionalizar a produção, reduzir os preços de custo desta, acabar com os gastos improdutivos, etc.

E assim foi, com efeito, como procedeu o poder soviético.

Graças ao regime de economia que se seguiu, a cada ano eram mais consideráveis os recursos que se acumulavam para investir em obras básicas. E assim, foi possível atacar a construção de empresas tão gigantescas como a central elétrica do Dnieper, a estrada de ferro do Turquestão à Sibéria, a fábrica de tratores de Stalingrado, as fábricas de automóveis “AMO” (hoje fábrica Stalin), etc. Em 1926-1927, se investiram na indústria cerca de mil milhões de rublos; três anos depois, se puderam investir nelas já uns 5.000 milhões.

A obra da industrialização continuava avançando.

Os países capitalistas viam no fortalecimento da economia socialista da URSS uma ameaça para a existência do sistema capitalista. Em vista disto, os governos imperialistas tomaram todas as medidas imagináveis para exercer uma nova pressão sobre a URSS, para impedir, frustrar, ou pelo menos, enfraquecer, a marcha da industrialização na União Soviética.

Em maio de 1927, os conservadores ingleses, os reacionários que estavam no poder, organizaram um assalto de provocação contra a Sociedade Soviética para o Comércio com a Inglaterra (“Arkos”). Em maio de 1927, o governo conservador inglês rompeu as relações diplomáticas e comerciais com a URSS

Em 7 de julho de 1927, um guarda branco russo, súdito polaco, assassinou em Varsóvia o embaixador da URSS, camarada Voikov.

Ao mesmo tempo, os espões e agentes ingleses emboscados no território da URSS lançaram várias bombas contra um clube do Partido em Leningrado, ferindo 30 pessoas, várias delas gravemente.

No verão de 1927, produziram-se quase simultaneamente assaltos contra as embaixadas e delegações comerciais da URSS em Berlim, Pequim, Xangai e Tientsin.

Veio isto aumentar as dificuldades com que tinha que lutar o poder soviético.

A URSS porém não se rendeu à pressão e rechaçou facilmente os assaltos provocadores dos imperialistas e dos seus agentes.

Não foram menores as dificuldades que originaram ao Partido e ao Estado Soviético os trotskistas e demais elementos da oposição, com seu trabalho de sapa. Não em vão, dizia o camarada Stalin, naquele tempo, que contra o poder soviético “se formava uma espécie de frente única, que ia desde Chamberlain até Trotsky”. Apesar das resoluções do 15º Congresso do Partido e das promessas de lealdade feitas pela oposição, seus sequazes não depunham as armas. Longe disso, intensificavam cada vez mais seu trabalho divisionista e de sapa.

No verão de 1926, os trotskistas e os zinovievistas se uniram num bloco anti-bolchevique, agruparam em torno deste bloco os restos de todos os grupos da oposição derrotados e assentaram as bases para um partido clandestino anti-leninista, infringindo deste modo gravemente os estatutos do Partido e as resoluções dos seus Congressos, que proibiam a formação de toda a classe de frações. O Comitê Central do Partido advertiu que se este bloco anti-bolchevique, formado à imagem e semelhança do célebre bloco menchevique de agosto, não fosse dissolvido, os seus componentes podiam acabar mal. Os elementos que formavam o bloco não cederam, porém.

No outono do mesmo ano, nas vésperas da 15ª Conferência do Partido, procuraram uma saída nas assembléias organizadas nas fábricas de Moscou, Leningrado e outras cidades, tentando impor ao Partido uma nova discussão. Ao mesmo tempo, submeteram à apreciação dos filiados uma plataforma que não era mais que uma cópia da conhecida plataforma trotskista-menchevique, anti-leninista. Os filiados do Partido combateram

energicamente os elementos da oposição e em alguns lugares os expulsaram das assembleias, sem rodeios. O Comitê Central advertiu novamente aos componentes do bloco que o Partido não podia continuar tolerando seu trabalho de sapa.

Os elementos da oposição apresentaram ao Comitê Central uma declaração subscrita por Trotsky, Zinoviev, Kamenev, Sokolnikov, na qual condenavam seu trabalho divisionista e prometiam manter daí por diante uma atitude leal para com o Partido. Não obstante, o bloco continuou existindo de fato e os seus componentes não cessaram sua atuação clandestina contra o Partido. Continuaram juntando os pedaços de seu partido anti-leninista, montaram uma imprensa clandestina, angariavam quotas entre seus sequazes e difundiam sua plataforma.

Em relação a esta conduta dos trotskistas e zinovievistas, a 15ª Conferência do Partido (novembro de 1926) e o pleno ampliado do Comitê Executivo da Internacional Comunista (dezembro de 1926) puseram em discussão as questões do bloco trotskista-zinovievista e nas suas resoluções estigmatizaram os componentes deste bloco, como elementos divisionistas que em sua plataforma desceram até às posições mencheviques.

Os componentes do bloco, porém, não aproveitaram esta lição. Em 1927, no momento em que os conservadores ingleses rompiam as relações diplomáticas e comerciais com a URSS, aqueles elementos voltaram a intensificar seus ataques contra o Partido. Arranjaram uma nova plataforma anti-leninista, a chamada “plataforma dos 83”, e começaram a difundi-la entre os filiados do Partido, exigindo que o Comitê Central se prestasse a abrir uma nova discussão com caráter geral. Esta plataforma era, talvez, a mais hipócrita e farisaica de todas as plataformas apresentadas pela oposição.

De palavra, isto é, na sua plataforma, os trotskistas e zinovievistas não faziam nenhuma restrição à observância das resoluções do Partido e se pronunciavam a favor da lealdade a este, porém de fato infringiram da forma mais grave as resoluções do Partido, zombando de tudo o que significasse lealdade a ele e ao Comitê Central.

De palavra, isto é, na sua plataforma, não opunha a menor restrição à unidade do Partido, e se pronunciavam contrários à divisão, porém, de fato, infringiram da forma mais grave a linha do Partido, seguiam uma linha divisionista, e contavam já com seu próprio partido clandestino, anti-leninista, maduro para se converter em um partido anti-soviético, contra-revolucionário.

De palavra, isto é, na sua plataforma se pronunciavam a favor da política da industrialização e chegavam inclusive a acusar o Comitê Central de dirigi-la com um ritmo que não era suficientemente rápido, porém de fato denegriam a resolução do Partido sobre o triunfo do socialismo na URSS, zombavam da política da industrialização socialista, exigiam que se entregassem aos estrangeiros, a título de concessões, toda uma série de fábricas e empresas industriais e depositavam suas principais esperanças nas concessões capitalistas estrangeiras na URSS.

De palavra, isto é, na sua plataforma, se manifestavam a favor do movimento kolkhosiano, chegavam inclusive a acusar o Comitê Central de dirigir a coletivização com um ritmo que não era suficientemente rápido, porém de fato zombavam da política de incorporação dos camponeses à edificação socialista, pregavam que surgiriam inevitavelmente “conflitos insolúveis” entre a classe operária e os camponeses e depositavam suas esperanças nos “arrendatários civilizados” no campo, isto é, nas explorações dos kulaks.

Era esta a plataforma mais hipócrita de todas as plataformas hipócritas da oposição. A sua única finalidade era enganar o Partido.

O Comitê Central se negou a abrir imediatamente a discussão, declarando aos sequazes da oposição que essa só podia abrir-se como preceituavam os estatutos do Partido, isto é, com dois meses de antecedência a um Congresso.

Em outubro de 1927, dois meses antes de se celebrar o 15º Congresso, o Comitê Central declarou aberta a discussão geral. Começou a batalha. Os resultados da discussão foram desastrosos para o bloco trotskista e zinovievista. Votaram a favor da política do Comitê

Central 724.000 filiados e a favor do bloco trotskista e zinovievista 4.000, isto é, menos de um por cento. O bloco anti-bolchevique sofreu uma acachapante derrota. O Partido, animado por um só espírito, rechaçou por esmagadora maioria a plataforma do bloco.

O Partido, para cuja opinião os componentes do bloco tinham apelado por iniciativa própria, expressava assim sua vontade de modo inequívoco.

Os componentes do bloco, porém, não aproveitaram esta lição. Em vez de se submeterem à vontade do Partido, decidiram miná-la. Antes mesmo de terminar a discussão, vendo-se inevitável e ignominiosamente fracassados, resolveram recorrer a formas mais agudas de luta. Decidiram organizar uma manifestação aberta de protesto em Moscou e em Leningrado. Escolheram para isto a data de 7 de Novembro, aniversário da Revolução de Outubro, em que os trabalhadores da URSS desfilam em manifestações revolucionárias com todo o povo. Os trotskistas e os zinovievistas se propunham, portanto, a organizar uma manifestação paralela a esta. Como era de esperar, os sequazes do bloco só conseguiram congregiar na rua um punhado ridículo de comparsas que foram varridos e repelidos com seus corifeus, pela manifestação de todo o povo.

Agora, já não se podia duvidar que os trotskistas e os zinovievistas tinham se afundado no charco anti-soviético. Se na discussão geral do Partido apelavam para este contra o Comitê Central, agora, ao organizarem sua lamentável manifestação, lançavam-se pelo caminho de apelar para as classes inimigas contra o Partido e o Estado Soviético. Ao traçarem como objetivo a destruição do Partido bolchevique, tinham inevitavelmente que descer até o caminho da luta contra o Estado Soviético, pois no país dos Soviets, o Partido bolchevique e o Estado são inseparáveis. Com isso, os corifeus do bloco trotskista-zinovievista se colocavam fora do Partido, pois era impossível continuar tolerando nas fileiras do Partido bolchevique pessoas que tinham rolado até o charco anti-soviético.

Em 14 de novembro de 1927, em uma reunião conjunta do Comitê Central e da Comissão Central de Controle, Trotsky e Zinoviev foram expulsos do Partido.

Êxitos da industrialização socialista – Atraso da agricultura O 15º Congresso do Partido – Esmagamento do bloco trotskista-zinovievista A política de duas caras

Em fins de 1927, começaram a se destacar êxitos decisivos na política da industrialização socialista. A industrialização, dentro das condições da NEP, realizou importantes avanços em pouco tempo. A indústria e a agricultura em conjunto (incluindo a exploração florestal e a pesca), não só alcançaram o nível de produção global de antes da guerra, senão que o ultrapassaram. O peso específico da indústria dentro da economia nacional aumentou até 42 por cento, alcançando o nível proporcional de antes da guerra.

O setor socialista da indústria crescia rapidamente a expensas do setor privado, aumentando de 81 por cento em 1924-1925, até 86 por cento em 1926-1927, ao mesmo tempo em que o peso específico do setor privado decrescia, durante este período, de 19 a 14 por cento.

Isto significava que a industrialização na URSS tinha um caráter socialista que se ia acentuando rapidamente, que a indústria da URSS se desenvolvia pela via do triunfo do sistema socialista de produção, que no terreno da indústria o problema de “Quem vencerá?” estava já resolvido a favor do socialismo.

Com a mesma rapidez os comerciantes privados iam sendo desalojados do comércio; sua participação no comércio varejista decresceu de 42 por cento, em 1924-1925, a 32 por cento em 1926-1927, e não falemos no comércio atacadista, onde a participação dos particulares desceu, nesse mesmo período, de 9 a 5 por cento.

Era, porém, mais rápido ainda o ritmo com que se desenvolvia a grande indústria socialista, que em 1927, isto é, no primeiro ano depois do período de restauração da Economia, viu aumentar sua produção em 18 por cento, em comparação com a do ano

precedente. Era este um recorde de desenvolvimento da produção, inesquecível até para a grande indústria dos países capitalistas mais adiantados.

A agricultura, principalmente a cultura de cereais, apresentava, ao contrário, um quadro muito diverso. Ainda que, em conjunto, a agricultura houvesse ultrapassado o nível de antes da guerra, a produção global de seu ramo mais importante, o de cultivo de cereais, só produzia 91 por cento do nível de antes da guerra, e a parte mercantil da produção de cereais, a parte que se destinava a ser vendida para o abastecimento das cidades representava apenas 37 por cento do nível de antes da guerra; além disso todos os indícios anunciavam o perigo de que a produção de trigo para o mercado continuaria decrescendo.

Isto significava que a divisão das grandes fazendas produtoras de mercadorias no campo em pequenas explorações e destas em outras ainda menores, processo que começou em 1918, prosseguia sempre; que as pequenas e diminutas explorações camponesas se convertiam em economias de tipo semi-natural, capazes de produzir somente uma quantidade mínima de trigo para o mercado, que o cultivo de cereais em 1927, apesar de ser somente a produção um pouco menor que a de antes da guerra, só deixava margem para vender para as cidades um pouco mais da terça parte da quantidade de trigo que os cultivadores de cereais podiam vender antes da guerra.

Não havia dúvida de que, se não acabasse com tal estado de coisas no cultivo de cereais, o exército e as cidades da URSS seriam levados a uma situação de fome crônica. Tratava-se de uma crise do cultivo de cereais, à qual seguiria necessariamente uma crise da pecuária.

Para sair dessa situação, era necessário passar, na agricultura, ao sistema da grande produção, capaz de utilizar os serviços de tratores e máquinas agrícolas e de multiplicar o rendimento do cultivo de cereais para o mercado. Duas possibilidades se abriam ante o país: passar à grande produção de tipo capitalista, o que equivalia a arruinar as massas camponesas, romper a aliança, entre a classe operária e os camponeses, fortalecer os kulaks e acabar com o socialismo no campo, ou marchar pelo caminho da agrupação das pequenas explorações camponesas em grandes explorações de tipo socialista, em kolkhoses, capazes de utilizar tratores e outras máquinas agrícolas modernas para desenvolver rapidamente o cultivo de cereais e sua produção para o mercado.

É evidente que o Partido bolchevique e o Estado Soviético só podiam marchar pelo segundo caminho, pelo caminho kolkhosiano de desenvolvimento da agricultura.

Para isso o Partido se baseava nas seguintes indicações de Lênin a respeito da necessidade de passar das pequenas explorações camponesas às grandes explorações agrícolas coletivas, de artel:

a) “Com a pequena exploração não se pode sair da miséria” (Lênin, t. XXIV pág. 540, ed. russa).

b) “Se continuarmos aferrados rotineiramente às pequenas explorações, ainda que sejamos cidadãos livres sobre a terra livre, nos ameaçará, apesar de tudo, o desmoronamento inevitável” (t. XX pág. 417, ed. russa).

c) “Se a economia camponesa tem de continuar desenvolvendo-se, é necessário assegurar também solidamente a sua evolução ulterior, e esta evolução ulterior consistirá, inevitavelmente, em que, unificando-se gradualmente, as pequenas explorações camponesas isoladas, as menos proveitosas e as mais atrasadas, organizem conjuntamente a exploração agrícola coletiva em grande escala” (t. XXVI, pág. 299, ed. russa).

d) “Só mostrando praticamente aos camponeses as vantagens do cultivo agrícola social, coletivo, em forma de cooperativas, de artéis; só auxiliando o camponês, com a ajuda do regime cooperativo, do artel, poderá a classe operária, que tem em suas mãos o poder do Estado, demonstrar realmente ao camponês sua justeza, atraindo firmemente para seu lado a massa de milhões e milhões de camponeses” (t. XXIV, pág. 579 ed. russa).

Tal era a situação nas vésperas do 15º Congresso do Partido.

O 15º Congresso foi aberto em 2 de dezembro de 1927. Tomaram parte nele 898 delegados com palavra e voto e 771 com palavra somente, representando 887.233 filiados e 348.957 aspirantes.

Assinalando no seu informe os êxitos da industrialização e o rápido desenvolvimento da indústria socialista, o camarada Stalin apresentava ao Partido esta tarefa:

“Desenvolver e fortalecer nossos postos de comando socialistas em todos os ramos da economia, tanto na cidade como no campo, com o fim de liquidar os elementos capitalistas na economia nacional”.

Fazendo um paralelo entre a agricultura e a indústria e assinalando o atraso daquela, principalmente no cultivo de cereais, atraso que se explicava pelo desmembramento da agricultura, incompatível com a aplicação da técnica moderna, o camarada Stalin destacava que este estado pouco satisfatório da agricultura representava um perigo para toda a economia nacional.

“Onde está a solução?” – perguntava o camarada Stalin.

“A solução – respondia – está na passagem das pequenas explorações camponesas espalhadas para as grandes explorações unificadas na base do cultivo em comum da terra, na passagem ao cultivo coletivo da terra na base de uma nova e mais elevada técnica. A solução está em que as pequenas e diminutas explorações camponesas se agrupem paulatina, porém infalivelmente, não por meio da coação, mas por meio do exemplo e da persuasão, em grandes explorações, sobre a base do cultivo em comum, do cultivo cooperativo, coletivo da terra, mediante o emprego de maquinaria agrícola e de tratores e a aplicação de métodos científicos destinados a intensificar a agricultura. Não há outra solução”.

O 15º Congresso tomou a resolução de desenvolver por todos os meios a obra de coletivização da agricultura. Traçou um plano para desenvolver e consolidar uma rede de kolkhoses e sovkhoses e deu instruções claras e precisas sobre os métodos de luta em prol da coletivização da agricultura. Ao mesmo tempo, o Congresso traçou a norma de:

“continuar desenvolvendo a ofensiva contra os kulaks e tomar um série de medidas novas que restringiam o desenvolvimento do capitalismo no campo e encaminhem a Economia camponesa para socialismo”. (Resoluções do PC (b) da URSS, parte II pag. 260).

Finalmente, partindo do fortalecimento do princípio da planificação na economia nacional e visando a organização, segundo um plano, da ofensiva do socialismo contra os elementos capitalistas em toda a frente da economia nacional, o Congresso deu aos organismos competentes a norma de estabelecer o primeiro Plano quinquenal da economia nacional soviética.

Depois de examinar os problemas da edificação do socialismo, o 15º Congresso passou ao problema da liquidação do Bloco trotskista-zinovievista.

O Congresso reconheceu que “a oposição rompeu ideologicamente com o leninismo, degenerou em um grupo menchevique, abraçou o caminho da capitulação ante as forças da burguesia internacional e interior e se converteu, objetivamente, numa arma da terceira força contra o regime da ditadura proletária” (“Resoluções do PC (b) da URSS” parte II. Pág. 232).

O Congresso comprovou que as discrepâncias existentes entre o Partido e a oposição tinham-se agravado, convertendo-se em divergências de caráter programático, e que a oposição trotskista marchava pelo caminho da luta anti-soviética. Por isso o 15º Congresso declarou que pertencer à oposição trotskista e propagar suas idéias era incompatível com a permanência dentro das fileiras do Partido bolchevique.

O Congresso referendou a resolução de expulsão do Partido de Trotsky e Zinoviev tomada na reunião conjunta do Comitê Central e da Comissão de Controle, e resolveu expulsar todos os elementos ativos do bloco trotskista-zinovievista, tais como Radek, Preobrazhenski, Rakovski, Piatakov, Serebriakov, I. Smirnov, Kamenev, Sarkis, Safarov, Lifshitz, Mdivani, Smilga e de todo o grupo dos “centralistas democráticos” (Sapronov, V. Smirnov, Boguslavski, Drokhnis e outros).

Os sequazes do bloco trotskista-zinovievista, derrotados ideologicamente e desmantelados no terreno da organização, perderam os últimos vestígios de sua influência no povo.

Algum tempo depois do 15º Congresso, os anti-leninistas, expulsos do Partido, começaram a formular declarações de ruptura com o trotskismo, implorando sua readmissão. Naturalmente, o Partido não podia saber ainda, naquela época, que Trotsky, Rakovski, Radek, Kretinski, Sokolnikov e outros eram, há muito tempo, inimigos do povo e espíões arrolados nos serviços de espionagem estrangeira; que Kamenev, Zinoviev, Piatakov e outros já mantinham contato com os inimigos da URSS nos países capitalistas para “colaborar” com eles contra o povo Soviético. Estava, porém bastante adestrado pela experiência para esperar todas as vilanias imagináveis destes indivíduos, que se tinham levantado repetidas vezes contra Lênin e o Partido leninista nos momentos mais difíceis. Por isso, o Partido recebeu com desconfiança as declarações dos expulsos, e como primeira prova da sinceridade dos assinantes daquelas declarações submeteu a sua readmissão às seguintes condições:

- a) Condenação aberta do trotskismo, como ideologia anti-bolchevique e anti-soviética.
- b) Reconhecimento aberto da política do Partido, como a única política certa.
- c) Submissão incondicional às resoluções do Partido e de seus órgãos.

d) Fixação de um prazo de prova, durante o qual o Partido observaria a conduta dos assinantes das declarações e a cuja terminação, em vista dos resultados da prova, examinaria a conveniência de readmitir ou não em separado cada um dos indivíduos expulsos.

Ao proceder assim, o Partido entendia que o reconhecimento aberto destes pontos pelos indivíduos expulsos seria, em todo caso, favorável para o Partido, já que romperia a unidade das fileiras trotskista-zinovievistas, levando a elas a discórdia, ressaltaria uma vez mais a justeza e a pujança do Partido e daria a este no caso de que as declarações assinadas fossem sinceras, a possibilidade de readmitir em seu seio os antigos militantes, e no caso de que fossem falsas, a de desmascará-los aos olhos de todos, não já como pessoas equivocadas, porém como arrivistas sem princípios, como mistificadores da classe operária e falsários intransigentes.

A maioria dos expulsos aceitou as condições impostas pelo Partido para seu reingresso e publicou na imprensa as correspondentes declarações.

O Partido, com pena deles e não querendo privá-los da possibilidade de voltar a militar nas suas fileiras restituiu-lhes o direito de filiados.

Entretanto, com o correr do tempo, se tornou evidente que as declarações assinadas pelos “militantes ativos” do bloco trotskista-zinovievista eram, salvo poucas exceções, mentirosas e falsas, dos pés à cabeça.

Comprovou-se que, mesmo antes de formular suas declarações, estes cavalheiros tinham deixado de representar uma corrente política capaz de defender suas idéias perante o povo, para se converterem numa camarilha de arrivistas sem princípios, capazes de espezinhar publicamente o que lhes restava de suas idéias, capazes de elogiar publicamente as idéias do Partido, estranhas a eles, capazes de adotar, como os camaleões, qualquer cor, contanto que se mantivessem dentro do Partido, dentro da classe operária, para poder enlamear a ambos.

Os “militantes ativos” trotskista-zinovievistas não eram mais que chantagistas políticos, falsários políticos.

Os falsários políticos costumam começar pela fraude, visando com seus manejos tenebrosos mistificar o povo, a classe operária e seu Partido. Porém não se deve considerá-los como simples mistificadores. Os falsários políticos são uma camarilha de ativistas políticos sem princípios que, tendo perdido há muito tempo a confiança do povo, se esforçam em conquistá-la de novo mediante a fraude, mediante métodos camaleônicos, mediante a chantagem por qualquer procedimento que seja, contanto que não percam o título de militantes políticos. Os falsários políticos são uma camarilha de arrivistas sem

princípios, capazes de se apoiarem em qualquer coisa, ainda que seja em delinquentes, ainda que seja nos rebotalhos da sociedade, ainda que seja nos inimigos mais tenebrosos do povo, contanto que possam aparecer novamente no cenário político no “momento oportuno” e se lançar ao pescoço do povo como seus “governantes”.

A esta espécie de falsários políticos pertenciam, como se demonstrou, os “militantes ativos” trotskistas-zinovievistas.

A ofensiva contra os kulaks – O grupo de Bukharin-Rykov contra o Partido – O primeiro Plano Quinquenal – A emulação socialista – Começa o movimento kolkhosiano de massa

A agitação do bloco trotskista-zinovievista contra a política do Partido, contra a edificação do socialismo, e contra a coletivização, assim como a dos bukharinistas, sustentando que os kolkhoses fracassariam, que não se devia tocar nos kulaks, que eles mesmos “se incorporariam” ao socialismo, e que o enriquecimento da burguesia não representava nenhum perigo para o regime socialista: toda esta agitação repercutia consideravelmente entre os elementos capitalistas do país e, principalmente, entre os kulaks. Estes sabiam agora, pelo que transparecia através da imprensa, que não estavam sós, que contavam com defensores e advogados como Trotsky, Zinoviev, Kamenev, Bukharin, Rykov e outros.

Naturalmente este fato não podia deixar de fortalecer o espírito de resistência dos kulaks contra a política do governo soviético. E, com efeito, os kulaks começaram a oferecer uma resistência cada vez mais severa. Começaram a se negar em massa a vender ao Estado Soviético a sobra de trigo, que se acumulava em grandes quantidades nos seus celeiros. Começaram a empregar o terror contra os kolkhosianos e contra os ativistas do Partido e dos Soviets na aldeia, começaram a tocar fogo nos kolkhoses e nos centros de aprovisionamento de cereais do Estado.

O Partido via claramente que, enquanto não se esmagasse a resistência dos kulaks, enquanto estes não fossem derrotados em campo aberto à vista dos camponeses, a classe operária e o Exército Vermelho não teriam pão em quantidade suficiente, e o movimento kolkhosiano não adquiriria um caráter de massa.

Seguindo as normas traçadas pelo 15º Congresso, o Partido passou à ofensiva franca contra os kulaks. Nesta ofensiva, o Partido punha em prática a palavra de ordem de lutar decididamente contra os kulaks, apoiando-se firmemente nos camponeses pobres e reforçando a aliança com os camponeses médios. Como resposta à negativa dos kulaks em vender ao Estado a sobra do trigo pelo preço da tabela, o Partido e o governo aplicaram uma série de medidas extraordinárias contra os kulaks e puseram em prática no artigo 107 do Código Penal, no qual se estabelecia o confisco judicial da sobra do trigo aos kulaks e especuladores que se negassem a vendê-la ao Estado pelo preço da tabela, e concederam aos camponeses pobres uma série de franquias, em virtude das quais se punha à sua disposição 25 por cento do trigo confiscado aos kulaks.

Estas medidas extraordinárias surtiram seu efeito: os camponeses pobres e médios se engajaram na luta aberta contra os kulaks, estes ficaram isolados, e a resistência dos kulaks especuladores foi esmagada. Em fins de 1928, o Estado Soviético dispunha já de reservas suficientes de trigo e o movimento kolkhosiano avançava com mais firmeza.

Neste mesmo ano, se descobriu uma grande organização de sabotagem formada por técnicos burgueses, no setor de Shajti, na bacia do Donetz. Estes sabotadores mantinham estreitas relações com os antigos proprietários das empresas – capitalistas russos e de outros países – e com a espionagem militar estrangeira. Tinham-se proposto como objetivo fazer fracassar o desenvolvimento da indústria socialista e facilitar a restauração do capitalismo na URSS. Dirigiam mal os trabalhos de exploração nas minas, com o objetivo de diminuir a extração de hulha. Destroçavam as máquinas e os aparelhos de ventilação, provocavam desmoronamentos, destruíam e incendiavam as minas, as fábricas e as centrais elétricas. Ao mesmo tempo dificultavam o melhoramento da situação material dos operários e infringiam as leis soviéticas sobre a proteção do trabalho.

Estes sabotadores foram levados ante os Tribunais, onde receberam o que mereciam.

O Comitê Central chamou a atenção de todas as organizações do Partido para o processo dos sabotadores e as convidou a deduzir os ensinamentos que encerrava. O camarada Stalin assinalou que os bolcheviques que trabalhavam no setor da economia deviam familiarizar-se pessoalmente com a técnica da produção, para que daí por diante nenhum sabotador saído das fileiras dos técnicos burgueses pudesse enganá-los, e destacou que era necessário acelerar a preparação de novos quadros técnicos saídos da classe operária.

Por resolução do Comitê Central, aperfeiçoou-se a preparação de novos especialistas nas escolas técnicas superiores: milhares de homens filiados ao Partido e às Juventudes Comunistas, e homens sem partido, fiéis à causa da classe operária, foram mobilizados para cursar estas escolas.

Antes que o Partido passasse à ofensiva contra os kulaks, enquanto estava ocupado na liquidação do bloco trotskista-zinovievista, o grupo de Bukharin-Rykov se manteve relativamente tranqüilo, permanecendo à margem como reserva das forças contrárias ao Partido, sem se decidir a apoiar abertamente os trotskistas, e às vezes chegando inclusive a intervir contra eles em união com o Partido. Porém, logo que este passou à ofensiva contra os kulaks e tomou as medidas extraordinárias contra eles, o grupo Bukharin-Rykov tirou a máscara e começou a atuar abertamente contra a política do Partido. A alma de kulak dos componentes deste grupo não pôde agüentar mais, e estes começaram a intervir, abertamente, em defesa dos kulaks. Exigiam que fossem abolidas as medidas extraordinárias, assustando os bobos com a ameaça de que, em caso contrário, sobreviria uma “regressão” da agricultura e afirmando que esta regressão já havia começado. Não percebendo o desenvolvimento dos kolkhoses e dos sovkhoses, isto é, das formas mais elevadas da agricultura, vendo o retrocesso das fazendas dos kulaks, apresentavam tendenciosamente a regressão destas fazendas como a regressão da agricultura. Com o fim de reforçar suas posições teoricamente, arranjaram a divertida “teoria da extensão da luta de classes”, afirmando, baseados nesta teoria, que quanto mais êxito lograsse o socialismo em sua luta contra os elementos capitalistas, mais se iria enfraquecendo a luta de classes, que esta não tardaria a se extinguir totalmente e o inimigo de classe entregaria todas as suas posições sem luta, razão pela qual não havia porque empreender a ofensiva contra os kulaks. Com isso, ressuscitavam sua desacreditada teoria burguesa sobre a incorporação pacífica dos kulaks ao socialismo e achincalhavam a conhecida tese leninista, segundo a qual a resistência do inimigo de classe revestirá formas tanto mais agudas, quanto mais sentir o terreno vacilar sob seus pés, quanto maiores êxitos obtiver o socialismo, por cuja razão a luta de classes só poderá “extinguir-se” quando o inimigo de classe for aniquilado.

Não era difícil compreender que o Partido tinha diante de si, no grupo Bukharin-Rykov, um grupo oportunista de direita, que só se diferenciava do bloco trotskista-zinovievista pela forma: os trotskistas e zinovievistas contavam com certas possibilidades para disfarçar seu fundo capitulador com frases esquerdistas, com frases retumbantemente revolucionárias sobre a “revolução permanente”, enquanto que o grupo Bukharin-Rykov, que se tinha levantado contra o Partido ao passar este à ofensiva contra os kulaks, já não tinha a possibilidade de cobrir com uma máscara sua face capituladora e se via obrigado a defender as forças reacionárias do país soviético e, sobretudo, os kulaks, abertamente, sem retóricas nem disfarces.

O Partido compreendeu que mais tarde ou mais cedo, o grupo Bukharin-Rykov acabaria estendendo a mão aos restos do bloco trotskista-zinovievista, para lutar conjuntamente contra o Partido.

Ao mesmo tempo em que atuavam politicamente, o grupo Bukharin-Rykov “trabalhava” no terreno da organização para reunir seus adeptos. Através de Bukharin, ia se agrupando a juventude burguesa. Indivíduos do tipo de Slepkov, Marietki, Aijenwald, Goldenberg e outros; através de Tomski, os dirigentes burocratizados dos sindicatos (Melnichanski, Dogadov, etc.); através de Rykov, um punhado de dirigentes degenerados dos Soviets (A.

Smirnov, Eismont, V. Schmidt, etc). Juntavam-se a este grupo, de boa vontade, os elementos politicamente degenerados e que não escondiam suas idéias capituladoras.

Naquele tempo, o grupo Bukharin-Rykov viu-se reforçado por um punhado de dirigentes da organização do Partido em Moscou (Uglanov, Kotov, Ujanov, Riutin, Yagoda, Polonski e outros). É preciso advertir que uma parte dos elementos direitistas se mantinha resguardada, sem atuar abertamente contra a linha do Partido. Nas colunas da imprensa do Partido e nas reuniões do Partido, pregavam a necessidade de fazer concessões aos kulaks, a conveniência de não os sobrecarregar de impostos, expunham a carga esgotadora que a industrialização trazia para o povo e o caráter prematuro da organização de uma indústria pesada. Uglanov se manifestou contra construção da central elétrica do Dnieper, exigindo que os recursos destinados à indústria pesada se investissem na indústria leve. Este e outros capituladores de direita afirmavam que Moscou era e continuaria sendo a Moscou das fábricas de percal, que não havia necessidade de lá construir fábricas de construção de maquinaria.

A organização do Partido em Moscou desmascarou Uglanov e seus adeptos, ameaçou-os pela última vez e cerrou ainda mais as fileiras em torno do Comitê Central do Partido. No Pleno do Comitê de Moscou do PC (b) da URSS, celebrado em 1928, o camarada Stalin assinalou a necessidade de lutar em duas frentes, concentrando o fogo contra o desvio direitista. Os direitistas são, disse o camarada Stalin, os agentes dos kulaks dentro Partido.

“O triunfo do desvio direitista dentro de nosso Partido libertaria as forças do capitalismo, solaparia as posições revolucionárias do proletariado e aumentaria as possibilidades de restauração do capitalismo em nosso país” – disse o camarada Stalin (“Questões do leninismo”, ed. russa, pág. 234).

No começo de 1929, se tornou claro que Bukharin, por mandato do grupo dos capituladores de direita havia estabelecido ligação com os trotskistas, através de Kamenev, e preparava um acordo com eles para lutar conjuntamente contra o Partido. O Comitê Central desmascarou esta situação criminoso dos capituladores de direita e os advertiu de que o assunto podia terminar mal para Bukharin, Rykov, Tomski, etc. Porém os capituladores de direita não cederam. Levantaram-se dentro do Comitê Central com uma nova plataforma anti-bolchevique, com uma declaração que foi condenada pelo Comitê Central. Este lhes fez uma nova advertência, lembrando-lhes a sorte que teve o bloco trotskista-zinovievista. Apesar disso, o grupo Bukharin-Rykov, prosseguiu no seu trabalho contra o Partido. Rykov, Tomski e Bukharin apresentaram ao Comitê Central a demissão de seus cargos, acreditando que com isto assustariam o Partido. O Comitê Central condenou esta política de sabotagem dos demissionários. Por fim, o Pleno celebrado em novembro de 1929 pelo Comitê Central declarou que a propaganda das idéias dos oportunistas de direita era incompatível com a permanência no Partido e dispôs que Bukharin, paladino dirigente dos capituladores de direita, fosse destituído de seu posto no Bureau Político do Comitê Central, e que se chamasse seriamente à atenção de Rykov, Tomski e demais adeptos desta oposição.

Os corifeus dos capituladores de direita, vendo que a coisa tomava mau aspecto, subscreveram uma declaração reconhecendo seus erros e a justeza da linha política do Partido.

Os capituladores de direita tinham decidido recuar provisoriamente, para evitar que seus quadros fossem esmagados.

Assim terminou a primeira etapa da luta do Partido contra os capituladores de direita.

As novas discrepâncias existentes dentro do Partido não passaram despercebidas para os inimigos exteriores da URSS Interpretando as “novas discórdias” produzidas dentro do Partido como um sinal de enfraquecimento deste, fizeram uma nova tentativa para arrastar a URSS para a guerra e fazer fracassar a obra da industrialização do país que não estava consolidada. No verão de 1929, os imperialistas provocaram o conflito da China contra a URSS, a ocupação pelos militaristas chineses da Estrada de Ferro do Leste da China (que pertencia à URSS) e a agressão das tropas brancas chinesas contra as fronteiras da Pátria

Soviética no Extremo-Oriente. Porém o assalto dos militaristas chineses foi liquidado rapidamente; os militaristas se retiraram, derrotados pelo Exército Vermelho, e o conflito terminou mediante um convênio de paz com as autoridades da Manchúria.

A política de paz da URSS triunfava uma vez mais, apesar de tudo, apesar dos manejos dos inimigos exteriores e das “discórdias” intestinas do Partido.

Não tardaram em se reatar as relações comerciais e diplomáticas da URSS com a Inglaterra, que haviam sido rompidas pelos conservadores ingleses.

Ao mesmo tempo em que rechaçava com êxito os ataques dos inimigos exteriores e interiores, o Partido desenvolveu um grande trabalho destinado a acelerar a edificação da indústria pesada, organizar a emulação socialista, organizar sovkhoses e kolkhoses e, finalmente, preparar as condições necessárias para aprovar e pôr em prática o primeiro, Plano quinquenal da Economia nacional soviética.

Em Abril de 1929, se reuniu a 16^a Conferência do Partido. O problema principal examinado foi o do primeiro Plano Quinquenal. A Conferência rechaçou a variante “mínima” do Plano Quinquenal, que os capituladores de direita defendiam, e aprovou como obrigatória, sob quaisquer condições, a variante “máxima”.

Foi aprovado, pois, pelo Partido, o célebre primeiro Plano Quinquenal de edificação do socialismo.

Segundo o plano, o volume das inversões de capital na economia nacional durante os anos de 1928 a 1933, seria de 64 bilhões de rublos. Destes, 19 bilhões se investiriam na indústria, incluindo a eletrificação, 10 bilhões nos transportes e 23 bilhões na agricultura.

Era um plano grandioso, destinado a equipar a indústria e a agricultura da URSS com a técnica moderna.

“A missão fundamental do Plano Quinquenal – assinalava o camarada Stalin – consistia em criar em nosso país uma indústria, capaz de equipar de novo e reorganizar, não só a indústria em sua totalidade, mas também os transportes e a agricultura, na base do socialismo”. (Stalin, “Questões do Leninismo”, pág. 485, ed. russa).

Apesar da grandiosidade, este Plano não era, para os bolcheviques, nada inesperado nem surpreendente. Era o que vinha preparando toda a marcha do desenvolvimento da industrialização e da coletivização. Vinha-o preparando aquele entusiasmo do trabalho que se apoderou dos operários e camponeses antes mesmo do Plano Quinquenal e que encontrou a sua expressão na emulação socialista.

A 16^a Conferência do Partido aprovou um apelo a todos os trabalhadores sobre o desenvolvimento da emulação socialista.

A emulação socialista revelou exemplos maravilhosos de trabalho e da nova atitude ante ele. Em muitas empresas e nos kolkhoses e sovkhoses, os operários e kolkhosianos apresentaram contra-planos. Realizaram maravilhas de heroísmo no trabalho. Não só executavam, mas ultrapassavam os planos de edificação socialista, traçados pelo Partido e pelo governo. Mudaram as idéias do homem a respeito do trabalho. O trabalho deixou de ser uma carga forçada e esgotadora, como era sob o capitalismo, para se converter “numa questão de honra, de glória, de valentia e de heroísmo” (Stalin).

Por todo o país se desenvolvia a nova e gigantesca edificação industrial. Empreendeu-se a construção da Central elétrica do Dnieper (o “Dnieprogués”). Na bacia do Donetz se empreendeu a construção das fábricas de Kramatorsk e Gorlovka e a reconstrução da fábrica de locomotivas e Lugansk. Surgiram novas minas e altos fornos. Nos Urais, se construíram a fábrica de maquinaria do Ural e os combinados químicos de Berenski e Solikanisk. Começou-se a construção da fábrica metalúrgica de Magnitogorsk. Empreendeu-se a construção de grandes fábricas de automóveis em Moscou e Gorki. Construíram-se gigantescas fábricas de tratores, de ceifadoras-trilhadoras, e em Rostov-sobre-o-Don se levantou uma fábrica formidável de maquinaria agrícola. Desenvolveu-se a segunda base carbonífera da União Soviética: a bacia do Kuznietsk. Em 11 meses se levantou na estepe, em Stalingrado, uma formidável fábrica de tratores. Na construção da

Central elétrica do Dnieper e da fábrica de tratores de Stalingrado, os operários bateram os recordes mundiais da produtividade do trabalho.

A história não tinha conhecido jamais uma nova edificação industrial de tão gigantesca envergadura, um entusiasmo tal pela nova edificação, tanto heroísmo no trabalho das massas de milhões de homens da classe operária.

Era uma verdadeira onda de entusiasmo de trabalho da classe operária, desenvolvida na base da emulação socialista.

Esta vez, os camponeses não ficaram atrás em relação aos operários. Também no campo começou a se desenvolver o entusiasmo de trabalho das massas camponesas, na organização dos kolkhoses. As massas camponesas começaram a marchar resolutamente pelo caminho kolkhosiano. Para isto contribuíram consideravelmente os sovkhoses e as estações de máquinas e tratores dotadas de tratores e de outras máquinas agrícolas. As massas camponesas fluíam aos sovkhoses e às estações de máquinas e tratores, viam como trabalhavam estes e as máquinas agrícolas, manifestavam seu entusiasmo e decidiam ali mesmo ingressar nos kolkhoses”. Os camponeses, espalhados em pequenas e diminutas explorações individuais, carentes de apetrechos e de força de tração mais ou menos regulares, privados da possibilidade de arar as grandes terras baldias, em uma perspectiva de melhoramento de suas explorações, mergulhados na miséria e no isolamento, entregues as suas próprias forças, encontraram por fim uma saída, o caminho para uma vida melhor: com a agrupação de suas pequenas explorações em kolkhoses, com os tratores, capazes de arar todas as terras, por “duras” que fossem, todos os terrenos baldios; com a ajuda do Estado em forma de maquinaria, de dinheiro, de homens e de conselhos; com a possibilidade de se livrar das garras dos kulaks, aos quais o Governo Soviético tinha feito morder o pó recentemente, fazendo-os curvar a cabeça para satisfação das massas de milhões de camponeses.

Eis a base sobre a qual começou e se desenvolveu depois o movimento kolkhosiano de massas, movimento que se intensificou especialmente em fins de 1929, imprimindo aos kolkhoses um ritmo de desenvolvimento sem precedente nem mesmo na própria indústria socialista.

Em 1928, a superfície semeada dos kolkhoses era de 1.390.000 hectares; em 1929, tinha passado a ser de 4.262.000 hectares, e em 1930, os kolkhoses contavam já com a possibilidade de planificar o cultivo de 15 milhões de hectares.

“É preciso reconhecer – dizia o camarada Stalin em seu artigo intitulado “O ano da grande transformação” (1929), referindo-se ao ritmo de desenvolvimento dos kolkhoses – que este ritmo impetuoso de desenvolvimento não tem precedente nem mesmo em nossa indústria socialista, cujo ritmo de desenvolvimento se caracteriza por sua grande envergadura”.

Era uma virada no desenvolvimento do movimento kolkhosiano.

Era o começo do movimento kolkhosiano de massas.

“Que é que há de novo no atual movimento kolkhosiano?” perguntava o camarada Stalin em seu citado artigo. E respondia:

“O que há de novo e decisivo no atual movimento kolkhosiano é que agora os camponeses não ingressam nos kolkhoses por grupos isolados, como ocorria antes, senão por aldeias inteiras, por municípios, por distritos e até por departamentos. Que significa isto? Significa que aos kolkhoses começaram a afluir em massa os camponeses médios. Tal é a base sobre a qual repousa essa transformação radical no desenvolvimento da agricultura, que constitui a conquista mais importante do poder soviético...”

Isto significava que a tarefa de liquidação dos kulaks como base da coletivização total, ia amadurecendo ou já estava madura.

A situação internacional durante os anos de 1930 a 1934 – A crise econômica nos países capitalistas – Ocupação da Manchúria pelo Japão A subida dos fascistas ao poder na Alemanha

Enquanto a URSS conseguia êxitos importantes na industrialização socialista do país e desenvolvia num ritmo rápido sua indústria, desencadeava-se nos países capitalistas, em fins de 1929, recrudescendo nos três anos seguintes, uma crise econômica mundial sem precedentes por sua força destruidora. A crise industrial entrelaçava-se com a crise da agricultura, com a crise agrária, piorando ainda mais a situação dos países capitalistas.

Enquanto a indústria da URSS., durante os três anos de crise (1930-1933), cresceu de mais do dobro, atingindo em 1933 a 201% em relação ao seu nível de 1929, a indústria dos Estados Unidos decresceu, em fins de 1933, 65% em relação ao nível de 1929, a da Inglaterra 86%, a da Alemanha 66% e a da França 77%.

Esta circunstância vinha demonstrar mais uma vez a superioridade do sistema da economia socialista. Evidenciava que o país do socialismo é o único país do mundo que está livre de crises econômicas.

Como resultado da crise econômica mundial, foram lançados à fome, à miséria e ao suplício, 24 milhões de operários desempregados. A crise agrária condenava ao sofrimento, dezenas de milhões de camponeses.

A crise econômica mundial veio agravar ainda mais as contradições entre os Estados imperialistas, entre os países vencedores e os países vencidos, entre os Estados imperialistas e os países coloniais e dependentes, entre os operários e os capitalistas, entre os camponeses e os latifundiários.

No informe prestado perante o 16º Congresso do Partido o camarada Stalin assinalou que a burguesia procuraria a solução para a crise econômica, de um lado na repressão contra a classe operária, mediante a instauração da ditadura dos elementos mais reacionários, mais chauvinistas, mais imperialistas do capitalismo, e de outro lado, no desencadeamento da guerra pela partilha das colônias e das zonas de influência à custa dos interesses dos países mal defendidos.

E, com efeito, assim sucedeu.

Em 1932 recrudesciu o perigo de guerra por parte do Japão. Os imperialistas japoneses, vendo que as potências européias e os Estados Unidos estavam completamente absorvidos pelos problemas internos de seus países, criados pela crise econômica, decidiram aproveitar essa ocasião para tentar lançar-se sobre o território chinês, mal defendido, submeter esse país ao seu império e converter-se ali em donos da situação. Sem declarar guerra à China e aproveitando-se de forma canalha dos “incidentes locais” por eles mesmos provocados, os imperialistas japoneses introduziram furtivamente suas tropas na Manchúria. As tropas japonesas apoderaram-se completamente da Manchúria, assegurando posições favoráveis para a anexação do Norte da China e para o ataque à URSS. Para ter as mãos livres, o Japão retirou-se da Sociedade das Nações e começou a armar-se intensamente.

Essa circunstância levou os Estados Unidos, a Inglaterra e a França ao reforço de seus armamentos navais no Extremo Oriente. O Japão vinha perseguindo, claramente, o objetivo de submeter a China ao seu império e eliminar dali as potências imperialistas européias e norte-americana. Estas responderam ao golpe reforçando seus armamentos.

Mas o Japão tinha em vista, além disso, outra finalidade: apoderar-se do Extremo-Ocidente Soviético. Como é lógico, a URSS não podia passar por cima de semelhante perigo e começou a reforçar intensamente a capacidade defensiva da região do Extremo Oriente.

Graças, portanto, aos imperialistas japoneses fascistizados foi que se criou no Extremo Oriente o primeiro foco de guerra.

A crise econômica não acentuou as contradições do capitalismo somente no Extremo Oriente. Acentuou-as também na Europa. A pertinaz crise agrária e industrial, o enorme desemprego forçado e a situação cada vez mais precária das classes pobres contribuíram, para aumentar o descontentamento dos operários e camponeses. O descontentamento foi

crescendo até converter-se num estado de indignação revolucionária da classe operária. Esse descontentamento acentuou-se especialmente na Alemanha, país economicamente esgotado pela guerra, pelas contribuições que lhe tinham sido impostas em proveito dos vencedores anglo-franceses e pela crise econômica, e onde a classe operária vivia oprimida sob o jugo de sua própria burguesia e da burguesia estrangeira, anglo-francesa. Testemunho eloqüente disso eram os seis milhões de votos obtidos pelo Partido Comunista da Alemanha nas últimas eleições para o Reichstag, realizadas antes da subida dos fascistas ao poder.

A burguesia alemã viu que as liberdades democráticas burguesas que ainda se conservavam na Alemanha poderiam causar-lhe dor de cabeça, que a classe operária poderia aproveitar-se dessas liberdades para desenvolver o movimento revolucionário. Em vista disso decidiu que, para manter o poder da burguesia na Alemanha, só havia um caminho: acabar as liberdades burguesas, reduzir a nada o Parlamento (o Reichstag) e instaurar uma ditadura terrorista de tipo nacionalista-burguês, capaz de esmagar a classe operária, e que encontrasse sua base de apoio entre as massas pequeno-burguesas influenciadas pela idéia da revanche. E para isso chamou ao poder o partido fascista, que para enganar o povo adotava a etiqueta de partido nacional-socialista, pois sabia perfeitamente que o partido fascista é, em primeiro lugar, o setor mais reacionário da burguesia imperialista e o maior inimigo da classe operária e, em segundo lugar, o partido que com maior encarniçamento defendia a idéia da revanche, capaz de arrastar consigo os milhões de homens da pequena-burguesia de sentimentos nacionalistas.

Essas foram as condições em que os fascistas alemães subiram ao poder em 1933.

Analisando os acontecimentos da Alemanha o camarada Stalin disse no seu informe perante o 17º Congresso do Partido:

“No triunfo do fascismo na Alemanha não se deve ver somente um sinal da debilidade da classe operária e o fruto da traição à classe operária da social-democracia, que abriu o caminho do fascismo. Nele é preciso ver também um sinal da fraqueza da burguesia, um indício de que esta já não está mais em condições de governar com os velhos métodos do parlamentarismo e da democracia burguesa, razão pela qual se vê obrigada a recorrer, em política interior, aos métodos terroristas de governo...” (Stalin, “Questões do Leninismo”, pág. 545, ed. russa).

Os fascistas alemães caracterizaram sua política interior pelo incêndio do Reichstag, por uma repressão brutal contra a classe operária, pela destruição das organizações do proletariado e supressão das liberdades democrático-burguesas. Sua política exterior, pela retirada da Sociedade das Nações e pela preparação aberta de uma guerra destinada a rever pela força as fronteiras dos Estados europeus, em proveito da Alemanha.

Graças aos fascistas alemães, portanto, criou-se no centro da Europa o segundo foco de guerra.

Como é lógico, a URSS não podia passar por cima de um fato tão importante. E começou a acompanhar a marcha dos acontecimentos na Europa ocidental, reforçando a capacidade defensiva do país nas suas fronteiras ocidentais.

Da política de restrições à política de liquidação dos kulaks como classe – Luta contra as deformações da política do Partido no movimento kolkosiano – A ofensiva contra os elementos capitalistas em toda a frente – O 16º Congresso

A afluência em massa dos camponeses para os kolkhoses, ocorrida nos anos de 1929 a 1930, era o resultado de todo o trabalho anterior do Partido e do governo. O desenvolvimento da indústria socialista, que começou a fabricar em massa tratores e máquinas para a agricultura; a luta decidida contra os kulaks durante as campanhas de acumulação de cereais dos anos de 1928 e 1929; o desenvolvimento da cooperação agrícola, que foi, pouco a pouco, habituando o camponês ao regime coletivo; a experiência positiva dos primeiros kolkhoses e sovkhoses: tudo contribuiu para preparar a passagem para a coletivização total, para a afluência dos camponeses aos kolkhoses por aldeias, distritos e departamentos inteiros.

A passagem para a coletivização não se operou mediante a simples afluência pacífica das grandes massas camponesas aos kolkhoses, mas através de uma luta de massas dos camponeses contra os kulaks. A coletivização total significava a passagem para as mãos dos kolkhoses de todas as terras situadas nos limites de uma aldeia, e uma parte considerável dessas terras se achava nas mãos dos kulaks. Por essa razão os camponeses tinham que alijar os kulaks das terras, expropriá-las, arrebatá-lhes o gado e as máquinas, exigindo que o poder soviético detivesse os kulaks e os expulsasse da aldeia.

A coletivização total significava, pois, a liquidação dos kulaks.

Era a política de liquidação dos kulaks como classe, sobre a base da coletivização total.

Naquela época a URSS contava já com uma base material suficientemente forte para acabar com os kulaks, vencer sua resistência, liquidá-los como classe e substituir sua produção pela dos kolkhoses e sovkhoses.

Em 1927, os kulaks ainda produziam mais de 9.828.000 toneladas de trigo, das quais lançavam ao mercado cerca de dois milhões de toneladas. Os kolkhoses e sovkhoses, em troca, só conseguiram produzir, em 1927, 573.300 toneladas para o mercado. Em 1929, graças ao rumo firme empreendido pelo Partido bolchevique no sentido do desenvolvimento dos kolkhoses e sovkhoses e graças aos êxitos da indústria socialista que tinham dotado a aldeia de tratores e máquinas agrícolas, os kolkhoses e sovkhoses se converteram em uma força considerável. Já nesse ano produziram mais de 6 milhões de toneladas de trigo, das quais lançaram ao mercado mais de 2 milhões de toneladas, isto é, mais do que os kulaks em 1927. Em 1930 os kolkhoses e sovkhoses tinham que lançar ao mercado, e efetivamente lançaram, mais de 6 milhões e meio de toneladas de trigo, ou seja, incomparavelmente mais que os kulaks em 1927.

O desalojamento, portanto, das forças de classe na economia do país e a existência da base material necessária para substituir a produção de trigo dos kulaks pela produção de trigo dos kolkhoses e sovkhoses, permitiam ao Partido bolchevique passar da política de restrições contra os kulaks, para a nova política de liquidação dos kulaks como classe, na base da coletivização total.

Até 1929 o poder soviético seguiu a política de restrições contra os kulaks: submetia-os a impostos elevados, obrigava-os a vender o trigo ao Estado a preços de tabela, restringia até certo ponto o usufruto da terra pelos kulaks, apoiado na lei sobre os arrendamentos, limitava as proporções das suas explorações mediante a lei sobre o emprego do trabalho assalariado pelos camponeses individuais. Mas o governo não seguia ainda a política de liquidação dos kulaks, pois as leis sobre os arrendamentos de terras e o emprego de trabalho assalariado permitiam a existência dos kulaks, e a proibição de expropriá-los dava uma certa garantia nesse sentido. Essa política servia para conter o desenvolvimento dos kulaks, para desalojar e arruinar certas camadas isoladas de kulaks que não podiam fazer frente a essas restrições. Mas não destruía as bases econômicas dos kulaks como classe, nem conduzia à sua liquidação. Era uma política de restrição, mas não de liquidação dos kulaks. Essa política foi necessária até chegar a um determinado momento, enquanto os kolkhoses e os sovkhoses eram ainda débeis e não podiam substituir a produção de trigo dos kulaks pela sua.

Em fins de 1929, quando já os kolkhoses e sovkhoses foram se desenvolvendo, o poder soviético fez uma mudança rápida, abandonando aquela política, para passar à política de destruição dos kulaks como classe. Revogou as leis sobre os arrendamentos de terras e emprego do trabalho assalariado, privando com isso os kulaks de terras e de assalariados. Aboliu a proibição de expropriar os kulaks. Permitiu que os camponeses se apoderassem do gado, das máquinas e instrumentos agrícolas dos kulaks. Procedeu-se à expropriação dos kulaks. Estes foram expropriados exatamente como o foram os capitalistas em 1918, no terreno industrial, com a diferença apenas de que os meios de produção dos kulaks não passaram para as mãos do Estado e sim para as mãos dos camponeses, associados, para as mãos dos kolkhoses.

Foi uma profunda transformação revolucionária, um salto do velho estado qualitativo da sociedade para um novo estado qualitativo, equivalente, por suas conseqüências, à transformação revolucionária operada em outubro de 1917.

O traço característico dessa transformação consistia em que ela se tinha operado de cima, por iniciativa do Estado, com a ajuda direta de baixo, da massa de milhões de camponeses que lutavam contra a vassalagem dos kulaks e por uma vida kolkhosiana livre.

Esta revolução vinha resolver de golpe três problemas fundamentais da edificação socialista:

a) Acabava com a classe exploradora mais numerosa do País Soviético, com a classe dos kulaks, que era o baluarte para a restauração do capitalismo;

b) Afastava a classe trabalhadora mais numerosa do país soviético, a classe camponesa, do caminho das explorações individuais, fonte do capitalismo, para levá-la pela senda da economia coletiva, kolkhosiana, socialista;

c) Dava ao país soviético uma base socialista na esfera mais vasta e mais vitalmente necessária, que era também a mais atrasada da economia nacional: a agricultura.

Deste modo secavam as últimas fontes de restauração o capitalismo dentro do país, ao mesmo tempo que se criavam as novas e decisivas condições necessárias para a edificação de uma economia nacional de tipo socialista.

Fundamentando a política de liquidação dos kulaks como classe e registrando os resultados do movimento de massas dos camponeses pela coletivização total, o camarada Stalin escrevia, em 1929:

“Naufraga e se esfacela a última esperança dos capitalistas de todos os países, que sonham com a restauração do capitalismo na URSS, o “sacrossanto princípio da propriedade privada”. Os camponeses, a quem eles consideram como um material que aduba o terreno para o capitalismo, abandonam em massa a tão exaltada bandeira da “propriedade privada” e passam para o caminho do coletivismo, para o caminho do socialismo.

“Naufraga a última esperança de restauração do capitalismo”. (Stalin, “Questões do Leninismo”, pág. 296, ed. russa).

A política de liquidação dos kulaks como classe foi assegurada pela histórica resolução do Comitê do PC (b) da URSS de 5 de janeiro de 1930, “Sobre o ritmo da coletivização e as medidas do Estado para ajudar o movimento kolkhosiano”. Nesta resolução levaram-se perfeitamente em conta as diversas condições existentes nas diferentes regiões da URSS, e o nível desigual de preparação para a coletivização que existia nas diversas regiões da União Soviética.

Estabeleceram-se diversos ritmos de coletivização. O Comitê Central dividiu as regiões da URSS, do ponto de vista dos ritmos de coletivização, em três grupos.

No primeiro grupo foram incluídas as regiões cerealistas mais importantes, as que melhor estavam preparadas para a coletivização, as que dispunham de mais tratores e contavam com maior número de sovkhoses e maior experiência na luta contra os kulaks durante as anteriores campanhas de aprovisionamento de cereais; o Cáucaso Norte (o Kuban, o Don e Terek), a região central do Volga e a região do baixo Volga. O Comitê Central determinou que neste grupo de regiões cerealistas a coletivização deveria estar terminada, no fundamental, na primavera de 1931. O segundo grupo de regiões cerealistas, do qual faziam parte a Ucrânia, a região central das Terras Negras, a Sibéria, o Ural, o Cazaquistão e outras regiões produtoras de cereais, poderia terminar a coletivização, no fundamental, na primavera de 1932. As restantes regiões, territórios e repúblicas (a região de Moscou, Transcaucásia, as Repúblicas da Ásia Central, etc.) poderiam prolongar o prazo para a coletivização até fins do Plano Quinquenal, isto é até o ano de 1933. O Comitê Central do Partido reconhecia, em relação ao ritmo crescente da coletivização, a necessidade de acelerar mais ainda a construção de fábricas de tratores, de máquinas combinadas, e engates para tratores, etc.

Ao mesmo tempo, exigia que se combatesse “energicamente a tendência de subestimar a importância da tração animal na fase atual do movimento kolkhosiano, tendência que conduz ao sacrifício e à venda dos animais de tração”.

Os créditos abertos aos kolkhoses no ano de 1929-1930 excediam duas vezes os concedidos anteriormente (chegando até 500 milhões de rublos).

Ficou estabelecido que se garantisse aos kolkhoses a aplicação das leis agrárias por conta do Estado.

Nesta resolução traçava-se a norma importantíssima de que a forma fundamental do movimento kolkhosiano naquela etapa concreta era o artel agrícola, no qual só se coletivizavam os meios básicos de produção.

O Comitê Central prevenia muito seriamente as organizações do Partido “contra toda pretensão de impor” por decreto “, de cima, o movimento kolkhosiano, que pudesse implicar num perigo de substituir a verdadeira emulação socialista na organização dos kolkhoses pela tentativa de obrigar a coletivização”. (Resoluções do PC (b) da U.R.S.S, parte II, pág. 662).

Essa recomendação do Comitê Central veio infundir clareza na aplicação da nova política do Partido no campo.

Na base da política de liquidação dos kulaks e da aplicação da coletivização total, desenvolveu-se um potente movimento kolkhosiano. Os camponeses de aldeias e distritos inteiros afluíam aos kolkhoses, varrendo de seu caminho os kulaks e livrando-se de suas garras.

Mas, ao lado dos formidáveis êxitos conseguidos na coletivização, começaram logo a aparecer deficiências na situação prática dos ativistas do Partido, deformações da política do Partido em relação ao movimento kolkhosiano.

Apesar de ter o Comitê Central prevenido seus militantes para não perderem a cabeça diante dos êxitos da coletivização, muitos ativistas do Partido começaram a formar artificialmente este movimento, sem levar em conta as condições de lugar e tempo, sem levar em conta o grau de preparação dos camponeses para entrar nos kolkhoses.

Ficou comprovado que se violava o princípio do voluntariado na organização dos kolkhoses. Numa série de comarcas, obrigavam-se os camponeses a entrar nos kolkhoses, sob a ameaça de “expropriá-los”, de privá-los dos direitos eleitorais, etc.

Numa série de comarcas, o trabalho de preparação e de esclarecimento paciente dos fundamentos da política do Partido em matéria de coletivização era substituído pelo procedimento burocrático de decretar de cima cifras enormes de kolkhoses que se aparentava criar, aumentando artificialmente a porcentagem da coletivização.

Desobedecendo as normas do Comitê Central, segundo as quais o elo fundamental do movimento kolkhosiano era o artel agrícola, no qual somente se coletivizavam os meios básicos de produção, havia uma série de localidades nas quais saltava-se apressadamente, por cima do artel para a comuna, e se implantava a coletivização das residências, dos animais de criação não destinados ao mercado, e do gado leiteiro, das aves, etc.

Os militantes dirigentes de algumas comarcas, animados pelos primeiros êxitos da coletivização, desobedeciam às normas diretas do Comitê Central sobre os ritmos e prazos aos quais a coletivização devia sujeitar-se. A região de Moscou, no afã de conseguir cifras elevadas, começou a orientar seus ativistas para a conclusão da campanha da coletivização na primavera de 1930, apesar de dispor ainda de cerca de três anos (até fins de 1932). E mais graves ainda eram as infrações que se cometiam na Transcaucásia e na Ásia Central.

Os kulaks e seus porta-vozes aproveitavam-se desses excessos para fins provocativos, formulavam propostas no sentido de se organizar comunas em vez de artéis, de se passar diretamente à coletivização das residências, dos animais de criação e das aves. Ao mesmo tempo, os kulaks faziam agitação para que se matasse o gado antes de entrar nos kolkhoses, convencendo os camponeses de que no kolkhos “eles o tomariam de qualquer maneira”. O inimigo de classe especulava com a idéia de que os excessos e os erros cometidos pelas

organizações locais quanto aos problemas da coletivização, irritariam os camponeses e provocariam sublevações contra o poder soviético.

O resultado dos erros cometidos pelas organizações do Partido, e dos atos de franca provocação dos inimigos de classe, foi que, na segunda quinzena de fevereiro de 1930, sobre o fundo dos êxitos gerais e indiscutíveis conseguidos pela coletivização, se manifestasse, em algumas comarcas, perigosos sintomas de um sério descontentamento por parte dos camponeses. Em alguns lugares os kulaks e seus agentes conseguiram fazer, inclusive, com que os camponeses fossem levados a manifestar-se diretamente contra o poder soviético.

O Comitê Central, ao qual chegavam uma série de sinais alarmantes sobre as deformações da linha do Partido, que ameaçavam fazer fracassar a coletivização, pôs imediatamente mãos à obra para resolver a situação e começou a fazer com que os quadros do Partido corrigissem sem perda de tempo os erros cometidos. Em 2 de março de 1930 publicou-se, por decisão do Comitê Central, o artigo do camarada Stalin intitulado: “Os êxitos nos sobem à cabeça”. Neste artigo admoestavam-se todos os que, deixando-se arrastar pelos êxitos da coletivização, incorriam em erros graves e se desviavam da linha do Partido; admoestavam-se todos os que tentavam levar os camponeses pelo caminho kolkhosiano mediante medidas de coação administrativa. Nesse artigo foi vigorosamente salientado o princípio do voluntariado na organização de kolkhoses e indicava-se a necessidade de levar em conta a diversidade de condições existentes nas diferentes regiões da URSS, ao determinar os ritmos e métodos de coletivização. O camarada Stalin recordava que o elo fundamental do movimento kolkhosiano era o artel agrícola, no qual somente se coletivizam os meios básicos de produção, principalmente na produção de cereais, deixando de lado a horta, a vivenda, uma parte do gado leiteiro, os animais de criação, as aves, etc.

O artigo do camarada Stalin teve uma enorme importância. Esse artigo ajudou as organizações do Partido a corrigirem seus erros e desfechou o mais violento golpe nos inimigos que confiavam que aqueles excessos lhes serviriam de base para a sublevação dos camponeses. As grandes massas camponesas puderam convencer-se de que a linha do Partido bolchevique não tinha a menor relação com os excessos “esquerdistas” e imprudentes que se tinha cometido em alguns lugares. Este artigo tranqüilizou as massas camponesas.

Com o fim de levar a cabo a obra de correção dos excessos e erros, iniciada com o artigo do camarada Stalin, o Comitê Central do PC (b) da URSS, em 15 de março de 1930, decidiu atacar novamente esses erros, publicando uma resolução “Sobre a luta contra as deformações da linha do Partido no movimento kolkhosiano”.

Nessa resolução analisava-se minuciosamente os erros cometidos e que eram o resultado do abandono da linha leninista-stalinista do Partido, o resultado da infração direta das normas traçadas pelo Partido.

O Comitê Central assinalava que a atuação prática dos que incorriam naqueles excessos “esquerdistas” significava uma ajuda direta ao inimigo de classe.

“Os ativistas que não souberem ou não quiserem manter uma luta decisiva contra as deformações da linha do Partido – dispunha o Comitê Central – serão afastados de seus postos e substituídos por outros”. (Resoluções do PC (b) da URSS, parte II, pág. 663).

O Comitê Central trocou a direção de algumas organizações regionais e territoriais do Partido (a da região de Moscou e da Transcaucásia), que tinham cometido erros políticos e não souberam corrigi-los.

Em 3 de abril de 1930 foi publicado o artigo do camarada Stalin intitulado “Resposta aos camaradas kolkhosianos”.

Nele punha-se a nu a origem dos erros cometidos no problema camponês e os principais erros cometidos no movimento kolkhosiano: a falsa maneira de abordar os camponeses médios, a infração do princípio leninista do voluntariado na organização dos kolkhoses, a infração do princípio leninista que obrigava a levar em conta a diversidade de condições existentes nas diferentes regiões da URSS e a passagem direta à comuna, saltando por cima do artel.

Como resultado de todas essas medidas o Partido conseguiu acabar com os excessos cometidos numa série de distritos pelos ativistas locais.

Sem a formidável firmeza do Comitê Central e sua capacidade de marchar contra a corrente, não se teria conseguido trazer para o bom caminho, no seu devido tempo, a parte considerável de quadros do Partido que, seduzidos pelos êxitos, iam rolando para baixo e se desviando da linha do Partido.

O Partido conseguiu acabar com as deformações de sua linha no movimento kolkhosiano.

Esta foi a base sobre a qual se firmaram os êxitos do movimento kolkhosiano.

Antes do Partido passar à política de liquidação dos kulaks como classe, a ofensiva mais importante contra os elementos capitalistas, destinada à sua liquidação, era a que se desenvolvia, fundamentalmente, na cidade, no terreno da indústria. Até esse momento a agricultura, o campo, marchavam a reboque da indústria, da cidade; por isso a ofensiva apresentava um caráter desigual, e não um caráter geral, completo. Mas agora, que o atraso da aldeia começava a passar à história, mostrou-se com toda a evidência a luta dos camponeses pela liquidação dos kulaks, e o Partido passou à política de liquidação desses elementos – a ofensiva contra os elementos capitalistas adquiriu um caráter geral e a ofensiva parcial converteu-se numa ofensiva em toda a frente. No momento da convocação do 16º Congresso do Partido, a ofensiva geral contra os elementos capitalistas já tinha sido desencadeada em toda a linha.

O 16º Congresso do Partido reuniu-se a 26 de junho de 1930. Compareceram 1.268 delegados com palavra e voto e 891 com palavra somente, representando 1.260.874 filiados e 711.609 aspirantes.

O 16º Congresso passou à história como sendo “O Congresso da ofensiva do Socialismo desencadeada em toda a frente, da liquidação dos kulaks como classe e da realização da coletivização total”. (Stalin).

No informe político do Comitê Central, o camarada Stalin pôs em relevo os grandes triunfos conseguidos pelo Partido bolchevique mediante o desenvolvimento da ofensiva socialista.

No terreno da industrialização socialista tinha-se conseguido que o peso específico da indústria, dentro do volume global da produção, superasse o peso específico da agricultura. No ano econômico de 1929-1930, a produção da indústria chegava já a 53% do volume global da produção, e a da agricultura só era de 47%, aproximadamente.

Na época do 15º Congresso, no ano de 1926-1927, o volume global da produção de toda a indústria era só de 102,5% do nível de antes da guerra; na época do 16º Congresso, ou seja, em 1929-1930, era já de 180%, aproximadamente, do nível de antes da guerra. A indústria pesada – a produção de meios de produção, a construção de maquinarias – ia-se fortalecendo cada vez mais.

“...Encontramo-nos nas vésperas da transformação de um país agrário em um país industrial – declarou o camarada Stalin entre os aplausos entusiásticos do Congresso.

Entretanto, explicava o camarada Stalin, é necessário não confundir o ritmo intensivo de desenvolvimento da indústria, com o nível desse desenvolvimento. Apesar da indústria socialista se desenvolver com um ritmo sem precedente, o país ia muito à retaguarda, quanto ao nível do desenvolvimento industrial, dos países capitalistas mais adiantados. Assim acontecia com a produção de energia elétrica, apesar dos êxitos gigantescos conseguidos pela URSS no terreno da eletrificação. Assim acontecia com a produção de metais. Em fins de 1929-1930, a URSS devia produzir, segundo o plano, 5 milhões e meio de toneladas de fundição de ferro, enquanto que a Alemanha tinha produzido, em 1929, 13,4 milhões de toneladas e a França, 10,45 milhões. Para poder liquidar em pouco tempo esse atraso técnico-econômico, era necessário continuar acelerando o ritmo de desenvolvimento da indústria soviética, era necessário lutar de modo mais resolutivo contra os oportunistas, que aspiravam enfraquecer o ritmo de desenvolvimento da indústria socialista.

“...Os charlatões que falam da necessidade de enfraquecer o ritmo de desenvolvimento de nossa indústria são inimigos do socialismo, agentes de nossos inimigos de classe”. – assinalava o camarada Stalin. (“Questões do Leninismo”, pág. 369, ed, russa).

Depois de cumprir com êxito e ultrapassar a meta do primeiro ano do plano quinquenal, surgiu entre as massas a palavra de ordem de “executar o Plano quinquenal em quatro anos”. Numa série de ramos adiantados da indústria (petróleo, turba, construção de maquinarias geral agrícola, indústria eletro técnica), a execução do plano se desenvolvia com tal êxito que nesses ramos pode-se chegar inclusive a cumprir o programa traçado em dois e meio a três anos. Isso confirmava a plena realidade da palavra de ordem “Plano quinquenal em quatro anos” e desmascarava o oportunismo dos incrédulos que duvidavam da possibilidade de sua realização.

O 16º Congresso encarregou o Comitê Central do Partido que “assegurasse também, para o futuro, os impetuosos ritmos bolcheviques na edificação socialista para conseguir realmente executar o Plano quinquenal em quatro anos”.

Na época do 16º Congresso operou-se uma transformação no desenvolvimento da agricultura da URSS. As grandes massas camponesas se orientaram para o socialismo. Em 1º de Maio de 1930, nas regiões cerealistas mais importantes, o setor coletivizado abarcava já 40 a 50 por cento das explorações camponesas (na primavera de 1928 só atingia a 2 ou 3 por cento). A superfície cultivada dos kolkhoses englobava 36 milhões de hectares.

Lênin assinalava que era a formação socialista que haveria de predominar entre todas essas formações.

A nova política econômica se orientava para o triunfo completo das formas socialistas da economia.

Ao celebrar-se o 17º Congresso do Partido, esta aspiração era já uma realidade.

“Agora podemos dizer – manifestava a esse propósito o camarada Stalin – que a primeira, a terceira e a quarta formação econômico-sociais já não existiam, que a segunda formação econômico-social foi relegada a segundo plano, e que a quinta formação econômico-social, a formação socialista, é a única dominante, a única força de comando de toda a economia nacional”. (Obra citada, pg. 555).

Ocupavam um lugar importante, no informe do camarada Stalin, os problemas de direção ideológico-política. O camarada Stalin advertia que, se bem que os inimigos do Partido, os oportunistas de todos os calibres e os porta-vozes dos desvios chauvinistas de todos os matizes, tivessem sido derrotados, os vestígios de sua ideologia ecoavam ainda nas cabeças de alguns membros do Partido e se manifestavam não poucas vezes. As sobrevivências do capitalismo na economia e sobretudo na consciência dos homens, eram o terreno propício que podia infundir nova vida à ideologia dos grupos anti-leninistas derrotados. A consciência dos homens vai, no seu desenvolvimento, à retaguarda de sua situação econômica. Por isso, ainda que o capitalismo estivesse liquidado na economia, nas cabeças dos homens se mantinham e continuavam se mantendo ainda sobrevivências das idéias burguesas. Além disso, era necessário não perder de vista que o cerco capitalista, contra o qual era preciso estar sempre alerta, se esforçava por acentuar e apoiar essas sobrevivências.

O camarada Stalin examinou demoradamente, entre outras coisas, as sobrevivências do capitalismo na consciência dos homens no tocante ao problema nacional, onde conservavam uma vitalidade especialmente grande. O Partido bolchevique lutava em duas frentes, tanto contra o desvio do chauvinismo grão-russo como contra o desvio do nacionalismo regionalista. Numa série de Repúblicas (Ucrânia, Bielorrússia etc.), as organizações do Partido tinham recuado na luta contra o nacionalismo regionalista, deixando-o desenvolver-se até fundir-se com as forças inimigas, com os intervencionistas, até converter-se em um perigo para o Estado. Respondendo à pergunta de que desvio, no que se refere ao problema nacional, constituía o perigo mais importante, o camarada Stalin dizia:

“O perigo mais importante constitui o desvio contra o qual se deixou de lutar, permitindo,

deste modo, que ele se desenvolvesse a ponto de se converter num perigo para o Estado”. (Obra citada, pág. 587).

O camarada Stalin incitava o Partido a reforçar seu trabalho ideológico-político, a desmascarar sistematicamente a ideologia e os vestígios ideológicos das classes inimigas e das correntes hostis ao leninismo. Assinalava, também, no seu informe, que tomar decisões acertadas não era o bastante para garantir o êxito da causa. Para garantir o êxito era necessário localizar acertadamente os homens capazes de levar a prática as decisões dos órgãos dirigentes e organizar o controle da execução dessas decisões. Sem essas medidas de organização, as decisões corriam o risco de ficarem reduzidas a disposições no papel, desligadas da realidade. Nesse ponto o camarada Stalin se referia à conhecida tese de Lênin, segundo a qual o fundamental no trabalho de organização é a escolha dos homens e o controle da execução. Além disso, destacava que a falta de continuidade entre as decisões adotadas e o trabalho de organização para levá-las à prática e controlar sua execução, era o defeito fundamental de nossa atuação prática.

Com o fim de aperfeiçoar o controle de execução das decisões do Partido e do Governo, o 17º Congresso criou – em substituição à Comissão Central de Controle e de Inspeção Operária e Camponesa, que já havia cumprido sua missão desde os tempos do 12º Congresso do Partido, - a Comissão de Controle do Partido, adjunta ao Comitê Central do PC (b) da URSS., e a Comissão de Controle Soviética adjunta ao Conselho de Comissários do Povo da URSS.

O camarada Stalin assim formulava as tarefas de organização do Partido na nova etapa:

- 1) Ajustar o trabalho de organização às exigências da linha política do Partido;
- 2) Elevar a direção organizativa ao nível da direção política;
- 3) Conseguir que a direção organizativa garanta plenamente a realização das palavras de ordem políticas e das decisões do Partido.

O camarada Stalin finalizou seu informe advertindo que, se bem que os êxitos do socialismo produzissem um sentimento de legítimo orgulho, era necessário não se deixar seduzir pelos êxitos alcançados, não “se vangloriar” nem adormecer sobre os louros.

“...Não se deve adormecer o Partido, mas sim desenvolver nele o espírito de vigilância; não se deve acalentá-lo, mas sim mantê-lo em pé de guerra; não se deve desarmá-lo, mas sim armá-lo; não se deve desmobilizá-lo, mas sim mantê-lo em estado de mobilização para a execução do segundo Plano Quinquenal” – indicava o camarada Stalin (Obra citada, pág. 596).

Os camaradas Molotov e Kuibyshev informaram perante o 17º Congresso do Partido, sobre o segundo Plano Quinquenal de desenvolvimento da economia nacional. As tarefas do segundo Plano eram mais grandiosas que as do primeiro. No final do segundo Plano Quinquenal, em 1937, a produção industrial deveria ser, aproximadamente, oito vezes maior que a de antes da guerra. O segundo Plano previa obras básicas no valor de 133 bilhões de rublos contra os 64 bilhões de rublos destinados a esses empreendimentos no primeiro.

Este gigantesco volume de obras básicas garantia a total renovação do equipamento técnico de todos os ramos da economia.

O segundo Plano Quinquenal deveria levar a cabo, no fundamental, a mecanização da agricultura. A potência total dos tratores em todo o país aumentaria de 2.250.000 cavalos de força em 1932, para mais de 8 milhões em 1937. E previa-se a vasta implantação de um sistema de medidas de técnica agrária (uma rotação de cultivo acertada, semeio com sementes selecionadas, trabalhos no outono, etc.).

Projetava-se um grande trabalho para a reconstrução técnica dos transportes e comunicações.

Traçava-se um vasto programa destinado a continuar elevando o nível material e cultural dos operários e camponeses.

O 17º Congresso consagrou grande atenção aos problemas de organização e tomou, sobre a base do informe do camarada Kaganovich, resoluções especiais sobre os problemas

referentes à obra de desenvolvimento do Partido e dos organismos soviéticos. O problema de organização adquiria uma importância maior ainda ao triunfar a linha geral do Partido, ao ser provada na própria vida, a política do partido, mediante a experiência de milhões de operários e camponeses. As novas e complexas tarefas que o segundo Plano Quinquenal traçava, exigiam que fosse elevada a qualidade de trabalho em todos os setores.

“As tarefas fundamentais do segundo Plano Quinquenal – a liquidação definitiva dos elementos capitalistas, a superação das sobrevivências do capitalismo na economia e na consciência dos homens, o remate da obra de reconstrução de toda a economia nacional sobre a base da técnica mais moderna, a assimilação da nova técnica e da direção das novas empresas, a mecanização da agricultura e a elevação de sua produtividade – criam com toda sua força o problema de elevar a qualidade do trabalho em todos os setores e, em primeiro lugar, a qualidade da direção prática em matéria de organização”, - diziam as resoluções do Congresso sobre os problemas de organização. (“Resoluções do PC (b) da URSS.”, parte II, pg. 591).

No 17º Congresso foram aprovados os novos estatutos do Partido, que se diferenciavam dos antigos, antes de tudo pelo fato de conterem uma introdução. Nessa introdução é dada uma breve definição do Partido Comunista, de sua significação na luta do proletariado e do posto que ocupa dentro do sistema dos órgãos do poder proletário. Os novos estatutos enumeram detalhadamente os deveres dos filiados. Contem normas mais severas para o ingresso no Partido e um ponto sobre os grupos de simpatizantes. Nesses estatutos se expõe com maiores detalhes o problema da estrutura orgânica do Partido e são formulados de um modo novo os pontos sobre as antigas células do Partido ou organizações primárias deste, como se vem chamando desde o 17º Congresso. Também aparecem formulados de um modo novo, nestes estatutos, os pontos referentes à democracia interna e à disciplina do Partido.

Os bukharinistas degeneram em falsários políticos – Os falsários trotskistas degeneram em um bando de assassinos e guardas brancos espíões O infame assassinato de S. M. Kirov

Os êxitos do socialismo não enchiam de alegria somente o Partido, os operários e os kolkhosianos. Enchiam de alegria também todos os intelectuais soviéticos, todos os cidadãos honrados da URSS.

Não compartilhavam desta alegria, mas, longe disso, sua irritação crescia cada vez mais, os restos das classes exploradoras derrotadas. Esses êxitos faziam estremecer de raiva os porta-vozes das classes derrotadas, os míseros restos dos bukharinistas e dos trotskistas.

Estes senhores não focalizavam as conquistas dos operários e kolkhosianos do ponto de vista dos interesses do povo, que acolhia com entusiasmo cada um de seus êxitos, mas do ponto de vista dos interesses de seu mísero grupo divisionista, grupo desligado da realidade e pobre até a medula. Como os êxitos do socialismo significavam o triunfo da política do Partido e a bancarrota definitiva da política daqueles senhores, estes, em vez de se renderem à evidência e de se juntarem à obra comum, começaram a vingar-se no Partido e no povo de seu próprio fracasso, de sua própria bancarrota, começaram a sabotar e dificultar a obra dos operários e dos kolkhosianos, a inundar minas, a incendiar fábricas, a cometer atos de sabotagem nos kolkhoses e nos sovkhoses, com o fim de solapar as conquistas dos operários e kolkhosianos e de provocar o descontentamento do povo contra o poder soviético. Mas, para preservar, neste trabalho, seu mísero grupo contra o perigo de ser desmascarado e esmagado, puseram a máscara de homens fiéis ao Partido, começaram a fazer cada vez maiores reverências a este, a glorificar o Partido e a ajoelhar-se perante ele, enquanto na prática prosseguiam, clandestinamente, no trabalho de sapa contra os operários e camponeses.

No 17º Congresso, Bukharin, Rykov e Tomski pronunciaram discursos de arrependimento, enaltecendo o Partido e colocando nas nuvens os seus êxitos. Mas o Congresso percebeu o tom insincero e falso de seus discursos, pois o que o Partido pede a seus filiados não é que enalteçam e cantem loas a seus êxitos, mas que trabalhem honradamente na frente do socialismo, que era exatamente o que não se via nos bukharinistas havia muito tempo. O Partido compreendeu que na realidade, os farisaicos discursos desses senhores eram senhas trocadas com seus adeptos não presentes no Congresso, ensinando-lhes o caminho de falsidade e incitando-os a não depor as armas.

No 17º Congresso, entrevistaram Zinoviev e Kamenev, flagelando-se até o exagero por seus erros e enaltecendo o Partido – também até o exagero – por seus êxitos. Mas o Congresso não pôde deixar de advertir que, tanto aquela nauseabunda flagelação como aquele nojento enaltecimento do Partido, não eram mais do que o recurso da consciência suja e intranquila desses senhores. Contudo, o Partido não sabia ainda nem suspeitava sequer que, ao mesmo tempo que pronunciavam seus melífluos discursos do Congresso, esses indivíduos ocupavam-se da preparação do infame assassinato de S. M. Kirov.

Em 1º de dezembro de 1934, Sergio Mironovich Kirov foi assassinado em Leningrado, no Smolni, com um tiro de revólver.

O assassino, preso no local do crime, era membro do grupo contra-revolucionário clandestino que havia sido organizado por alguns dos componentes do grupo zinovievista anti-soviético de Leningrado.

O assassinato de S. M. Kirov, figura queridíssima do Partido e da classe operária, provocou a mais furiosa cólera e a mais profunda dor entre os trabalhadores.

No sumário aberto ficou comprovado que, no ano de 1933 a 1934, tinha sido constituído, em Leningrado, por alguns antigos componentes da oposição zinovievista, um grupo terrorista contra-revolucionário clandestino, à frente do qual figurava o chamado “centro de Leningrado”. Este grupo tinha se proposto, como objetivo, assassinar os dirigentes do Partido Comunista. A primeira vítima que haveria de cair era S.M.Kirov. Pelas declarações dos envolvidos nesse grupo contra-revolucionário se comprovou que estavam em relação com representantes de Estados capitalistas estrangeiros, de quem haviam recebido dinheiro.

Convictos e confessos, os participantes dessa organização foram condenados pela Corte Militar do Tribunal Supremo da URSS à pena máxima do fuzilamento.

Pouco depois foi comprovada a existência da organização contra-revolucionária clandestina chamada “centro de Moscou”. O sumário e o exame do processo evidenciaram o infame papel desempenhado por Zinoviev, Kamenev, Ievdokinov e outros dirigentes dessa organização, na obra de inculcar nos seus correligionários, idéias terroristas e de preparar o assassinato dos membros do Comitê Central e do Governo Soviético.

A dissimulação e a vileza desses indivíduos chegaram a tal ponto que Zinoviev – um dos organizadores e inspiradores do assassinato de S.M. Kirov, que tinha apressado o assassinato para que perpetrasse quanto antes o crime – escreveu um necrológico elogioso de Kirov, exigindo sua publicação.

Fingindo, à vista do processo, que se arrependiam de seus crimes, os zinovievistas continuaram dando provas de falsidade até nesse momento. Ocultaram suas relações com Trotsky. Ocultaram que em união com os trotskistas, se tinham vendido aos serviços de espionagem fascistas, ocultavam seus atos de espionagem e sabotagem. Os zinovievistas silenciaram perante o Tribunal suas relações com os bukharinistas, a existência de um bando unificado trotskista-bukharinista de servidores a soldo do fascismo.

O assassinato do camarada Kirov tinha sido perpetuado, como se demonstrou mais tarde, por esse bando unificado de trotskista e bukharinistas.

Já então, em 1935, era evidente que o grupo zinovievista constituía uma organização encoberta de guardas brancos, cujos componentes só mereciam ser tratados como guardas brancos.

Um ano depois soube-se que os organizadores autênticos, diretos e efetivos do assassinato de Kirov e das medidas preparatórias destinadas ao assassinato dos membros do Comitê Central, tinham sido Trotsky, Zinoviev, Kamenev, Bakaiev, Ievdokinov, Pikel, I. M. Smirnov, Mrachkovski, Vagarin, Reingold e outros. Os criminosos, colhidos com a mão na massa, não tiveram outro remédio senão reconhecer publicamente, perante seus juizes, que não só haviam organizado o assassinato de Kirov, como também preparavam o de todos os demais dirigentes do Partido. O sumário evidenciou, além disso, que esses desalmados se dedicavam também à organização de atos de sabotagem e de espionagem. Durante o processo, celebrado em Moscou em 1936, foi posta a nu toda a monstruosa abjeção moral e política desses indivíduos, toda a sua repugnante baixez e traição que vinham encobrendo com hipócritas declarações de lealdade ao Partido.

O principal inspirador e organizador de todos esses bandos de assassinos e espões era o Judas Trotsky. Serviam-lhe de auxiliares e eram executores de suas ordens contra-revolucionárias, Zinoviev, Kamenev e seus satélites trotskistas. Preparavam a derrota da URSS no caso em que ela fosse atacada pelos imperialistas, tinham tomado o caminho do derrotismo em relação ao Estado operário e camponês e se tinham convertido em servidores e agentes desprezíveis dos fascistas alemães e japoneses.

O ensinamento fundamental que as organizações do Partido deviam tirar dos processos seguidos em consequência do aleivoso assassinato de S.M. Kirov consistia em acabar com sua própria cegueira política, em acabar com sua despreocupação política, em reforçar sua vigilância e a de todos os filiados ao Partido.

Na carta dirigida às organizações do Partido pelo Comitê Central, por motivo do infame assassinato de S.M. Kirov se dizia:

a) “É necessário acabar com essa moleza oportunista que parte da suposição errônea de que, à medida que se desenvolvem nossas forças, o inimigo se torna mais dócil e mais inofensivo. Essa suposição é radicalmente falsa. É fruto do desvio direitista consistente em assegurar a todo mundo que os inimigos deslizarão suavemente para o socialismo e acabarão sendo, no fim das contas, verdadeiros socialistas. Não é próprio de bolcheviques dormir sobre os louros e pensar nas nuvens. O que necessitamos não é moleza, mas vigilância, uma verdadeira vigilância revolucionária, bolchevique. É preciso não esquecer que quanto mais desesperada for a situação de nossos inimigos, de melhor grado recorrerão aos “meios extremos”, que são os únicos de que dispõem os que estão fatalmente condenados ao fracasso na sua luta contra o poder soviético. É preciso ter presente esse fato e permanecer vigilantes.

b) É necessário dar a devida importância ao ensino da história do Partido entre seus filiados, ao estudo de todos e de cada um dos grupos anti-bolcheviques de que fala a história de nosso Partido, de seus métodos de luta contra a linha do Partido, de sua tática, e – mais ainda – ao estudo da tática e dos métodos de luta de nosso Partido contra os grupos anti-bolcheviques, tática e métodos de luta que permitiram ao nosso Partido vencer e esmagar esses grupos. É necessário que os filiados ao Partido conheçam não somente como nosso Partido combateu e derrotou os kadetes, os socialistas-revolucionários, os mencheviques, os anarquistas, mas também como combateu e derrotou os trotskistas, os “centralistas democráticos”, a “oposição operária”, os zinovievistas, os porta-vozes de desvios direitistas, os monstros direitistas, “esquerdistas”, etc. Não se deve esquecer que o conhecimento e a compreensão da história de nosso Partido constituem um meio importantíssimo, necessário para assegurar plenamente a vigilância revolucionária dos filiados ao Partido”.

Nesse período tiveram uma imensa importância a depuração das fileiras do Partido de elementos mascarados e estranhos, depuração que começou em 1933 e, sobretudo a escrupulosa revisão das credenciais da condição de membro do Partido e a substituição das antigas por outras novas, operação que foi empreendida depois do infame assassinato de S.M. Kirov.

Até que se levasse a cabo essa revisão, reinavam em muitas organizações do Partido a arbitrariedade e o descuido a respeito dos “carnês” de filiados. Numa série de organizações locais foi descoberto um estado absolutamente intolerável de caos, no que dizia respeito ao registro de filiados ao Partido, do que se aproveitavam os inimigos para seus sujos fins, utilizando o “carnê” do Partido como anteparo para atos de sabotagem e de espionagem, etc. Muitos dirigentes de organizações do Partido confiavam tudo o que se referia a ingressos no Partido e à entrega de “carnês” a pessoas de terceira categoria, e, às vezes, a filiados sem garantia alguma.

Em uma carta especial dirigida a 13 de maio de 1935 a todas as organizações, acerca do registro de filiados e da entrega e guarda dos “carnês”, o Comitê Central dispunha que em todas as organizações se procedesse à revisão escrupulosa das credenciais da condição de comunista, “pondo uma ordem bolchevique em nossa própria casa, no Partido”.

A revisão dos documentos do Partido encerrava uma grande importância política. Na resolução votada pelo Pleno do Comitê Central do Partido em 25 de dezembro de 1935, na base do informe do Secretário do C.C., camarada Ezhov, sobre os resultados da revisão de documentos efetuada, dizia-se que esta revisão era uma medida política e de organização de enorme importância para o reforço das fileiras do PC (b) da URSS

Depois de se levar a cabo a revisão e a troca de credenciais da condição de comunista, foi restabelecido o ingresso de novos filiados. Mas o C.C. exigiu que as fileiras do Partido fossem completadas – não efetuando o ingresso em bloco, mas na base do exame rigorosamente individual de cada caso – “com os homens realmente avançados e realmente entregues à causa da classe operária, com os melhores homens de nosso país, sobretudo operários, mas também camponeses e intelectuais trabalhadores, provados nos diversos setores da luta pelo socialismo”.

Ao restabelecer-se a admissão de novos filiados, o Comitê Central assinalou às organizações do Partido o dever que tinham de não esquecer que também no futuro os elementos inimigos tentariam infiltrar-se nas fileiras do PC (b) da URSS. Portanto,

“É dever de toda organização do Partido reforçar por todos os meios a vigilância bolchevique, manter bem alta a bandeira do Partido leninista e garantir ao Partido que nas suas fileiras não se infiltrarão elementos estranhos, inimigos e fortuitos” (Resoluções do PC (b) da URSS de 29 de Setembro de 1936, publicadas na “Pravda”, n° 270, ano de 1936).

Depurando e fortalecendo suas fileiras, destruindo os inimigos e lutando implacavelmente contra as deformações de sua linha, o Partido bolchevique reforçou ainda mais sua coesão em torno do Comitê Central, sob cuja direção se marchava para a nova etapa, para a etapa em que se poria o remate à edificação da sociedade sem classes, da sociedade socialista.

A situação internacional nos anos 1935-37 – Enfraquecimento temporário da crise econômica e início da uma nova crise – Ocupação da Abissínia pela Itália – A intervenção germano-italiana na Espanha – Invasão da China Central pelos japoneses – Começa a Segunda Guerra

A crise econômica, que se havia iniciado nos países capitalistas na segunda metade do ano de 1929, prosseguiu até fins de 1933. A partir desta data, o descenso da indústria se conteve, a crise parou, e, algum tempo depois, a indústria começou a reanimar-se um pouco, experimentou um certo apogeu. Mas não era o apogeu que precede a um processo de florescimento industrial numa base nova e mais alta. A indústria capitalista mundial não conseguiu sequer recobrar o nível do ano de 1929; até meados de 1937 só havia conseguido atingir 95 ou 96 por cento daquele nível. E na segunda metade de 1937 se iniciava já uma nova crise econômica, que afetava, antes de tudo, os Estados Unidos. Em fins de 1937, a cifra de operários desempregados nos Estados Unidos tornava a elevar-se a 10 milhões de homens. Na Inglaterra principiava também a crescer rapidamente o número de operários parados.

Portanto, ainda não haviam tido tempo de se refazer dos golpes da recente crise econômica, e já os países capitalistas se viam obrigados a enfrentar nova crise.

Esta circunstância acentuou ainda mais as contradições entre a burguesia e o proletariado. Em conseqüência, recrudesceram cada vez mais as tentativas dos Estados agressores de se ressarcirem das perdas ocasionadas pela crise econômica dentro do país à custa de outros países mal defendidos. Nestas tentativas uniu-se aos dois conhecidos Estados agressores, Alemanha e Japão, um terceiro Estado – a Itália.

Em 1935, a Itália fascista se lançou sobre a Abissínia e a escravizou. Agrediu-a, sem o menor fundamento, nem o menor pretexto, do ponto de vista do “Direito Internacional”, sem declaração de guerra, furtivamente, como agora é moda entre os fascistas. Este golpe não era dirigido somente contra a Abissínia, mas também contra a Inglaterra, contra suas comunicações marítimas entre a Europa e a Índia, com a Ásia. As tentativas da Inglaterra, de impedir que a Itália se apossasse da Abissínia não deram resultado. Para ter as mãos livres, a Itália saiu mais tarde da Sociedade das Nações e começou a armar-se intensivamente.

Formou-se, deste modo, um novo foco de guerra nas rotas marítimas mais curtas entre a Europa e a Ásia.

A Alemanha fascista violou com um ato unilateral o tratado de paz de Versalhes e se propôs executar o plano de revisão pela força das fronteiras dos Estados europeus. Os fascistas alemães não escondiam que seu objetivo era submeter ao seu império os Estados vizinhos ou, pelo menos, se apoderar dos territórios destes Estados habitados por alemães. Segundo tal plano, se procederia primeiro à ocupação da Áustria, e logo depois se descarregaria o golpe contra a Tchecoslováquia, em seguida talvez contra a Polónia, onde também existia um território povoado por alemães e fronteiro à Alemanha: mais adiante... mais adiante, “daqui a pouco se veria”.

No verão de 1936 começou a intervenção armada da Alemanha e da Itália contra a República Espanhola. Sob o pretexto de ajudar os fascistas espanhóis, a Itália e a Alemanha conseguiam ir localizando por debaixo do pano suas unidades militares no território da Espanha, à retaguarda da França, e suas esquadras nas águas espanholas, na zona das ilhas Baleares e de Gibraltar, no sul: na zona do Oceano Atlântico, no oeste; e na do golfo de Biscaia, ao norte. Em começos de 1938 os fascistas alemães ocuparam a Áustria, cravando suas garras na região central do Danúbio e estendendo-se pelo Sul da Europa até as proximidades do Mar Adriático.

Ao levar a cabo sua intervenção contra a Espanha, os fascistas ítalo-germanos asseguravam a todo o mundo que eles só lutavam contra os “vermelhos” espanhóis e que não tinham em vista nenhum outro objetivo. Isto, porém, não era mais que um grosseiro e torpe subterfúgio, bom para enganar os tolos. Na realidade, o golpe era dirigido contra a Inglaterra e a França, pois os fascistas interceptavam as comunicações marítimas destes países com suas formidáveis possessões coloniais da África e da Ásia.

No que se refere à ocupação da Áustria, não havia o menor pretexto para enquadrá-la no âmbito da luta contra o tratado de Versalhes, no âmbito da defesa dos interesses “nacionais” da Alemanha e de sua aspiração de recuperar os territórios perdidos em virtude da primeira guerra imperialista. A Áustria não fazia parte da Alemanha, nem antes da guerra, nem depois dela. A anexação pela força da Áustria pela Alemanha não é mais que um ato descaradamente imperialista de ocupação de um território estrangeiro. Este ato revela, indubitavelmente, a aspiração da Alemanha fascista de conseguir uma posição dominante no continente da Europa ocidental.

Era um golpe assestado, em primeiro lugar, nos interesses da França e da Inglaterra.

Formaram-se, assim, novos focos de guerra no sul da Europa, na zona da Áustria e do Adriático, e na extremidade do ocidente europeu, na zona da Espanha e dos mares que banham a península ibérica.

Em 1937 os militaristas fascistas japoneses se apoderaram de Pequim, invadiram a China Central e ocuparam Xangai. A invasão da China Central pelas tropas japonesas foi levada a cabo, da mesma sorte que a da Manchúria há uns anos atrás, segundo o método

japonês, isto é, sub-repticiamente, por meio de trapaças, pretextando diversos “incidentes locais” provocados pelos próprios japoneses, violando de fato toda e cada uma das “normas” internacionais, tratados, convênios, etc.

A ocupação de Tientsin e de Xangai punha nas mãos dos japoneses a chave do comércio com a China, com seu imenso mercado. Quer isto dizer que, enquanto tiver em suas mãos Xangai e Tientsin, o Japão poderá em qualquer momento desalojar da China Central a Inglaterra e os Estados Unidos, que tem investimentos gigantescos naquele território.

Claro está que a heróica luta do povo chinês e de seu exército contra os invasores japoneses, o formidável movimento nacional da China, as gigantescas reservas de homens e de território deste país, e, finalmente, a decisão do governo nacional chinês de manter a luta de libertação da China até o fim, até expulsar o último invasor para o outro lado das fronteiras do país, são outros tantos testemunhos incontestáveis de que os imperialistas japoneses não puderam nem poderão haver-se com a China.

Mas tão pouco se pode desconhecer, de outra parte, que o Japão continua tendo em suas mãos as chaves do comércio com a China e que a guerra contra este país, é no fundo, um sério golpe assestado contra os interesses da Inglaterra e dos Estados Unidos.

Deste modo formou-se no Oceano Pacífico, na zona da China, mais um foco de guerra.

Todos estes fatos provam que a segunda guerra imperialista já começou, na realidade. Começou furtivamente, sem declaração de guerra. Os Estados e os povos foram quase insensivelmente deslizando para dentro da órbita da segunda guerra imperialista. A guerra foi desencadeada nos diversos confins do mundo pelos três Estados agressores – os círculos governantes fascistas da Alemanha, Itália e Japão. A guerra se estendeu ao longo de um imenso território, desde Gibraltar até Xangai. Conseguiu já arrastar para seu campo de ação mais de 500 milhões de seres. Esta guerra é dirigida, em última análise, contra os interesses capitalistas da Inglaterra, da França e dos Estados Unidos, já que tem por finalidade a partilha do mundo e das zonas de influência, em proveito dos países agressores e à custa dos chamados Estados democráticos.

O traço característico da segunda guerra imperialista consiste, por enquanto, em que, à medida que as potências agressoras mantêm e desenvolvem as guerras, as outras potências “democráticas”, contra as quais esta guerra é expressamente dirigida, fazem como se não fosse com elas a guerra, lavam as mãos, recuam, fazem profissão de fé de seu amor pela paz, invectivam os agressores fascistas e... lhes vão cedendo pouco a pouco suas posições, embora afirmando a cada nova concessão que estão dispostos a resistir.

Como se vê, esta guerra apresenta um caráter bastante estranho e unilateral. Mas isto não impede que seja uma guerra furiosa, uma guerra de descaradas anexações, que descarrega seus golpes sobre as costas dos povos da Abissínia, Espanha e China, debilmente defendidos.

Seria falso pretender explicar este caráter unilateral da guerra pela debilidade militar ou econômica dos Estados “democráticos”. É evidente que estes Estados são mais fortes que os Estados fascistas. O caráter singular da guerra mundial desencadeada tem sua explicação na ausência de uma frente única dos Estados “democráticos” contra as potências fascistas. É certo que os chamados Estados “democráticos” não aprovam os “excessos” dos Estados fascista e temem que estes se fortaleçam. Temem, porém ainda mais o movimento operário da Europa e o movimento de libertação nacional da Ásia, e entendem que o fascismo é um “bom antídoto” contra todos estes movimentos “perigosos”. Por isso, os círculos governantes dos Estados “democráticos” e, principalmente, os círculos conservadores governantes da Inglaterra se limitam à política de exortar os caudilhos fascistas desenfreados para que “não vão muito longe”, dando-lhes ao mesmo tempo a entender que “compreendem perfeitamente” sua política reacionária e policial contra o movimento operário e de libertação nacional e que, no fundo, simpatizavam com ela. Os círculos governantes da Inglaterra mantêm aqui, pouco mais ou menos, a mesma política que, sob o czarismo, a burguesia monarquista liberal russa mantinha, de modo que, embora temendo os “excessos” da política czarista, temia ainda mais o povo, razão pela qual adotou a política

de persuadir o czar, e, portanto, a política de confabulações com o czar contra o povo. Como é sabido, a burguesia monarquista liberal russa pagou muito caro esta política de falsidade. É de esperar que os círculos governantes da Inglaterra e seus amigos da França e dos Estados Unidos venham a ter também o seu merecido castigo histórico.

É evidente que, perante a mudança operada nos assuntos internacionais, a URSS não podia passar ao largo por acontecimentos tão graves. Toda guerra, por pequena que seja, iniciada pelos agressores, representa um perigo para os países amantes da paz; e a segunda guerra imperialista, que tão “insensivelmente” foi se abatendo sobre os povos e que já abarca mais de 500 milhões de seres, não pode deixar de representar um gravíssimo perigo para todos os povos, e, em primeiro lugar, para a URSS. Testemunho eloqüente disto é o “bloco anti-comunista” estabelecido entre a Alemanha, a Itália e o Japão. Por isso, a União Soviética, embora persistindo em sua política de paz, continuou reforçando a capacidade defensiva de suas fronteiras e a combatividade do Exército Vermelho e da Marinha Vermelha. Em fins de 1934, a URSS entrou para a Sociedade das Nações, sabendo que, apesar de sua debilidade, este organismo podia servir de tribuna para desmascarar os agressores e de instrumento de paz, ainda que débil, para frear o desencadeamento da guerra. A URSS entendia que, nos tempos que corriam, não se devia desdenhar sequer uma organização internacional tão fraca como a Sociedade das Nações. Em Maio de 1935 concertou-se entre a França e a URSS um pacto de assistência mútua, contra um possível ataque dos agressores. Simultaneamente se concertou um tratado análogo com a Tcheco-Eslováquia. Em Março de 1936 a URSS assinou um pacto de ajuda mútua com a República Popular da Mongólia. Em Agosto de 1937 foi assinado um pacto de não agressão entre a URSS e a República da China.

**O 2º Plano Quinquenal é cumprido antes do prazo – Reconstrução da agricultura e conclusão da coletivização – A importância dos quadros
O movimento stakanovista – Aumenta o bem estar do povo
Apogeu da cultura popular**

Enquanto nos países capitalistas se desencadeava, três anos após a crise econômica de 1930-1933, uma nova crise, na URSS a indústria prosseguiu imperturbável sua marcha ascendente durante todo este período. A indústria capitalista mundial apenas havia alcançado, em meados de 1937, em conjunto, 95 ou 96 por cento do nível do ano de 1929, e na segunda metade do ano de 1937 entrava na etapa de uma nova crise econômica; em troca, a indústria da URSS, prossequindo sua marcha ascendente, chegou em fins do ano de 1937 a 428 por cento de seu nível de 1929 e, em comparação com o nível de antes da guerra, seu aumento era de mais de 7 vezes.

Estes êxitos eram a consequência direta da política de reconstrução mantida pelo Partido e pelo Governo com toda a tenacidade.

Como resultado destes êxitos, o segundo Plano Quinquenal, no que toca à indústria, cumpriu-se antes do prazo. O 2º Plano Quinquenal ficou cumprido a 1º de Abril de 1937, isto é, em 4 anos e três meses.

Foi um triunfo formidável do socialismo.

Quase o mesmo quadro de progresso apresentava a agricultura. A superfície de colheita de todas as culturas aumentou de 105 milhões de hectares, em 1913 (período de ante-guerra), para 135 milhões de hectares, em 1937. A produção de cereais aumentou de 78.424.000 toneladas, em 1913, a 111.384.000, em 1937; a produção de algodão em bruto aumentou de 720.000 para 2.522.520 toneladas; a produção de linho (fibra) aumentou de 311.220 para 507.780; a produção de beterraba para açúcar, de 10.712.520 para 21.474.180; a produção das culturas de plantas oleaginosas aumentou de 2.113.020 toneladas para 5.012.280.

Convém advertir que em 1937, somente os kolkoses (sem contar os sovkses) lançaram ao mercado mais de 27 milhões e meio de toneladas de trigo, ou seja, 6 milhões e meio de toneladas mais que os latifundiários, os kulaks e os camponeses juntos, em 1913.

Só um ramo da economia rural, a criação de gado, se achava em um nível inferior ao de antes da guerra e continuava avançando lentamente.

No que se refere à coletivização da agricultura, esta podia dar-se já por terminada. Em 1937 estavam incorporadas aos kolkoses 18 milhões e meio de explorações camponesas, o que representava 93 por cento das explorações camponesas de todo o país; e a superfície de colheita de cereais dos kolkoses representava 99 por cento da superfície total de cereais semeados pelos camponeses.

Os frutos da reconstrução da agricultura e de sua dotação intensiva com tratores e maquinaria agrícola estavam à vista.

O coroamento da obra de reconstrução da indústria e da agricultura fez com que a economia nacional se visse abundantemente dotada de uma técnica de primeira classe. A indústria e a agricultura, o transporte e o exército receberam uma quantidade enorme de elementos técnicos novos, de novas máquinas e ferramentas, tratores e maquinaria agrícolas, locomotivas e navios, peças de artilharia e tanques, aviões e navios de guerra. Era necessário pôr em marcha dezenas e centenas de milhares de quadros instruídos, capazes de dominar toda esta técnica e tirar dela o máximo rendimento. Sem isto, sem dispor de uma quantidade suficiente de homens que dominassem a técnica, esta corria o risco de converter-se em um monte de ferro inerte e improdutivo. Era um perigo grave, fruto do fato de que os quadros capazes de dominar a técnica não se desenvolviam com a mesma celeridade e inclusive ficavam bastante atrasados no que diz respeito ao desenvolvimento da técnica. A coisa se complicava pela circunstância de que uma parte considerável dos ativistas não compreendia este perigo e julgava que a técnica cumpriria sua tarefa “por si só”. Assim como antes se havia menosprezado a técnica, adotando para com ela uma atitude desdenhosa, agora se exagerava sua importância e ela era convertida em um fetiche. Não se compreendia que a técnica sem homens que a dominassem é uma coisa morta. Não se compreendia que, sem homens que dominassem a técnica esta não podia dar um alto rendimento.

O problema dos quadros capazes de dominar a técnica adquiria, portanto, uma importância primordial.

Era necessário desviar a atenção dos ativistas da exaltação desmedida da técnica, e do menosprezo da importância dos quadros, dirigindo-a para a assimilação da técnica, o domínio da técnica, o esforço intensivo para forjar numerosos quadros capazes de dominar a técnica, e de tirar dela o máximo rendimento.

E assim como antes, no período de reconstrução, quando o país padecia fome de técnica, o Partido havia lançado a palavra de ordem “A técnica no período de reconstrução decide tudo”, agora, quando a técnica abundava e o período de reconstrução estava terminado, no fundamental, e o país sofria uma aguda penúria de quadros, o Partido tinha que lançar uma nova palavra de ordem, destinada a concentrar a atenção não já na técnica, mas nos homens, nos quadros capazes de aproveitar integralmente a técnica.

A este respeito, teve grande importância o discurso pronunciado pelo camarada Stalin, em Maio de 1935, quando da promoção dos oficiais comandantes saídos das Academias do Exército Vermelho:

“Antes – disse o camarada Stalin – dizíamos que a “técnica decide tudo”. Esta palavra de ordem nos ajudou no sentido de que liquidamos a fome de técnica e criamos uma base técnica amplíssima em todos os ramos da atividade para fortalecer nossos homens com uma técnica de primeira ordem. Está muito bem. Mas está muito longe de ser suficiente. Para pôr em movimento a técnica e tirar dela todo o rendimento, são necessários homens que a dominem, são necessários quadros capazes de assimilar e aproveitar esta técnica de acordo com todas as regras da arte. A técnica sem homens que a dominem é uma coisa morta. A técnica tendo à frente homens que a dominem pode e deve fazer milagres. Se

nossas fábricas e empresas industriais de primeira ordem, se nossos sovkhoses e kolkhoses, se o nosso Exército Vermelho, se todos contassem com uma quantidade suficiente de quadros capazes de dominar a técnica, nosso país obteria um rendimento três ou quatro vezes maior que o que atualmente obtém. Por isso, atualmente, é preciso fazer fincar-pé na questão dos homens, dos quadros, do pessoal que domina a técnica. Por isso, a velha palavra de ordem “A técnica decide tudo”, palavra de ordem que era o reflexo de um período já ultrapassado, em que padecíamos de fome de técnica, deve ser substituída atualmente por uma nova palavra de ordem, pela palavra de ordem “Os quadros decidem tudo”. Isto é agora o fundamental...

É necessário que se acabe por compreender que de todos os valiosos capitais que existem no mundo, o capital mais precioso e decisivo é constituído pelos homens, os quadros. É necessário que se compreenda que, em nossas atuais condições, “os quadros decidem tudo”. Se contarmos com bons e numerosos quadros na indústria, na agricultura, nos transportes, no Exército, nosso país será invencível. Se carecermos deles, mancaremos dos dois pés”.

Portanto, a rápida formação de quadros técnicos e a rápida assimilação da nova técnica, com objetivo de continuar desenvolvendo a produtividade do trabalho, havia passado a ser uma tarefa de primeira ordem.

O mais esplêndido exemplo do desenvolvimento de novos quadros, da assimilação da nova técnica pelos homens soviéticos e da marcha ascendente da produtividade do trabalho foi o movimento stakhanovista. Este movimento nasceu e tomou força na bacia do Donetz, na indústria carbonífera, de onde se estendeu a outros ramos industriais, ao transporte e, mais tarde, à agricultura. Este movimento recebeu o nome de movimento stakhanovista por haver sido seu iniciador o mineiro do poço “Irmino central” (bacia do Donetz) Alexei Stakhanov. Já antes de Stakhanov, o mineiro Isotov havia batido todos os recordes estabelecidos na extração da hulha. O exemplo de Stakhanov, que a 31 de Agosto de 1935 arrancou em um só turno 102 toneladas de carvão, ultrapassando 14 vezes as normas usuais, iniciou um movimento de massas dos operários e dos kolkhosianos pela elevação das normas de rendimento, por um novo apogeu da produtividade do trabalho. Busiguim, na indústria automobilística; Smetanin, na indústria de calçados; Krivonós, no transporte; Musinski, na indústria florestal; Iudóxia e Maria Vinogradova, na indústria têxtil; Maria Bemchenko, Marina Knatenko, Pasha Angelina, Polagutin, Kolesov, Borin e Kovardak, na agricultura; tais são os nomes dos operários e kolkhosianos que romperam a marcha no movimento stakhanovista.

Depois deles apareceram outros destacamentos inteiros de stakhanovistas, ultrapassando a produtividade do trabalho de seus predecessores.

No desenvolvimento do movimento stakhanovista, tiveram uma importância imensa a 1.^a Conferência stakhanovista, de toda a URSS, celebrada no Kremlin em novembro de 1935, e o discurso pronunciado nela pelo camarada Stalin.

“O movimento stakhanovista – disse o camarada Stalin em seu discurso – reflete o novo apogeu da emulação socialista, uma nova etapa mais alta da emulação socialista... Antes, faz uns três anos, durante a sua primeira etapa, a emulação socialista não implicava forçosamente uma técnica nova. Além disso, naquele momento não tínhamos, propriamente falando, uma técnica nova. Em troca, a etapa atual da emulação socialista, o movimento stakhanovista, se acha forçosamente vinculado à nova técnica. O movimento stakhanovista não se conceberia sem uma técnica nova, superior. Tendes perante vós homens como os camaradas Stakhanov, Busiguim, Smetanin, Krivonós, as Vinogradovas e muitos outros, homens novos, operários e operárias, que se fizeram donos absolutos da técnica em seu ramo, que a dominaram e impulsionaram. Faz três anos, não havia ou quase não havia entre nós homens semelhantes... A importância do movimento stakhanovista está em que é um movimento que destrói, por insuficientes, as antigas normas técnicas: está em que, em certo número de casos, ultrapassa a produtividade de trabalho nos países capitalistas mais avançados, franqueando deste modo a possibilidade de transformar nosso país no país mais próspero”.

Caracterizando o método de trabalho dos stakhanovistas e ressaltando a enorme importância do movimento stakhanovista para o porvir do país soviético, o camarada Stalin comentava:

“Observai os camaradas stakhanovistas. Quem são estes homens? São principalmente, operários e operárias jovens ou de meia idade, homens preparados, do ponto de vista cultural e técnico, modelos de precisão e de exatidão no trabalho, que sabem apreciar o fator tempo no trabalho e aprenderam a contar, não somente por minutos, mas também por segundos. A maioria deles tem o mínimo de conhecimentos técnicos e continua completando sua instrução técnica. Estão isentos do conservadorismo e da rotina de alguns engenheiros, técnicos e dirigentes da economia. Marcham corajosamente para diante, destruindo as normas técnicas antiquadas e criando outras novas, mais avançadas. Introduzem emendas nas previsões de capacidade das empresas ou nos planos econômicos estabelecidos pelos dirigentes de nossa indústria. Amiúde completam e corrigem os engenheiros e técnicos. Frequentemente os instruem e os empurram para diante, pois são homens que dominam plenamente a técnica de seu ramo e sabem fazer com que a técnica renda o máximo que pode dar. Hoje os stakhanovistas são ainda pouco numerosos. Mas quem pode duvidar que amanhã serão dez vezes mais? Não é claro que os stakhanovistas são inovadores em nossa indústria, que o movimento stakhanovista representa o porvir de nossa indústria, que encerra o gérmen do futuro apogeu cultural e técnico da classe operária, que nos abre o único caminho pelo qual se podem obter índices superiores da produtividade do trabalho, necessários à passagem do socialismo para o comunismo e para a supressão do antagonismo entre o trabalho intelectual e o trabalho físico?”

A difusão esmagadora do movimento stakhanovista e a execução do 2º Plano Quinquenal antes do prazo assinalado criaram as condições necessárias para um novo apogeu do bem estar e do desenvolvimento cultural dos trabalhadores.

O salário real dos operários e empregados experimentou, durante o 2º Plano Quinquenal, um aumento de mais de duas vezes. O fundo de salários cresceu de 34 bilhões, em 1933, para 81 bilhões, em 1937. O fundo de seguros sociais do Estado aumentou de 4 bilhões e 600 milhões de rublos, em 1933, para 5 bilhões, em 1937. Somente em um ano, em 1937, investiram-se em seguros sociais para os operários e empregados, em melhorias das condições de vida e das necessidades culturais dos trabalhadores, em sanatórios, balneários, casas de repouso e assistência médica, cerca de 10 bilhões de rublos.

No campo, firmou-se definitivamente o regime kolkhosiano. Contribuíram para isso consideravelmente o Estatuto do Artel Agrícola, aprovado no 2º Congresso de kolkhosianos de choque, celebrado em fevereiro de 1935, e a entrega aos kolkhoses, em usufruto perpétuo, de todas as terras cultivadas por eles. Graças à consolidação do regime kolkhosiano, desapareceram do campo a pobreza e a insegurança. Enquanto que, três anos antes, cada kolkhosiano recebia dois quilos de trigo por jornada de trabalho, agora a maioria dos kolkhosianos, nas regiões produtoras de cereais, passou a receber de 5 a 12 quilos de trigo por jornada de trabalho, e muitos deles até 20, afora outros produtos e as receitas em dinheiro. Apareceram milhões de lares kolkhosianos que percebiam, nas regiões produtoras de cereais, de 8 mil a 24 mil quilos de trigo, e dezenas de milhares de rublos por ano nas regiões hortícolas e produtoras de algodão, linho, beterraba, gado, frutas, uva e vinho. Os kolkhoses começaram a ter uma vida próspera. Os kolkhosianos começaram a preocupar-se fundamentalmente em construir celeiros e armazéns, já que os velhos locais destinados a armazenar os produtos, em tempos em que se faziam as poucas reservas para um ano, não preenchiam nem a décima parte das novas necessidades dos kolkhosianos.

Em 1936, ao crescer o bem-estar das massas populares, o governo baixou uma lei proibindo os abortos. Ao mesmo tempo se traçava um vasto plano de construção de maternidades, creches, cozinhas infantis e jardins de infância. Em 1936 se destinaram para estes fins 2,174 bilhões de rublos contra 875 milhões em 1935. Baixou-se uma lei especial,

proporcionando uma ajuda considerável às famílias numerosas. Em 1937 se investiram mais de 1 bilhão de rublos em subsídios concedidos segundo esta lei.

Como resultado da implantação do ensino obrigatório e da construção de novas escolas, surgiu um potente florescimento cultural entre as massas populares. Por todo o país se desenvolveu um grandioso plano de construção de escolas. O número de alunos das escolas primárias e médias aumentou de 8 milhões em 1914 para 28 em 1936-37. O número de alunos das escolas superiores aumentou de 112.000 em 1914, para 542.000 em 1936-37.

Foi uma verdadeira revolução cultural.

No rápido melhoramento da situação material e no desenvolvimento cultural das massas populares se revelaram a força, a potência e o caráter invencível da Revolução Soviética. As revoluções anteriores haviam fracassado sempre, porque, ainda que dando ao povo a liberdade, não tinham podido oferecer-lhe ao mesmo tempo, uma melhora sensível de sua situação material e cultural. Era esta a sua falha mais importante. A revolução soviética se distingue de todas as demais revoluções pelo fato de que, além de livrar o povo do czarismo e do capitalismo, veio melhorar radicalmente sua situação material e cultural. Nisto reside sua força invencível.

“Nossa revolução proletária – disse o camarada Stalin, em seu discurso perante a 1ª Conferência de stakhanovistas de toda a URSS., - é a única revolução do mundo que pôde mostrar ao povo, não só seus resultados políticos, mas também resultados materiais. De todas as revoluções operárias, só conhecemos uma que haja conquistado, mal ou bem, o poder – é a Comuna de Paris. Mas não durou muito tempo. É certo que tentou romper as cadeias do capitalismo, mas não pôde consegui-lo, e muito menos logrou mostrar ao povo os resultados materiais da revolução. Nossa revolução é a única que não só rompeu as cadeias do capitalismo e deu liberdade ao povo, mas também conseguiu, além disso, dar ao povo as condições materiais para uma vida desafogada. Nisso reside a força invencível de nossa Revolução”.

O 8º Congresso dos Soviets. – É aprovada a Nova Constituição da URSS

Em Fevereiro de 1935, o 7º Congresso dos Soviets da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas tomou a resolução de mudar a Constituição da URSS que havia sido aprovada em 1924. A necessidade de mudar a Constituição correspondia às imensas mudanças operadas desde 1924, isto é, desde a data em que havia sido aprovada a primeira Constituição da União Soviética até o momento atual. Durante estes anos havia mudado radicalmente a correlação das forças de classe da URSS. Havia-se criado uma nova indústria socialista, haviam sido destruídos os kulaks, havia triunfado o regime kolkhosiano, havia-se consolidado a propriedade socialista sobre os meios de produção em toda a economia nacional, como base da sociedade soviética. O triunfo do socialismo permitia acentuar a democratização do sistema eleitoral, implantando o sufrágio universal, igual, direto e secreto.

Uma comissão especial, presidida pelo camarada Stalin, foi encarregada de elaborar o projeto de uma nova Constituinte da URSS. O projeto foi submetido à discussão de todo o povo, durante um prazo de cinco meses e meio. Este projeto de Constituição foi discutido no 8º Congresso extraordinário dos Soviets. O 8º Congresso da URSS, se reuniu em novembro de 1936.

No informe pronunciado perante este Congresso dos Soviets sobre o projeto de nova Constituição, o camarada Stalin expôs as mudanças fundamentais que se haviam operado no país desde os tempos em que havia sido aprovada a Constituição de 1924.

A Constituição de 1924 havia sido redigida no primeiro período da NEP. Naquele momento, o poder soviético consentia ainda no desenvolvimento do capitalismo paralelamente ao do socialismo. Naquele momento, o poder soviético esperava que, no curso da emulação entre os dois sistemas – o sistema capitalista e o sistema socialista - se

organizasse e fosse garantido o triunfo do socialismo sobre o capitalismo no terreno econômico. Naquele momento, não estava decidido ainda o problema de “quem vencerá”. A indústria, baseada em uma técnica velha e pobre, não tinha alcançado sequer o nível de antes da guerra. E ainda menos animador era o quadro que oferecia, naquela ocasião, a agricultura. Os sovkhoses e os kolkhoses eram como ilhotas isoladas no meio do imenso oceano das explorações camponesas individuais. A luta contra os kulaks não visava ainda sua liquidação, mas apenas a sua limitação. No terreno da circulação de mercadorias, o setor socialista só representava, aproximadamente, uns 50 por cento.

Em 1936, a URSS apresentava já um panorama diferente. A economia da URSS havia mudado radicalmente. Por esta época, haviam sido totalmente liquidados os elementos capitalistas, e o sistema socialista havia triunfado em todos os ramos da economia. A potente indústria socialista ultrapassava sete vezes a produção de antes da guerra e tinha desalojado completamente a indústria privada. Na agricultura, havia triunfado com os kolkhoses e os sovkhoses, a produção socialista, a produção mecanizada maior do mundo, equipada segundo a nova técnica. Os kulaks haviam sido totalmente liquidados como classe, e o setor privado já não desempenhava nenhum papel importante na economia do país. Toda a circulação de mercadorias estava concentrada em mãos do Estado e das cooperativas. A exploração do homem pelo homem havia sido destruída completamente. A propriedade social, socialista, sobre os meios de produção se havia consolidado como base inquebrantável no novo regime socialista, em todos os ramos da economia. Na nova sociedade, haviam desaparecido para sempre as crises, a miséria, o desemprego forçado e a ruína. Havia-se criado as condições necessárias para uma vida desafogada e culta de todos os membros da sociedade soviética.

Coerentemente com isto – dizia o camarada Stalin em seu informe – tinha mudado também a contextura de classe da população da URSS. A classe dos latifundiários e a grande burguesia imperialista dos velhos tempos já tinham sido liquidadas durante o período da guerra civil.

Durante os anos da edificação socialista, tinham sido suprimidos todos os elementos exploradores – os capitalistas, os comerciantes, os kulaks e os especuladores. Ficavam somente alguns vestígios insignificantes das classes exploradoras suprimidas, cuja liquidação total era coisa de muito pouco tempo.

Os trabalhadores da URSS – os operários, os camponeses, os intelectuais – haviam mudado profundamente durante os anos da edificação socialista.

A classe operária tinha deixado de ser uma classe explorada, privada dos meios de produção, como acontece sob o jugo do capitalismo. Tinha destruído o capitalismo, arrebatado aos capitalistas os meios de produção para convertê-los em propriedade social. Tinha deixado de ser um proletariado, no sentido estrito e antigo desta palavra. O proletariado da URSS, em cujas mãos se acha o poder do Estado, converteu-se em uma classe totalmente nova. Converteu-se em uma classe operária emancipada da exploração, que destruiu o sistema da economia capitalista e instaurou a propriedade socialista sobre os meios de produção. Isto é, converteu-se numa classe operária como nunca a história da Humanidade conheceu.

Não menos profundas eram as mudanças que se tinham operado na situação dos camponeses da URSS. Nos velhos tempos, mais de duas dezenas de milhões de explorações camponesas pequenas e médias, soltas e disseminadas, trabalhavam preguiçosamente suas parcelas de terra. Cultivavam a terra, valendo-se de uma técnica atrasada. Eram explorados pelos latifundiários, kulaks, comerciantes, especuladores, usuários, etc. Agora surgiu na URSS um tipo completamente novo de camponês. Já não há latifundiários nem kulaks, comerciantes nem usurários que possam explorá-lo. A imensa maioria das explorações camponesas entrou nos kolkhoses, baseados, não na propriedade privada sobre os meios de produção, mas na propriedade coletiva e no regime de trabalho coletivo. Este é um novo tipo de camponês, livre de toda a exploração. Este novo tipo de camponês tão pouco a história da Humanidade havia conhecido até agora.

Mudaram também os intelectuais da URSS São já, em massa, intelectuais totalmente novos. Em sua maioria saíram do seio dos operários e camponeses. Já não servem, como os antigos intelectuais, ao capitalismo, mas ao socialismo. O intelectual passou a ter plenitude de direitos como membro da sociedade socialista. Estes intelectuais constroem a nova sociedade, a sociedade socialista, pelo braço dos operários e camponeses. São um novo tipo de intelectuais, postos a serviço do povo e emancipados de toda a exploração. Este tipo de intelectuais tão pouco a história da Humanidade tinha conhecido.

Deste modo vão se apagando as fronteiras de classe, entre os trabalhadores da URSS, vai desaparecendo o antigo exclusivismo de classe. Cedem e se apagam as contradições econômicas e políticas entre os operários, os camponeses e os intelectuais. Criou-se a base para a unidade moral e política da sociedade.

Estas profundas mudanças operadas na vida da URSS, estes êxitos decisivos do socialismo na URSS encontraram sua expressão na nova Constituição da União Soviética.

Segundo esta Constituição, a sociedade soviética se compõe de duas classes irmãs, os operários e os camponeses, entre as quais ainda existem certas diferenças de classe. A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas é um Estado socialista de operários e camponeses.

A base política da URSS é constituída pelos Soviets de deputados dos trabalhadores, organismos que cresceram e se robusteceram em consequência da derrubada do poder dos latifundiários e capitalistas e da conquista da ditadura do proletariado.

Na URSS todo o poder pertence aos trabalhadores da cidade e do campo, representados pelos Soviets de deputados dos trabalhadores.

O órgão superior do poder do Estado, na URSS, é o Soviet Supremo da URSS.

O Soviet Supremo da URSS, formado por duas Câmaras iguais em direitos, o Soviet da União e o Soviet das Nacionalidades, é eleito pelos cidadãos da URSS por um prazo de quatro anos, na base do sufrágio universal, igual, direto e secreto.

As eleições para a Soviet Supremo da URSS., bem como para todos os Soviets de deputados dos trabalhadores, se fazem por sufrágio universal. Isto quer dizer que todos os cidadãos que tenham 18 anos completos, sejam quais forem sua raça, nacionalidade, credo religioso, grau de instrução, residência, origem social, situação econômica e conduta no passado, tem direito de participar nas eleições para deputados e de ser eleitos, com exceção dos alienados e das pessoas privadas de seus direitos eleitorais por sentença judiciária.

As eleições para deputados se fazem por sufrágio igual. Isto quer dizer que cada cidadão tem um só voto e que todos os cidadãos tomam parte nas eleições em condições iguais.

As eleições para deputados são diretas. Isto quer dizer que as eleições para todos os Soviets de deputados dos trabalhadores, desde os Soviets rurais e urbanos, até o Soviet Supremo da URSS, se efetuam pelos cidadãos, por via direta, isto é, votando diretamente nos nomes dos deputados.

O Soviet Supremo elege, em sessão conjunta das duas Câmaras, a Comissão Permanente do Soviet Supremo e o Conselho de Comissários do Povo da URSS.

A base econômica da União Soviética é constituída pelo sistema socialista de economia e pela propriedade socialista sobre os meios de produção. Na URSS se aplica o princípio do socialismo: "De cada um, segundo sua capacidade; a cada um, segundo seu trabalho".

Garanta-se a todos os cidadãos o direito ao trabalho, o direito ao repouso, o direito à instrução, o direito ao seguro material na velhice e em caso de doença ou de inabilitação para o trabalho.

A mulher goza de direitos iguais ao homem em todos os domínios da vida.

A igualdade de direitos de todos os cidadãos da URSS, independentemente de sua nacionalidade e raça, é lei intangível.

Reconhece-se a todos os cidadãos a liberdade de consciência e a liberdade de propaganda anti-religiosa.

A Constituição garante – no interesse da consolidação da sociedade socialista – a liberdade de palavra, de imprensa, de reunião e de comícios, o direito de agrupar-se em organizações sociais, a inviolabilidade da personalidade, a inviolabilidade do domicílio e do segredo da correspondência e o direito de asilo para os cidadãos estrangeiros perseguidos por defenderem os interesses dos trabalhadores, por suas atividades científicas ou por sua luta em prol da libertação nacional.

Ao mesmo tempo, a nova Constituição impõe a todos os cidadãos sérios deveres: cumprir as leis, acatar a disciplina no trabalho, cumprir honradamente seus deveres sociais, respeitar as regras de convivência da sociedade socialista, salvaguardar e fortalecer a propriedade social, socialista, e defender a pátria socialista.

“A defesa da Pátria é dever sagrado de todos os cidadãos da URSS.”

Falando do direito dos cidadãos de se agruparem em diferentes organizações, a Constituição grava em um de seus artigos as seguintes palavras:

“Os cidadãos mais ativos e conscientes da classe operária e das outras camadas de trabalhadores se agrupam no Partido Comunista (bolchevique) da URSS, que é o destacamento de vanguarda dos trabalhadores em sua luta pela garantia e pelo desenvolvimento do regime socialista, e o núcleo dirigente de todas as organizações de trabalhadores, tanto sociais como do Estado”.

O 8º Congresso dos Soviets aprovou e sancionou por unanimidade o projeto de nova Constituição da URSS.

O país dos Soviets obteve assim uma nova Constituição, a Constituição do triunfo do socialismo e da democracia operária e camponesa.

Deste modo, a Constituição vem consagrar o seguinte fato de alcance histórico e universal: a URSS entrou em uma nova etapa de desenvolvimento, na etapa do coroamento da edificação da sociedade socialista e de transição gradual para a sociedade comunista, na qual o princípio a que se subordinará a direção da vida social será o princípio comunista – “De cada um, segundo sua capacidade; a cada um, segundo suas necessidades”.

Esmagamento dos restos de espões, sabotadores e traidores. – Preparação das eleições para o Soviet Supremo da URSS. – O Partido traça o rumo para o desenvolvimento da democracia interna. – As eleições para o Soviet Supremo

O ano de 1937 trouxe novos dados sobre os monstros dos bando bukharinista-trotskista. O processo judiciário contra Piatakov, Radek e outros, o processo contra Tukachevski, Yakir e outros, e, finalmente o processo contra Bukharin, Rykov, Krestsinski, Rosengoltz e demais implicados, puseram a nu que os bukharinistas e os trotskistas eram, fazia já muito tempo, um bando vulgar de inimigos do povo, sob a forma de “bloco direitista-trotskista”.

Os citados processos salientaram que estes detritos do gênero humano, junto com os inimigos do povo – Trotski, Zinoviev e Kamenev – conspiravam já contra Lênin, contra o Partido e contra o Estado Soviético, desde os primeiros dias da Revolução Socialista de Outubro. Os atos de provocação destinados à ruptura da paz de Brest-Litovsk, em começos de 1918, o “complot” contra Lênin e a conspiração com os social-revolucionários de “esquerda” para prender e assassinar Lênin, Stalin e Sverdlov, na primavera de 1918; o criminoso atentado contra Lênin, em consequência do qual ele saiu ferido, no verão de 1918; a sublevação dos social-revolucionários de “esquerda”, no verão do mesmo ano; o recrudescimento intencional das divergências dentro do Partido, em 1921, com o intuito de alquebrar e destroçar, a partir de dentro, a direção de Lênin; as tentativas de derrubar a direção do Partido durante a enfermidade e depois da morte de Lênin; a delação de segredos de Estado e o fornecimento de informações de espionagem aos serviços de espionagem estrangeiros; o infame assassinato de Kirov; atos de sabotagem e de diversionismo, explosões; os infames assassinatos de Menzhinski, Kuybishev e Gorki. Estes e outros crimes semelhantes foram os que se perpetraram no transcurso de vinte anos, com a intervenção ou sob a direção de Trotsky, Zinoviev, Kamenev, Bukharin, Rykov e seus satélites, empenhando-se em obter o reconhecimento crescente dos serviços de espionagem da burguesia estrangeira.

Os citados processos tornaram claro que os monstros trotskistas-bukharinistas se propunham como objetivo destruir o Partido e o Estado Soviético, minar a defesa do país, facilitar a intervenção armada estrangeira, preparar a derrota do Exército Vermelho e o desmembramento da URSS, entregando a Província Marítima Soviética aos japoneses, a Bielorrússia soviética aos polacos e a Ucrânia soviética aos alemães, a destruição das conquistas dos operários e kolkhosianos e a restauração da escravidão capitalista na URSS.

Estes guardas brancos, pigmeus cuja força só se podia comparar à de um insignificante mosquito, julgavam-se, ao que parece, – causa riso dizê-lo! – os senhores do país e imaginavam que podiam, na realidade, esquartejar e vender ao melhor arrematante a Ucrânia, a Bielorrússia e a Província Marítima.

Estes mosquitos contra-revolucionários se esqueceram de que o senhor do país dos soviets é o povo e de que os senhores Rykov, Bukarin, Zinoviev e Kamenev não eram mais que simples servidores temporários do Estado, aos quais este podia em qualquer momento varrer de suas repartições como lixo inútil.

Estes insignificantes lacaios dos fascistas se esqueceram de que bastava o povo soviético mover um dedo para que não ficasse nem rastro deles.

O Tribunal Soviético condenou ao fuzilamento os monstros bukharinistas-trotskistas.

O Comissário do Povo para os Negócios Interiores se encarregou de executar a sentença.

O povo Soviético aprovou o esmagamento da quadrilha bukharinista-trotskista e passou aos assuntos da ordem do dia.

O assunto que figurava na ordem do dia era a preparação para celebrar de um modo organizado as eleições para o Soviet Supremo da URSS.

O Partido desenvolveu em toda a linha um trabalho preparatório visando as eleições. O Partido entendia que a implantação da nova Constituição significava uma transformação na vida política do país. E que esta transformação consistia em levar a cabo a democratização completa do sistema eleitoral, em passar das eleições restritas às eleições por sufrágio universal, das eleições não plenamente iguais às eleições por sufrágio igual, das eleições de vários graus às eleições diretas, das eleições com voto aberto às eleições com voto secreto.

Antes de vigorar a nova Constituição, achavam-se sujeitos a restrições em seus direitos eleitorais os servidores da religião, os antigos guardas brancos, os antigos kulaks e todos os que não prestassem um trabalho útil à sociedade; A nova Constituição anulou todas as limitações impostas aos direitos eleitorais dessas categorias de cidadãos, decretando que as eleições para deputados se fariam por sufrágio universal.

Antes, as eleições para deputados tinham caráter desigual, pois vigoravam diferentes normas eleitorais para a população urbana e para a rural; agora havia desaparecido a necessidade de limitar a igualdade nas eleições, e todos os cidadãos tinham direito a participar nas eleições num plano de igualdade.

Antes, as eleições para os órgãos médios e superiores do poder soviético eram eleições de vários graus; agora, segundo a nova Constituição, as eleições para todos os Soviets, desde os Soviets rurais e urbanos até o Soviet Supremo, tinham de efetuar-se por via direta, isto é, cada cidadão elegia diretamente o deputado.

Antes, as eleições para deputados dos Soviets se efetuavam emitindo-se abertamente o voto e por listas; agora, a votação, nas eleições para deputados, tinha que ser secreta, e não por listas, mas por candidaturas separadas, representadas em cada distrito eleitoral.

Isto representava, sem dúvida, uma transformação na vida política do país.

O novo sistema eleitoral tinha necessariamente que conduzir, como de fato conduziu, a intensificar a atividade política das massas, a reforçar o controle destas sobre os órgãos do poder soviético, a acentuar a responsabilidade desses órgãos ante o povo.

Para poder sair bem apetrechado ao encontro desta mudança, o Partido tinha que se pôr à frente dela e assegurar plenamente seu papel dirigente nas próximas eleições.

A respeito disto, o Pleno do Comitê Central, depois de ouvir o informe do camarada Zhdanov, resolveu:

“a) Reconstruir o trabalho do Partido na base da aplicação plena e incondicional dos princípios da democracia dentro do Partido segundo os seus estatutos.

b) Acabar com a prática do cooptação para designar os membros dos Comitês do Partido e restabelecer, de acordo com os seus estatutos, o caráter eletivo dos órgãos dirigentes das organizações do Partido.

c) Proibir, nas eleições para designar os órgãos do Partido, o voto por listas e efetuar a eleição por candidatura separada, garantindo a todos os membros do Partido o direito ilimitado de recusar os candidatos e criticá-los.

d) Implantar, nas eleições dos órgãos do Partido, o sistema de votação secreta dos candidatos.

e) Celebrar eleições para designar os órgãos do Partido em todas as organizações deste, desde os Comitês de Partido das organizações de base até os Comitês territoriais provinciais e os Comitês Centrais dos Partidos Comunistas nacionais, assinalando como prazo máximo para terminar estas eleições a data de 20 de maio.

f) Obrigar todas as organizações do Partido a acatar fervorosamente, de acordo com os estatutos, os prazos assinalados para as eleições de seus órgãos: nas organizações de base, uma vez por ano; nas organizações de distrito e cidade, uma vez por ano; nas organizações territoriais, provinciais e de Repúblicas, uma vez cada ano e meio.

g) Assegurar, nas organizações de base do Partido, a estrita observância do regime de eleições dos Comitês do Partido nas assembleias gerais de fábricas, sem permitir a substituição destas por conferências.

h) Acabar com a prática, estabelecida em uma série de organizações de base do Partido, de prescindir de fato das assembleias gerais, substituindo-as pelas reuniões nas seções das fábricas e por conferências”.

Começou assim a preparação do Partido para as eleições que se avizinhavam.

Esta resolução do Comitê Central teve uma importância política imensa. Sua importância se baseia não somente no fato de que dava início à campanha eleitoral do Partido para as eleições do Soviet Supremo da URSS., mas principalmente no fato de que ajudava as organizações do Partido a se reorganizarem, traçarem rumo para a democracia interna e marcharem, inteiramente armadas para as eleições do Soviet Supremo.

Desenvolvendo a campanha eleitoral, o Partido decidiu tomar como idéia principal de sua política eleitoral a idéia de um bloco eleitoral entre os comunistas e os sem partido. O Partido foi às eleições, formando um bloco com os sem Partido, aliado aos sem partido, decidindo apresentar candidaturas comuns com estes nos distritos eleitorais. Isto era algo sem precedentes e absolutamente irrealizável, na prática, nas campanhas eleitorais dos países burgueses. Em troca, o bloco dos comunistas com os sem partido constituía um fenômeno absolutamente lógico no país soviético, onde já não existem classes inimigas e onde a unidade política e moral de todas as camadas do povo constituem um fato indiscutível.

A 7 de dezembro de 1937, o Comitê Central do Partido dirigiu uma proclamação a todos os eleitores.

Nela se dizia:

“A 12 de Setembro de 1937, os trabalhadores da União Soviética, segundo a nossa Constituição Socialista, elegerão os deputados ao Soviet Supremo da URSS. O Partido bolchevique comparece às eleições formando um bloco, uma aliança com os operários, camponeses, empregados e intelectuais sem partido... O Partido bolchevique não se isola dos sem Partido: pelo contrário, comparece às eleições em bloco, aliado com eles, formando um bloco com os sindicatos de operários e empregados, com as Juventudes Comunistas e demais organizações e associações dos sem partido. Portanto, os candidatos a deputados serão comuns para os comunistas e para os sem partido; todo deputado sem partido será também deputado dos comunistas, da mesma sorte que todo deputado comunista será deputado dos sem partido”.

A proclamação do Comitê Central terminava com o seguinte apelo aos eleitores:

“O Comitê Central do Partido Comunista (bolchevique) da URSS convida todos os comunistas e simpatizantes a votarem nos candidatos sem partido com a mesma unanimidade com que devem votar nos candidatos comunistas”.

O Comitê Central do Partido Comunista (bolchevique) da U.R.S.S. chama todos os eleitores sem partido para votarem nos candidatos comunistas com a mesma unanimidade com que votaram nos candidatos sem partido.

O Comitê Central do Partido Comunista (bolchevique) da URSS apela para todos os eleitores no sentido de acudirem como um só homem às urnas, a 12 de dezembro de 1937, para elegerem os deputados ao Soviet da União e ao Soviet das Nacionalidades.

Não deve haver nem um só eleitor que não exerça seu honroso direito de eleger deputados ao órgão supremo do Estado Soviético.

Não deve haver um só cidadão ativo que não considere como seu dever de cidadão contribuir para que todos os eleitores, sem exceção, participem nas eleições ao Soviet Supremo.

“12 de dezembro de 1937 será um dia de festa grandioso, em que os trabalhadores de todos os povos da URSS se unirão em torno da bandeira vitoriosa de Lênin e Stalin”.

A 11 de dezembro de 1937, véspera do dia das eleições, o camarada Stalin falou em seu distrito eleitoral, tocando em seu discurso no problema das condições que os homens eleitos pelo povo para deputados do Soviet Supremo da URSS deviam reunir.

“Os eleitores, o povo – disse o camarada Stalin – devem exigir de seus deputados que estejam à altura de sua missão; que, em seu trabalho, não desçam ao nível dos filisteus políticos, que permaneçam em seus postos de homens políticos de tipo leninista, que sejam homens políticos tão lúcidos e tão preciosos como o era o próprio Lênin. Que sejam tão intrépidos no combate, tão implacáveis com os inimigos do povo, como o era o próprio Lênin. Que sejam refratários a todo pânico, a toda sombra de pânico, quando as coisas começam a complicar-se e no horizonte se divisa algum perigo. Que sejam como o era o próprio Lênin, refratários a toda sombra de pânico. Que quando se tratar de resolver problemas complexos, que necessitam de orientação em todos os seus aspectos e de ter em conta todas as vantagens, e todas as desvantagens, se mostrem tão prudentes, tão ponderados e refletidos, como o próprio Lênin. Que sejam sempre tão amigos da verdade e tão honrados como era Lênin. Que amem seu povo como Lênin o amava”.

A 12 de dezembro se celebraram as eleições para o Soviet Supremo da URSS. As eleições se desenvolveram em meio de imenso entusiasmo. Não eram simples eleições, mas uma grande festa, o triunfo do povo soviético, uma afirmação da amizade fraternal dos povos da URSS.

Dos 94 milhões de eleitores que compõem o senso, tomaram parte nas eleições mais de 91 milhões, ou sejam 95,8%. Destes, votaram pelo bloco dos comunistas e sem partido 89.884.000 eleitores, isto é, 98,6%. Somente 632 mil pessoas, ou seja, menos de 1%, votaram contra os candidatos do bloco, dos comunistas e sem partido. Foram eleitos todos os candidatos do bloco, sem exceção.

Deste modo, 90 milhões de homens ratificaram com seu voto unânime o triunfo do socialismo na URSS.

Foi uma grande vitória do bloco dos comunistas e sem partido.

Foi um triunfo do Partido bolchevique.

A unidade política e moral do povo soviético, da qual falara o camarada Molotov em seu histórico discurso do 20º aniversário da Revolução de Outubro, obteve nestas eleições uma brilhante afirmação.